



**PSICOLOGIA  
&  
SPIRITISMO**

**CARLOS TOLEDO RIZZINI**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

**Psicologia  
e  
Espiritismo**



CARLOS TOLEDO RIZZINI

**Psicologia**  
**e**  
**Espiritismo**



1ª edição  
10.000 exemplares

DEZEMBRO - 1996

Composto e impresso na gráfica  
da Casa Editora O Clarim  
(Propriedade do Centro Espírita  
"Amantes da Pobreza")  
C.G.C. 52313780/0001-23  
Inscrição Estadual 441002767116  
Rua Rui Barbosa, 1070 - Caixa Postal 9  
CEP 15990-000 - Matão-SP  
Fones (016) 282-1066/282-1471  
Fax: (016) 282-1647  
INTERNET e-mail (correio eletrônico)  
***clarim.mto@netsite.com.br***

FICHA CATALOGRAFICA

(C.D.D) CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DEWEY

133.901

PSICOLOGIA E ESPIRITISMO

Rizzini, Carlos Toledo

Casa Edite-a O Clarim

Matão — SP — Brasil

296 páginas — 13 x 18 cm

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

I33.9	Espiritismo
I33.90I	Filosofia e Teoria
I33.9I	Mediunidade
13392	Fenômenos Físicos
133.93	Fenômenos Psíquicos

## AGRADECIMENTOS

Além da equipe de nossos funcionários, a edição desta obra somente foi possível graças ao carinho e valiosa colaboração de um grupo de abnegados amigos desta Casa Editora:

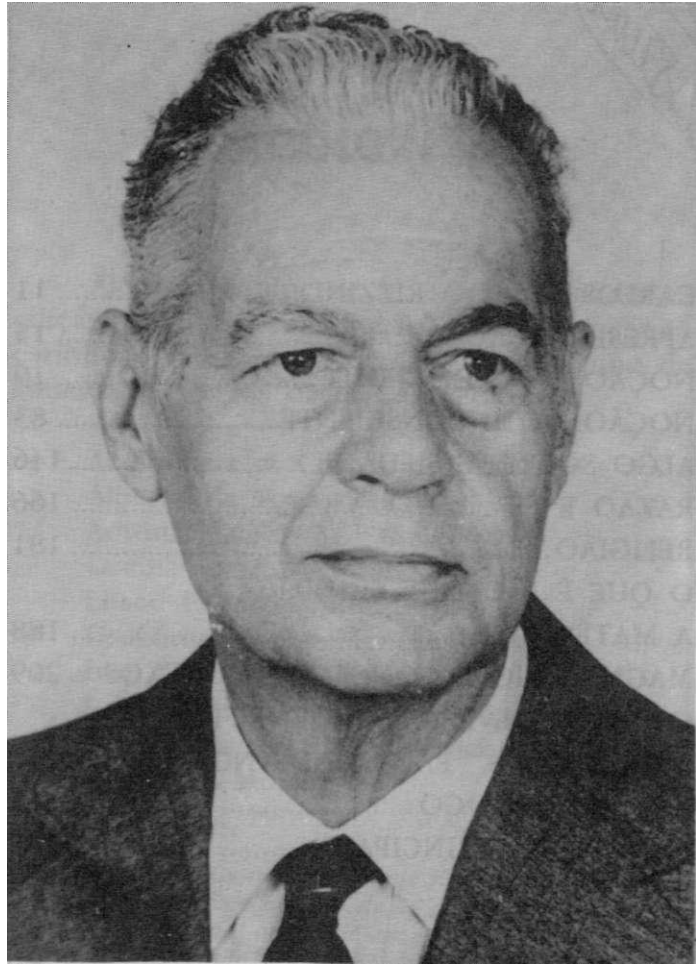
Aécio Pereira Chagas  
Alberto de Souza Rocha  
Antonio Lucena  
Cecília Rizzini  
Eliseu F. Mota Júnior  
Gregório Perche Meneses  
Ivan Costa  
Jorge Rizzini  
Otaciro Rangel do Nascimento  
Walter B. Mors

*Nota da Editora: Os originais deste livro nos foram encaminhados pelo autor no ano de 1991, portanto, antes de sua desencarnação ocorrida em 03-10-92. Os direitos autorais foram cedidos graciosamente pela viúva do confrade e amigo Dr. Carlos Toledo Rizzini, Sra Cecília Rizzini.*

## ÍNDICE

CARLOS TOLEDO RIZZINI.....	11
APRESENTAÇÃO.....	15
NOÇÃO DE CONSCIENTE.....	19
NOÇÃO DO INCONSCIENTE.....	83
ALGO SOBRE ANSIEDADE.....	146
RAZÃO E FÉ.....	166
RELIGIÃO.....	181
O QUE É E O QUE SIGNIFICA A MATÉRIA.....	188
MAGNETISMO E CONCEITOS CONEXOS ...	209
O DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TÉCNICO - PARA ONDE NOS LEVARÁ? EPÍLOGO.....	265
LITERATURA PRINCIPAL.....	287





## CARLOS TOLEDO RIZZINI

**E**m 1960, numa entrevista para a "Folha Espírita", de São Paulo, justificou sua convicção espírita, desde os 33 anos de idade, dizendo: "— Venho de família votada ao Espiritismo e, posto isto, desde a primeira juventude já conhecia a Doutrina codificada por Allan Kardec. Nessa época, contudo, dela não me ocupava (conquanto a aceitasse pura e simplesmente), pois ainda estava em fase de formação como cientista, trabalhando e estudando ativamente no setor profissional".

Carlos Toledo Rizzini nasceu na cidade de Monteiro Lobato, SP, em 18 de abril de 1921, filho de Joaquim Vicente Andrade Rizzini e D. Cecília Toledo Rizzini. Seu pai era médium psicofônico e vidente, inclusive de premonição.

Sua avó paterna já era adepta do Espiritismo, seu irmão, Jorge Rizzini, é conhecido médium e escritor espírita, residente em São Paulo.

Era casado com D. Cecília Rizzini, pintora famosa do Rio de Janeiro. Tiveram uma prole de

sete filhos: Irma, Beatriz, Cecília, Marta, Clarice, Irene e Lineu, todos casados. Deixou ainda, como descendentes, doze netos.

Formou-se em Medicina em 1947, pela Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro, que exerceu por curto tempo, dedicando-se depois à Botânica e áreas correlatas, sendo considerado notável cientista. Ingressou, por concurso, em 1947, como naturalista no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, chegando a ser seu Diretor. Foi membro da Academia Brasileira de Ciências. Sistemata exímio, identificava e classificava com extremo rigor e precisão vegetais de gêneros e espécies ainda não descritos. Tornou-se especialista em vários setores, destacando-se na classe dos líquens, entre os vegetais criptógamos, e nas famílias das Acantáceas, Lorantáceas e Cactáceas, entre os vegetais fanerógamos. Seus trabalhos científicos somam mais de cento e cinquenta, além de vários livros, adentrando também na difusão e divulgação científica. É bastante conhecida sua contribuição na definição de vocábulos da terminologia botânica no "Novo Dicionário da Língua Portuguesa", de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (Editora Nova Fronteira, RJ).

Além da obra científica, deixou também várias obras espíritas, sendo seu livro mais procurado "Evolução para o Terceiro Milênio" (Edicel, 1978).

Deixou ainda: "Fronteiras dos Espiritismo e da Ciência" (LAKE); "O Homem e sua Felicidade" (Correio Fraterno do ABC); "Você e a Renovação Espiritual" (Edicel); "A Cura pelos Fluidos segundo o Espiritismo" (Instituto Maria). Deixou no prelo: "Espiritismo, Hipnotismo e Reencarnação" (Petit Editora) e o "Homem e a Providência" (Reminiscências). Há ainda vários inéditos.

Dentre os livros que Carlos Rizzini deixou na área científica, destacamos os seguintes: "Manual de Dendrologia Brasileira — Árvores e Madeiras Úteis do Brasil" (EDUSP e E. Blücher, 1971), "Manual de Liquenologia Brasileira", em co-autoria com Lauro Xavier Filho (Univ. Fed. de Pernambuco, 1976), "Tratado de Fitogeografia do Brasil" (EDUSP e Hucitec, 1976), "Latim para Biologistas" (Acad. Bras. Ciências, 1975) e "Botânica Econômica Brasileira" (EDUSP e EPU, 1976, Âmbito Cultural Edições, 1995), em co-autoria com o químico Walter Mors, tendo sido traduzido para o inglês e para o alemão.

Participou das atividades do Centro Espírita "Aliança do Divino Pastor", no Jardim Botânico, e do Centro Espírita "Cristófilos", em Botafogo. Foi festejado expositor da Doutrina Espírita. Incontáveis vezes compareceu ao Instituto de Cultura Espírita do Brasil, como amigo e admirador do saudoso Deolindo Amorim, inclusive participando de Seminários.

Sua desencarnação ocorreu no Rio de Janeiro, no dia 3 de outubro de 1992, vítima de um enfarte do miocárdio. Deve ser destacado que nasceu ele em 18 de abril, data do lançamento de "O Livro dos Espíritos", e desencarnou a 3 de outubro, data do aniversário de Allan Kardec.

Deixou imensa saudade nos meios espíritas, por sua colaboração efetiva. Que os seus exemplos possam servir de estímulo aos companheiros da retaguarda, que trabalham ainda por um Mundo Melhor.

## APRESENTAÇÃO

Quem ouviu explicações científicas ou leu e certamente releu obras de Carlos Toledo Rizzini, notadamente as sucessivas edições de "Evolução para o Terceiro Milênio" — Edicel-DF, já pode imaginar a preciosidade de um outro trabalho que ele deixou para a posteridade, ao partir desta vida, e cujo título é "PSICOLOGIA E ESPIRITISMO".

Livro para ser estudado e meditado, já que por sua vez resulta de profundas reflexões, com a virtude de oferecer, em linguagem acessível ao grande público, o que tem hoje em dia a Ciência alcançado a reboque do que as Doutrinas Espiritualistas apontavam como caminho do progresso. Numa síntese objetiva, feita por quem passou por volumosos e complexos compêndios, para trazer-nos, numa cobertura abrangente, descobertas espetaculares a respeito das relações humanas, que outras não seriam senão aquelas ditadas como corolário pelos Espíritos Superiores a Allan Kardec, roteiro de todas as melhores

análises comportamentais. Nesse caso, a Psicologia vista de cima, a Psicanálise em termos práticos, a experiência de cada um em seu desdobramento natural a partir da certeza da sobrevivência da alma em ritmo de eterno evolver.

Pudesse um público bem maior, deixando as amarras do preconceito academicista e materialista de conveniência, despertar de um certo letargo e adentrar-se por novos conceitos, antecipando-se à era do Espírito para apreciar sob novos ângulos esse horizonte de conhecimentos que a Ciência, ela mesma, em última análise se vê obrigada a sancionar, ainda que muitas respeitáveis figuras do mundo científico se aborreçam com isso.

Sempre foi assim: todas as conquistas da ciência humana, e mesmo da tecnologia, encontraram barreiras maiores ou menores até atingir o consenso. A dúvida sempre permeou o caminho dessas conquistas. Este é o momento em que nos encontramos.

A verdade do espírito, confiemos, está bem mais próxima de ser aceita em termos de universalização pela Ciência.

Ciência Espírita é tudo isso. A parte experimental das pesquisas fenoménicas, que tanto honram e dignificam os pesquisadores, aí não se encerra. "O Livro dos Médiuns", pouco lido, seguido, observado, é peça fundamental daquilo que se conceitua como Ciência Experimental.

Mas o comportamento humano também pode e deve ser examinado sob a lente percuciente de uma Psicologia Espiritualista aplicada sem que se haja de sentir nenhuma contradição entre as correntes científicas, filosóficas e de outro lado a moral que dita o comportamento do homem na busca do homem integral.

Ultrapassados velhos e tradicionais preconceitos, a busca da verdade onde ela esteja, é a isso que se chega com a obra que a Casa Editora "O CLARIM" quer apresentar aos seus leitores neste ensejo. Todo o esforço não é em vão, desde que o homem, esse desconhecido, no dizer de Carrel, busque descobrir-se e se conhecer.

*O Editor*



## NOÇÃO DE CONSCIENTE

**P**sicología é a parte da Ciência que trata dos fenómenos mentais ou psíquicos, sendo estes produtos da atividade do cérebro (para os materialistas) ou do espírito (para os espiritualistas). Há numerosos tipos de psicologia conforme o ponto de vista em que se coloca o observador (ou onde concentra o seu interesse), não poucas vezes radicalmente distintos. Por exemplo, a psicanálise procura conhecer os processos que se passam na profundidade da mente, dos quais o indivíduo geralmente não tem noção lúcida; o behaviorismo (ou condutismo) só se interessa pelas respostas do organismo aos estímulos externos, desprezando todos os fatos da vida psíquica por considerá-los inacessíveis à experimentação. De sorte que a palavra psicologia, sem uma especificação adicional, nada significa. Na verdade, há muitos níveis complementares em psicologia, pelo que podemos escolher um adequado às nossas cogitações (tendo estas base segura) e ficar nele

ou mesmo combinar dois níveis; esta atitude, contudo, não obriga a pretender lançar por terra os demais, corretos dentro de suas metodologias e conceituações; apenas adotaremos um ponto de vista entre muitos à disposição. A nós importa, aqui, tão-somente conhecer as bases referentes às atividades e faculdades da mente que o homem põe em função durante sua vida, íntima e de relação, de modo a ser possível compreender a conduta moral do mesmo (e não o comportamento fisiológico).

Começaremos por considerar que o funcionamento da mente ou psiquismo é dominado, segundo todas as aparências, pelo que se denomina consciência. Esta constitui o foco de convergência e de irradiação de todos os fenômenos que se desenrolam na mente ou espírito. Qualquer fato, mesmo inconsciente, só adquire consistência e realidade pela relação que guarde com a consciência; sem tal relação, não o notaríamos. Conseqüentemente, embora autores competentes noutros setores psicológicos neguem importância a ela — e até mesmo a sua simples existência —, para os nossos fins ela serve como elemento de esclarecimento, dando-nos uma visão global do que se passa dentro do espírito humano segundo a maneira dele próprio entender-se a si mesmo. Isto possibilita usar conceitos e definições facilmente inteligíveis a qualquer pessoa que seja

capaz de se reconhecer, que possa identificar elementos e fatos psíquicos óbvios.

Define-se a consciência (psicológica) como sendo a capacidade que possui o espírito humano de se perceber a si mesmo; por exemplo, sei que penso, sofro, quero, etc, isto é, noto tais coisas dentro de mim. Sua principal característica é a síntese mental: a vida psíquica é una, o seu funcionamento é integrado. Todavia, para compreender as funções mentais englobadas pela consciência, é costume considerá-las em separado. Em cada ato mental podem-se reconhecer três elementos ou componentes: intelectual, afetivo e ativo, os quais são formas de manifestação da vida psíquica; quase sempre ocorre, num dado caso, preponderância de um desses elementos. Se subdividirmos os fatos psicológicos (fenômenos que se realizam durante a atividade mental) nas três categorias acima indicadas, então teremos a seguinte correspondência com as faculdades psíquicas:

Fatos psicológicos	Faculdades
Intelectuais	Inteligência
Afetivos	Afetividade
Ativos	Atividade

Abaixo segue um quadro sinóptico didático das funções da mente humana ao nível da

consciência, no qual estão incluídas curtas definições, cuja única virtude é a de nos familiarizar com conceitos e vocábulos usuais, muito empregados, e aos quais seremos obrigados a fazer menção em numerosas instâncias.

### 1. Funções gerais do psiquismo

1a. Atenção. Ação selecionadora (observação, contemplação, reflexão e meditação).

1b. Hábito. Ação assimiladora (atos e séries de atos conscientes que se tornam inconscientes por automatização).

### 2. Funções especiais ou faculdades

2a. Inteligência. Faculdade de adquirir conhecimentos: aquisição (sensação, percepção), conservação (memória), elaboração (associação de idéias, imaginação, abstração, generalização, juízo e raciocínio), expressão (linguagem). Pensamento é o resultado das operações intelectuais; é o produto da inteligência, a sua manifestação. Idéia é a representação mental de alguma coisa.

2b. Atividade. Faculdade de emitir atos (reações geradas pelo ambiente e ações livres da personalidade).

2b.a. Atos independentes da experiência: reflexos e instintos (atos congênitos, não aprendidos).

2b.b. Atos dependentes da experiência: hábitos (atos automáticos) e atos voluntários (de livre escolha, elaboração consciente). Vontade é o pensamento dirigido com força a determinado objetivo ou poder de determinar livremente a ação.

2c. Afetividade (sensibilidade). Faculdade pela qual se manifestam os estados agradáveis ou desagradáveis (percepção do prazer e do desprazer) ou somos afetados pelas solicitações do mundo exterior".

2c.a. Tendências. Disposições que orientam o indivíduo: apetites (da vida orgânica; manifestam-se pelas sensações) e inclinações (da vida psíquica; manifestam-se pelos sentimentos).

2c.b. Prazer e dor. Estados agradáveis ou desagradáveis ligados aos fenômenos afetivos.

2c.c. Sentimentos. Processos afetivos persistentes e pouco intensos.

2c.d. Emoções. Processos afetivos rápidos e muito intensos.

2c.e. Paixões. Processos afetivos persistentes e muito intensos.

---

*' Nota da Editora: A emotividade, na etapa cognitiva, gera um sentimento afetivo, como bem esclarece o autor; este pode ser a favor (prazer), a desfavor (desprazer) ou quicá de indiferença.*

A síntese de todos os fatos psicológicos constitui a personalidade, que pode ser normal ou anormal. Convém distinguir personalidade de individualidade. A primeira é a maneira pela qual um indivíduo se apresenta na Terra, ou seja, o encarnado. Vem a ser o aspecto transitório de uma individualidade, um homem comum, uma aparência física. Individualidade é o aspecto permanente do ser eterno. Assim, uma certa individualidade (ou espírito) possui muitas personalidades, cada uma correspondendo a uma vida e, logo, a um dado homem ou mulher. Graças à reencarnação, crescem e enriquecem-se progressivamente as personalidades. Cada uma destas é um capítulo de uma individualidade, que os tem numerosos. Seria inútil discutir a validade ou mesmo a precisão do arranjo dado acima e definições anteriores: ambos denotam um caráter informativo geral.

Algumas observações e dados adicionais serão úteis para ampliar a compreensão do texto subsequente.

A inteligência é a função mental que permite ao homem não somente aprender ou conhecer, dando-lhe compreensão, mas também enfrentar situações novas (condições de vida) pela variação do comportamento, o que se chama de adaptação; assim, desempenha ela duas atividades: a cognitiva e a adaptativa. Segundo alguns autores, ela só

estaria funcionando *com plena capacidade dos 40* anos em diante, época em que o cérebro se mostraria completamente apto. Isto porque as fibras de associação, que, relacionando os centros cerebrais uns com os outros, estão ligadas ao desenvolvimento da inteligência, são as últimas a sofrerem o processo de *mielinização* (mielina é uma substância amorfa que forma bainha em torno dos prolongamentos das células nervosas). Consoante pensam aqueles investigadores, o funcionamento das fibras nervosas depende deste processo, pois sabe-se que as fibras sensitivas e sensoriais se mielinizam cedo, seguidas das fibras motoras, ao passo que as associativas só o fazem na maturidade orgânica. De qualquer modo, a grande maioria dos trabalhos importantes é realizada nesta fase da vida, para o que haveria uma razão estrutural; e esta daria ao espírito tempo para preparar-se no sentido do desempenho da missão.

A inteligência apresenta grande variabilidade quanto ao desenvolvimento. Há uma inteligência concreta ou de superfície, que só permite compreender os efeitos imediatos dos fatos que os sentidos abrangem; esta destina-se a atender à vida cotidiana, material, e freqüentemente é a única evidente. Evolui para a outra forma, cada vez mais profunda e abstrata, a qual confere o poder de entender as *causas mais distantes* de muita coisa que nos impressiona. O critério que as separa reside na capacidade de compreender

as idéias gerais, tais como Deus, Cristo, espírito, evolução, substância, destino, imortalidade, livre arbítrio, causalidade, vida, morte, reencarnação, moral, etc. Advirta-se que a primeira não é necessariamente curta; em não poucos casos, ela se mostra extensíssima (daí o que se chama de "grande cultura").

A palavra razão é de uso vulgaríssimo e com numerosas acepções. Pode ser tomada simplesmente como sinônimo de inteligência, porém, corresponde propriamente ao segundo tipo — a faculdade intelectual por meio da qual o homem alcança a concepção das idéias universais ou gerais. Quando se fala de qualquer coisa racional quer-se fazer referência a um produto da inteligência abstrata ou razão: por exemplo a ciência é a atividade racional por excelência. Segue-se daí que a razão distingue o homem dos animais, porquanto, estes não deixam de possuir sua dose de inteligência concreta; o princípio espiritual, em toda a série zoológica, é um mesmo e único, variando o grau de evolução.

É bom reter que a mente humana tem capacidade limitada para adquirir e armazenar informações. O processo de aprendizagem preserva somente os fatos e habilidades que se repetem freqüentemente (veja hábito à página 22, acima, e às páginas 44 e seguintes, abaixo) ou são particularmente importantes. O interesse é a mola de tudo na vida



e é ele que determina o esforço necessário. Quando se quer aprender, aprende-se mesmo sob condições desfavoráveis; mas ao estudante desinteressado tudo é inútil. Diz o psicólogo G. A. Miller (1967): "Para a maioria dos estudantes, o estudo é uma experiência dolorosa e o meio social raramente encoraja-os a sofrer a dor até que aprendam a amá-la".

A afetividade ou vida afetiva é a faculdade de ligar qualquer sensação ou representação à qualidade de ser agradável. O pensamento encerra sempre um componente afetivo; qualquer um pode dizer, por exemplo, se lhe agrada mais um triângulo ou uma esfera.

Os sentimentos são os processos psíquicos permanentes ou de longa duração, difusos e mais ou menos intelectualizados. As emoções são processos explosivos, breves ou circunscritos, que constituem verdadeiros estados psicofisiológicos em vista de acompanharem-se de manifestações orgânicas difusas (palidez, rubor, frio, calor, suor, hipotensão, arrepio, tremor, rigidez, etc).

Os sentimentos dão forma e orientam o funcionamento da inteligência, do mesmo modo que as emoções dão colorido à vida mental. Sendo os sentimentos precários, voltados para a satisfação do próprio eu, a inteligência revela-se prática (veja acima) e atende somente a fins determinados pela vida comum. Se eles forem elevados e ultrapassarem os limites do eu, ela será idealista

e não cuidará tanto de finalidades imediatistas.

Não se pode separar, como tantos pretendem, razão de sentimentos, a não ser para reduzir aquela ao raciocínio dialético apenas. A razão desenvolve-se nas escolas da vida e do estudo; não sendo um atributo fixo, evolui e aprimora-se. Ela combina, coordena, condensa, analisa e retém a experiência, o sentimento, a imaginação, o desejo e a vontade. Equilibrada, sabe integrar tudo isso harmoniosamente.

*Instintos.* Entre as atividades orgânicas inatas, existentes desde o nascimento por independermos de experiência prévia, temos os reflexos e os instintos. Os primeiros são respostas de partes musculares e glandulares a excitação específica oriunda do meio exterior ou interior. O vômito exemplifica os dois casos; origem externa quando se ingere algo impróprio; origem interna múltipla, como em vários estados mórbidos. A passagem de um cálculo pelo ureter origina terríveis ânsias ou contrações gástricas sem vômito (o mesmo sucede tocando o ureter com o dedo durante uma operação cirúrgica). Quando a luz é fraca ou intensa, a pupila aumenta ou diminui o diâmetro de maneira a permitir a passagem de maior ou menor cota de luz; quando se bate com força na rótula, a perna salta; quando tocamos um objeto quente, retiramos bruscamente a mão, etc; quando sentimos o gosto de algo apetecível,

as glândulas salivares produzem saliva abundante; quando os lábios da criancinha são tocados, ela começa a mamar em seco. Vê-se que os reflexos são atos inconscientes e automáticos que dizem respeito ao organismo, embora o centro de reação esteja no sistema nervoso central e eles achem-se sujeitos aos estados emocionais (por exemplo, o medo e a cólera perturbam a digestão). Podem também ser desencadeados por ações psíquicas: se lembrarmos de repente de algo gostoso, que apreciamos particularmente, podemos "ficar com água na boca"; se recordarmos uma coisa repulsiva, podemos sentir náuseas. Estes e outros reflexos que englobam atos aprendidos, oriundos de experiências anteriores, dizem-se *condicionados*, abaixo descritos. Tudo isso vale para animais e os homens.

Os instintos são mais complicados e difíceis de aprender. Pode-se defini-los de mil maneiras e destacar muitas de suas particularidades, das quais supomos serem as subseqüentes as mais esclarecedoras; como são incomparavelmente mais nítidos nos animais, começaremos por estes.

No reflexo, o estímulo desencadeia sempre um rápido movimento ou secreção. No instinto, o estímulo, sobre ser menos mecânico e mais complexo, nem sempre determina a ação; geralmente, liga-se ele a certas épocas da vida. Os atos instintivos mostram-se também mais complicados e duradouros. Assim, o último passa-

se mais na esfera mental. O estímulo interno define uma necessidade: a sensação de fome manifesta a necessidade de alimento; o que suprime a necessidade se chama satisfação ou gratificação; um copo d'água satisfaz a sede. O estímulo interno pode ser determinado por ação de hormônios.

O instinto apresenta algumas características que ajudam a compreendê-lo:

1. Não é aprendido. A aranha tece a teia sem nunca ter visto outra realizar tal operação.

2. Não inclui qualquer raciocínio. O gato recém-nascido não pensa em procurar a teta materna.

3. Processa-se para atender determinada finalidade. A teia da aranha é a armadilha para a captura do alimento; o gatinho morreria se não mamasse desde logo.

4. Apresenta grande tenacidade na consecução do seu objetivo; se alterarmos sua marcha, o animal insistirá denodadamente; se o tornarmos sem finalidade, ele prossegue tenazmente.

5. É perfeito e não erra dentro da marcha estabelecida para o fim ao qual deve atender; fora dos limites do trabalho que tem em mira, sua eficácia decai.

6. Possui, segundo Freud: uma fonte de excitação dentro do organismo; uma finalidade, que é a supressão dessa excitação; um objeto,

representado pelos meios de realizar a satisfação.

O instinto é tenaz e sábio e realiza um trabalho admirável. Vejam a delicadeza e complexidade de muitas teias de aranha e a "técnica" de construção de colmeias, formigueiros e formigueiros, nestes últimos havendo até plantas cultivadas e insetos domesticados e criados. Quanto à tenacidade, basta ver que o marimbondo-caçador não desiste de uma aranha à qual começou a dar combate (mesmo que não a possa usar depois para pôr seus ovos ou que a postura resulte inútil: o instinto não raciocina); e que a vespa caçadora de grilos (na época da postura) continuará firme por mais que lhe tomemos o grilo anestesiado (ela dá-lhe uma injeção com o ferrão): quantas vezes lhe retirarmos a vítima, tantas vezes ela o retomará para levá-lo à toca ou procurará outro. E isto é assim ainda quando haja perdido a finalidade; mesmo esvaziando o ninho de uma vespa ela procederá à oclusão do orifício de entrada.

Contudo, sabe-se que os instintos não são uma atividade psíquica pura e exclusivamente mecânica, invariável. Se as linhas gerais mostram-se sempre as mesmas, há numerosas variações nas minúcias menores e dois indivíduos podem diferir a tal respeito, ocorrendo certa diferenciação individual. Por exemplo, certa espécie de abelha francesa, que utiliza resina de cipreste na confecção dos

ninhos, foi vista uma vez empregando graxa de lubrificação recolhida numa estrada de ferro próxima. Segue-se que o progresso não está interdito aos animais; se bem que muito lentamente, podem sofrer modificações: de pronto, não sabem enfrentar alterações, pois isto é a função adaptativa da inteligência desenvolvida.

O entomólogo Hingston (1931) apresenta o seguinte paradigma indicativo da maneira pela qual um instinto poderá ter evoluído em espécies afins de formigas orientais. Trata-se do instinto que conduz uma formiga a mobilizar suas companheiras para transportar uma presa por ela encontrada; as séries de atos vão-se tornando cada vez mais eficientes.

Veamos a operação em *Camponotus sericeus*. Uma formiga depara com uma presa. Vai ao ninho anunciá-la e retorna com uma só companheira. Nesta espécie, a descobridora é a guia, caminhando à frente da outra, que de quando em quando toca a cauda da primeira. A orientação faz-se pelo tato, razão porque, se a segunda atrasa-se, a primeira pára e espera que o contacto seja restabelecido.

Em *Camponotus paria* as coisas passam-se como acima, mas as duas formigas em viagem não se tocam, mantendo um intervalo de até 5-7 cm. A orientação realiza-se por meio do olfato (faro).

Já *Camponotus compressus* leva o instinto

um pouco mais longe. A descobridora do achado traz consigo, não uma apenas, mas pequeno número de formigas (20 a 30). A primeira serve de guia às demais, que não a tocam, a orientação sendo obtida pelo faro.

Com *Pheidole indica* a complexidade aumenta. Em seguida à volta ao ninho para anunciar a descoberta de uma presa, a formiga inicial não serve de guia. Um verdadeiro exército de formigas, no meio do qual está aquela, sai do ninho e dirige-se diretamente para o achado. A orientação é conseguida por meio do faro, capaz de perceber o traço deixado no ar pela primeira formiga quando regressou da presa ao ninho.

O comportamento dessas quatro espécies permite tenhamos uma idéia circunstancial da progressiva complicação por meio de graus sucessivamente desenvolvidos. Em *C. sericeus*, o instinto é simples: um inseto conduz outro usando o tato, de modo que eles são estreitamente dependentes. Num grau acima, como vemos em *C. parva*, eles mostram-se mais independentes por se guiarem pelo olfato. Com o apuramento deste (*C. compressus*), já diversas formigas seguem a primeira, aumentando consideravelmente a eficiência da operação de remoção da presa. Em *P. indica*, o instinto atingiu a perfeição: grande número de trabalhadores caminha rapidamente, sem hesitação e sem guia, bastando-lhes

o traço ou rasto deixado no ar pela primeira.

De acordo com o antecedente, podemos definir o instinto como "a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles" (Kardec, "A Gênese"). Portanto, é um conjunto de atos alheios à inteligência destinados a perfazer determinada finalidade e desencadeados por um estímulo interno (ou excitação central). Daí emana o papel importante dos hormônios no caso, ou seja, de substâncias químicas especiais produzidas pelo organismo, que atuam sobre o sistema nervoso e outras partes orgânicas, gerando modificações nas funções e no comportamento. Mas, não deixa de corresponder ou estar em relação com o ambiente; muitas vezes parece ser uma reação às condições e ações deste último, isto é, resposta a um estímulo externo.

Quanto à natureza do instinto, as opiniões variam tanto que conferem ampla liberdade de aceitação da que mais agrada. Kardec ("O Livro dos Espíritos") declara que o instinto "é uma inteligência rudimentar", "é uma inteligência não racional", cujas manifestações são espontâneas e não deliberadas, como o são as da última categoria. Contudo, Kardec não conheceu o reflexo e o mistura com o instinto ao dizer, por exemplo que "o piscar das pálpebras para moderar o brilho da luz" é um ato instintivo, quando é um



reflexo (o estímulo, a luz, é externo). Todavia, convém notar que para os behavioristas (condutistas) um instinto não passa de uma cadeia de reflexos, desencadeados por fatores mesológicos. Mas, isto não melhora a compreensão.

Para Freud, é uma quantidade de energia que se orienta em certa direção. É o representante mental dos estímulos oriundos do interior do organismo, os quais, penetrando na mente, fazem-na gastar certa soma de energia. Assim, o estímulo proveniente da área genital apresenta-se na mente como excitação sexual; a intensidade desta excitação indica o esforço exigido à mente (energia consumida) para aliviá-la mediante a atividade erótica adequada. Um impulso, ou melhor, pulsão conforme Freud, palavra tão contraditória, vem a ser o estímulo interno gerado pela pressão do instinto, isto é, o estado de súbita tensão psíquica de origem interna, que ordena imperiosamente uma satisfação externa (gesto, palavra, deslocamento, etc).

McDougall considera o instinto uma disposição inata associada a uma emoção primária ou fundamental; por exemplo, a emoção do medo acompanha-se do instinto de fuga, que põe em ação. Como o funcionamento do psiquismo é integrado, inevitavelmente os diferentes processos ou categorias relacionam-se uns com os outros, mas o problema é definir de que tipo são tais relações.

Uma série de autores ilustres relaciona a origem e a natureza dos instintos animais com certa dose de inteligência; para eles, não há diferença essencial entre atos instintivos e atos inteligentes, tratando-se aqui de um rudimentar raciocínio objetivo, concreto. Roger julga-os "dois aspectos ou dois estádios diferentes dum mesmo processo psicofisiológico." Diz Ubaldi (1935): "Instinto e razão são duas fases da consciência." Veja acima as citações de Kardec.

O entomólogo inglês Hingston (citado à página 32), que observou meticulosamente a vida dos insetos no Oriente durante 17 anos, alcançou as seguintes conclusões: 1) "todos os espíritos são feitos da mesma substância"; 2) "É impossível explicar os fenômenos psíquicos pela ação tão-somente das leis físicas e químicas" (foi o que Rhine posteriormente demonstrou através da experimentação parapsicológica); 3) os insetos possuem memória e consciência, não diferindo essencialmente do homem, mas apenas por questão de grau; 4) que está "nos atos deliberados da inteligência a fonte de cada instinto"; 5) que "de fato, o comportamento automático deriva de um comportamento que foi inteligente de início."

Cope, o famoso evolucionista norte-americano do século passado, assegurava que a consciência foi um fator primordial na evolução. Na sua opinião os movimentos atualmente inconscientes foram, no começo, conscientes e, posteriormente,

à força de repetição, tornaram-se inconscientes, automáticos. A progressão evolutiva teria consistido na passagem sucessiva de ações do consciente para o inconsciente, da inteligência para os automatismos; as atividades tornadas inconscientes são substituídas por outras conscientes e voluntárias, as quais, por sua vez, tenderão à automatização.

Essa é a doutrina explanada em *A Grande Síntese*. Afirma ali Ubaldi que o instinto "age sem reflexão porque já refletiu o bastante" e que "o animal raciocina rudimentarmente no período de construção do seu instinto". Para Romanes, discípulo de Darwin, os instintos secundários resultam de adaptações inteligentes freqüentemente repetidas e que se fazem automáticas, dispensando o pensamento consciente. Delanne tinha as mesmas idéias.

Assim como os citados, vários outros consideram que os atos instintivos são uma forma fixada de atos primitivamente conscientes, cuja repetição — como resposta a uma ação ou condição exterior persistente — foi suficientemente prolongada. Quanto ao mecanismo desta transformação de uma categoria psíquica flutuante, ao sabor das circunstâncias externas, em uma outra fixa internamente, pode-se obter pálida idéia dele observando como hoje formam-se os hábitos e as relações destes com os instintos; ver-se-á isto

adiante. Para nós, não é difícil admitir tal origem dos instintos uma vez que sabemos ser o homem oriundo do reino animal por evolução, da qual é o produto final e caracterizado por dilatada cota de razão; mas, muitos homens têm ainda quase que somente inteligência objetiva, mediante a qual lidam com o mundo sensível à sua volta e com finalidades imediatas, não se apartando muito dos animais superiores. Alguns pensadores inverteram a fórmula indicada, vendo a questão pelo avesso: para Condillac, o instinto seria um começo de inteligência e para Viaud, a inteligência é um prolongamento do instinto. O ilustre biólogo Cuénot (1932) critica a teoria supra-exposta observando: "Há qualquer coisa de bizarro nesta idéia de degradação psíquica, que faz os animais atuais, tal como os insetos ricamente equipados com instintos, descendentes de ancestrais inteligentes." Ao contrário, tratar-se-ia de enriquecimento do psiquismo pela aquisição de processo psíquico mais eficiente; e não se envolve a inteligência abstrata, mas a capacidade de escolher, repetindo-a, a melhor solução diante de situações vitalmente sérias mediante experiências bem e mal sucedidas. E menos ainda pretende-se uma descendência rica em instintos a partir de ancestralidade dotada de inteligência; cuida-se da progressiva fixação e aperfeiçoamento desta sob a forma daqueles num mesmo psiquismo

animal que vive infinito número de existências. Mais tarde, no seu canto do cisne, o grande livro "L'Evolution Biologique" (1951), Cuénot diz que os instintos, por todos os títulos paralelos aos atos da "inteligência a mais penetrante", são realmente cadeias de reflexos provocados por estímulos sucessivos, sobre os quais o animal tem um vago controle, podendo, contudo, em certos casos apresentar uma compreensão parcial do que faz. A seguir, declara que as modificações individuais são excepcionais, mas que "anunciam um processo novo, a inteligência."

Agora temos a considerar o homem mais de perto. Reina a maior liberdade na identificação dos instintos humanos. Roldan (1966), por exemplo, propõe, como instintos de conservação, coisas como amor, egoísmo, soberba, instinto sexual, de defesa, de ataque, de nutrição, etc, que ou não cabem no conceito de instinto ou são excessivamente vagas.

Na realidade, por mais que se procure, no homem, só três grupos de atividades merecem a classificação de instintivas: fome, sede e reprodução. Estas possuem fonte de excitação, finalidade conservadora e objeto para satisfação. Além disso, não exigem aprendizado nem raciocínio (em sua forma espontânea), têm apreciável tenacidade e não erram dentro da seqüência natural de atos necessários à satisfação.

Ao demais, os autores mais recentes não fazem referência a outra coisa.

Tais são os instintos presentes no homem. Todavia, no chamado "civilizado" eles apresentam-se mais ou menos intensamente intelectualizados, isto é, modificados pela influência da razão. E tanto mais refinados e alterados quanto mais esta é desenvolvida e domina a personalidade. É bem de ver que o homem citadino não realiza o ato sexual com a simplicidade do animal; este é guiado por impulso interno com objetivo certo, sem interferência de outros elementos psíquicos: realizado o ato, está tudo acabado; já o homem racionaliza intenções e desejos para obter o máximo prazer, pelo que modifica o curso natural com práticas artificiais e complica tudo. Portanto, nenhum dos seus instintos equivale aos dos animais.

Erich Fromm, psicólogo cuja doutrina psicanalista baseia-se na sociologia e antropologia, acentua a importância das diferenças entre instintos animais e humanos. Declara que a forma de expressão e de satisfação dos instintos é determinada culturalmente e, pois, varia enormemente pelo mundo.

O homem, como os animais, tem certas necessidades fundamentais. Em ambos, os instintos representam necessidades biológicas, mas no homem não têm módulos fixos, específicos e

herdados de ação, por meio dos quais sejam satisfeitas. Considera o instinto uma categoria psíquica em declínio, senão em extinção mesmo, nos animais superiores — e especialmente na espécie humana. Segue-se que a adaptação desta à natureza depende essencialmente do processo de aprendizagem e não do instinto.

O animal vive em relação harmoniosa com o seu ambiente (ainda que seja comido por outro); o patrimônio instintivo dirige eficientemente (como mostramos acima) o seu esforço para sobreviver e torna-o parte fixa e imutável de seu mundo restrito. Nele, há uma cadeia ininterrupta de reações que começam com o estímulo, a fome por exemplo, e terminam por uma linha de ação mais ou menos rigidamente determinada, a qual põe fim à tensão gerada pelo estímulo. Isto é assim quanto às reações já fixadas desde muito tempo sob a forma de instintos, mas não exclui a possibilidade de desenvolver novas reações individuais (veja Reflexos Condicionados, abaixo).

Eis as funções que distanciam o homem do animal: a consciência de si próprio como entidade distinta de tudo o mais; aptidão para recordar o passado, visualizar o futuro e designar objetos e atos por meio de conceitos; a razão para conceber e compreender o universo; e a imaginação, mediante a qual ultrapassa o âmbito dos sentidos. Por tudo isto, o homem não é parte

fixa e imutável do seu mundo amplo, ao contrário dos seus irmãos inferiores; a razão, a consciência e a imaginação ocuparam o lugar dos padrões de ação relativamente uniformes, mediante os quais os animais estão ajustados ao seu meio — e romperam o ajustamento harmonioso do homem com o resto do mundo. Criou-se um antagonismo entre aquele e este, que a própria razão (inteligência, etc.) terá de resolver.

No homem, a cadeia de reações é interrompida: o estímulo existe, mas a satisfação deve-se processar por meio da escolha de uma dentre várias linhas de ação. Ao invés de uma ação instintiva e predeterminada, ele é compelido a examinar mentalmente as várias maneiras possíveis de proceder: começa a pensar; de uma adaptação passiva, passa a outra ativa: produz. Inventa ferramentas e assim vai superando as limitações que a natureza impõe, pois ele é o mais frágil e desvalido dos seres ao nascer; quanto mais alto sobe-se na escala do desenvolvimento animal, tanto menos completo é o desenvolvimento estrutural por ocasião do nascimento, o que, no homem, atinge o máximo.

Pensa Fromm, ao contrário de Freud, que grande parte das lutas humanas não pode ser explicada pela força dos instintos. Quando as necessidades humanas de alimento, bebida e sexo estão satisfeitas é que realmente começam os



problemas mais urgentes: luta pelo poder e prestígio, amor, destruição, ideais religiosos e políticos, etc.. O problema fundamental da psicologia humana não reside na satisfação ou frustração dos impulsos e necessidades instintivas, visto que a aprendizagem cria novos problemas e necessidades tão ou mais prementes do que as exigências da fome, sede e sexo; num mundo dinâmico, constantemente mutável, surgem sempre crescentes problemas e possibilidades de adaptação. Os impulsos que dão forma às diferenças individuais, como ódio e afeto, desejo de poder e de destaque, submissão, prazer sensual, e t c , são "produtos do processo social". Tanto as mais elevadas como as mais baixas inclinações humanas não são partes de uma natureza invariável e "recebida biologicamente", mas originam-se do processo social que forma o homem; paixões, ansiedades, a natureza humana enfim, são um produto cultural (cujo desenvolvimento histórico a Ciência fez desfilar completamente). De fato, os homens precisam uns dos outros para progredirem; são as inter-relações de variado tipo, os entchoques, as lutas inter-humanas e reações recíprocas que aprimoram o espírito humano (por isso, confessou André Luiz, ao libertar-se dos níveis inferiores, que relacionava adversários como benfeitores...). Embora a sociedade possa desempenhar papel supressor, sua função criadora é notável. Em suma, no homem, o

equipamento instintivo acha-se muito atenuado e modificado a favor de outras categorias mentais.

A nós parece que seria razoável englobar as observações anteriores na seguinte fórmula, mais precisa e esclarecedora. Desde que o indivíduo emergiu da coletividade, no processo histórico, como entidade destacada das demais, desenvolveu-se o senso ético, conforme já mencionado. Podem os nossos não diferirem essencialmente dos instintos animais, porém, divergem muitíssimo em suas manifestações e exigências. Surgiu, portanto, um novo campo para o desenvolvimento da ação instintiva: o moral, guardando proporção com o progresso psíquico de cada indivíduo e ausente nos domínios zoológicos. Isto é natural em vista da necessidade de relacionamento cada vez mais estreito com o próximo, acima referida. Cremos que a evolução do espírito humano prossegue no sentido de substituir os instintos animais (egoístas, pois eles não dispõem de noção do bem e do mal) por hábitos morais (em cuja base está a noção de dever para com o semelhante); os primeiros são conseqüência da evolução orgânica, os segundos serão as aquisições definitivas da evolução espiritual, que dá continuidade àquela.

Temos falado de hábito, com relação aos instintos. Tal palavra significa a capacidade de conservar e reproduzir, com facilidade crescente,

atos ou atividades exercidas com frequência anteriormente. Todo ato (ou série de atos) automático e adquirido pelo exercício, é um hábito. Logo, é individual e, embora lembre um instinto, difere deste porque o último é congênito e comum a todos os espécimes da mesma espécie (pelo menos quanto ao plano geral). Em síntese, todas as ações repetidas numerosas vezes automatizam-se: deixam de ser conscientes, como eram no princípio, e aperfeiçoam-se. Naturalmente, a formação de hábitos está em conexão com as tendências individuais e com as aptidões oriundas das experiências passadas (há pessoas que não conseguem aprender a tocar piano, montar a cavalo, etc, enquanto que outras aprendem rapidamente: estas têm aptidão, ou seja, experiência acumulada). E a repetição dos atos, que cria e aperfeiçoa os hábitos, significa que eles são úteis e vantajosos, do contrário seriam abandonados ou pouco exercitados. Segundo a natureza das pessoas e o grau de utilidade, para a constituição de um hábito podem bastar umas poucas repetições; é grande, pois, a participação do psiquismo, a atenção e o interesse desempenhando papel relevante na fixação dos atos, úteis ou aderentes às inclinações.

Admite-se que os hábitos tenham magna importância na vida humana; William James, por

exemplo, pensava que 99% de nossa atividade envolve hábitos. Como meio de ajustamento ou adaptação valem muito, porquanto permitem plasticidade orgânica e facilidade de movimentos que, de outro modo, não haveria. Dão continuidade às ações da vida, ligando umas às outras, facilitando o desempenho. E são instrumentos de progresso, pois têm a função de evitar recomeços contínuos; simplificam todos os processos de aprendizagem: nadar, falar, escrever, trabalhar, cavalgar, dirigir veículos, e t c

Consideremos o ciclista nos primeiros dias de aprendizado. Presta atenção aos pedais, ao freio, à direção e ao caminho a percorrer. Seus gestos são hesitantes e dependem da ação consciente; se alguém distrair a atenção dele, retirando-a da bicicleta, poderá cair ou perderá momentaneamente o equilíbrio. Em pouco tempo, diferente para cada pessoa, todos os gestos automatizam-se e encadeiam-se na devida ordem, podendo ele cavalgar e mover o veículo sem a menor intervenção intelectual. Podemos supor que as ações repetidas em demasia passam para o inconsciente em forma de aptidão; este aperfeiçoamento deixa livres os movimentos do ciclista, que, treinado, anda por uma estrada conversando e atentando para a paisagem, com inteira despreocupação.

Num curso de datilografia, para evitar que o aprendiz fixe a atenção no teclado, este costuma ser coberto com uma lâmina. Com ambas as mãos, ele bate, durante certo tempo, em partes sucessivas do teclado. Depois de automatizados todos os gestos, correspondentes a cada tecla, ele passará a escrever de verdade usando todas, mas ainda sem vê-las. Quando a tampa é retirada, o novo datilografo é capaz de escrever sem olhar para o teclado: fá-lo automaticamente, sem pensar na máquina, mas pensando no que vai escrevendo. Formou-se o hábito de datilografar pela automatização de todos os gestos necessários na devida ordenação, graças ao que pode usar suas faculdades racionais noutra atividade. Ao sentar diante da máquina, da mesma forma que ao cavalgar uma bicicleta, o homem treinado comporta-se como se pusesse em função um instinto — algo assim como faz um animal que corre árvore acima para construir um ninho ou que cobre a fêmea mediante uma série de atos encadeados ou que arrasta uma presa de certa maneira. A diferença reside em que, no caso do homem, ele *delibera* escrever ou tomar a bicicleta, pois o hábito é aprendido e depois torna-se inconsciente; e, no caso do animal, este não precisa pensar, porquanto o instinto é inato e inconsciente. Mas, nos seus aspectos essenciais, as duas operações psíquicas são semelhantes.

Pode-se, conseqüentemente, admitir que o instinto seja um hábito mais antigo, adquirido outrora pela repetição no curso de muitas existências, ficando a aptidão crescente conservada no psiquismo imortal. Não que o animal tivesse, tal o homem, deliberado adquirir um dado hábito frente a uma situação vital para ele — embora Hingston (1931) veja "nos atos deliberados da inteligência a fonte de cada instinto"; fê-lo tão-somente empregando sua rudimentar inteligência objetiva ou concreta, graças à qual pode, através dos sentidos, assegurar-se do que é melhor para sua garantia. A repetição de um ato significa que ele é vantajoso, tendendo a conservar-se enquanto durarem as condições ambientais que determinaram sua exteriorização. Quando uma condição exterior solicita-o, ele ressurge como instinto. Assim como os homens de uma comunidade ou nível social realizam aproximadamente os mesmos atos fundamentais, também os animais de dada espécie, que vivem num ambiente bastante uniforme, operam de idêntica maneira — mais estreita porque não têm liberdade de decisão além do imediatismo das circunstâncias. Por isso, os hábitos congênitos ou instintos variam pouco de um para outro indivíduo, mas sempre há pequena amplitude de variação individual, conforme assinalou-se atrás.

Não se pode ignorar nestas questões o fator tempo. A guarnição instintiva dos animais consumiu muitos milhões de anos para formar-se; a razão humana, que vai modificando aquela, conta sua história por alguns milhares de anos apenas e só nos últimos séculos assumiu preponderância.

Edmond Perrier (1888), conhecido zoólogo francês, apresenta extenso capítulo, em seu tratado, sobre instinto e inteligência nos animais. A tese que acabamos de expor se acha ali intacta. Após descrever o instinto — "faculdade bem distinta, em aparência, da inteligência quando estudada apenas em um certo número de manifestações e considerada somente em seu estado atual" — declara "exageração manifesta" a doutrina de Descartes e Buffon, que vê nos animais meros autômatos: cada ato destes seria consequência fatal do funcionamento dos órgãos, o resultado da fixidez das formas orgânicas (o que hoje é inadmissível frente à teoria da evolução). Ao contrário, "muitos animais, mesmo assaz inferiores, têm uma incontestável inteligência", assertiva que os modernos behavioristas e reflexólogos não desejam ouvir. A seguir, mostra que os instintos não são absolutamente imutáveis, podendo revelar certas modificações de quando em quando. Demonstra também que não estão inteiramente ligados à forma ou à disposição dos órgãos. Tudo isto com minúcias e exemplos.

Os casos observados de modificação num instinto são importantes. Um pássaro usa fibra vegetal para tecer o ninho; de repente, começa a empregar fio de lã, um produto da indústria humana (veja acima, o exemplo da abelha que usou graxa). Um outro pássaro troca filamentos vegetais por crina de cavalo, na América, onde o mamífero foi introduzido pelos colonizadores. Julga Perrier que tais alterações nos costumes inatos envolvem comparação e raciocínio "muito simples"; um ato de inteligência permitiu substituir o material milenar por um novo, tornado disponível. Modificou-se, portanto, o instinto pela inteligência, realizando-se um progresso: os novos materiais de construção são excelentes e fáceis de obter.

O poder da inteligência de modificar o instinto leva a crer que não sejam faculdades totalmente distintas entre si; podendo a primeira aperfeiçoar o segundo, pergunta-se se este não será uma criação daquela: não será o instinto o resultado de múltiplos e obscuros esforços da inteligência, acumulados durante enorme número de gerações por uma longa sucessão de indivíduos da mesma espécie? De fato, diz ele, numerosos atos inteligentes parecem-se muito com atos instintivos. É o que vamos notar num pianista noviço, por exemplo, cujos esforços vão-se tornando cada vez mais suaves e mais desligados da atenção à



medida que os exercícios se sucedem; a repetição facilita sempre e acaba ele executando uma peça maquinalmente. Esta ausência de consciência é um dos caracteres mais nítidos do instinto e podemos assistir, no pianista (veja acima o ciclista e o datilógrafo), a metamorfose gradual dum ato inteligente em um ato instintivo (ou melhor, séries de atos). Tal sucede com todos os novos atos habituais. Da mesma maneira pela qual um cavalo percorre, numa noite escura e sem errar, um caminho complicado mas conhecido, um homem pode fazê-lo sem prestar atenção se já o fez muitas vezes antes.

A semelhança entre o instinto e o hábito fizera Condillac definir o primeiro como "um hábito privado de reflexão". Na mesma ordem de idéias, Perrier proclama: "o instinto é um hábito hereditário". Acima dissemos que o instinto é um hábito antigo, fixado há muito, etc. Completa o zoólogo esclarecendo que o hábito supõe uma série de esforços intelectuais, pelo que se conclui das duas definições que a formação dos instintos envolve "um primeiro rudimento de inteligência".

A seguir, tratando dos fenômenos inconscientes, afirma que a ausência de consciência (seja das imagens sensoriais, seja dos atos efetuados, seja da finalidade) não serve de critério para separar instinto de inteligência; devem ser considerados

"simplesmente como duas formas extremas da atividade psíquica relacionadas por uma multidão de intermediários." Aceita a opinião de Cuvier e Flourens, segundo a qual "quanto mais a inteligência aumenta, tanto mais o instinto diminui, havendo uma relação inversa entre as duas faculdades". À medida que a inteligência cresce, modificam-se as condições de hereditariedade; a aptidão inconsciente para formar uma combinação de atos determinados é substituída pela aptidão para agir diferentemente segundo as circunstâncias: é o ponto de partida de Erich Fromm (confira).

O comportamento, por exemplo, das formigas — a maneira pela qual elas se auxiliam em trabalhos superiores à capacidade individual; o modo de enfrentarem sucessos imprevistos, hesitando e consultando-se entre si antes de agir — levou Perrier a identificar nelas "uma inteligência assaz desenvolvida". De fato, é curioso como distinguem ciclamato (adoçante artificial) de açúcar, sendo ambos doces e sem cheiro, mas só o segundo servindo como alimento; derramando um líquido açucarado, acorrem sem qualquer hesitação e entram a saboreá-lo; derramada uma solução adoçada com ciclamato, café por exemplo, uma ou outra aproxima-se, mas afasta-se logo e nenhuma volta. Reputa ele que a inteligência tomou incremento maior nos animais de vida social; quase todos os nossos animais domésticos eram sociáveis em estado selvagem.

Ao concluir, escreve que "em todos os animais, as manifestações mentais, desde as mais humildes às mais elevadas, são todas da mesma natureza". Inicialmente, são inconscientes e limitadas às ações e reações mais imediatas do organismo e do meio no qual este vive. Tais operações, sempre repetidas, incrustam-se no sensorio do animal e chegam a fazer parte dele: temos aí o instinto. A este estado rudimentar sucede "uma noção mais clara" das relações organismo/meio; a consciência começa a destacar-se; os atos instintivos podem ser agora ligeiramente modificados e melhorados. Se as causas destas modificações persistem, elas, primeiro inteligentes, saem da consciência e tornam-se instintivas; o instinto altera-se, mas ainda prevalece. Vai a consciência aos poucos ampliando-se, as idéias ficando mais claras, e a inteligência mistura-se em todos os graus com o instinto. Afinal, chega o momento em que aquela assume a hegemonia e domina o último, isto é, o que o instinto tem de fixo desaparece mais ou menos completamente sob o fluxo variável de incessantes inovações. Este livro de Emond Perrier é destinado ao ensino em escolas adiantadas e não à propagação de idéias pessoais, fato que leva a supor haver o autor, competente investigador, ponderado bem sobre as questões explanadas.

Desse ponto prosseguem Geley, Delanne e Ubaldi. Vejamos algumas comprovações. "No animal superior, cavalo, cachorro, macaco, elefante, etc, a realização da consciência fez imenso progresso. As faculdades lógicas e de raciocínio desempenham já um papel importante. Ao mesmo tempo, o papel aparente do instinto diminui. Suas manifestações não são contínuas nem dominantes: fazem-se limitadas e intermitentes." É o que afirma Gustave Geley ("Do Inconsciente ao Consciente"), agregando que isto é indispensável à evolução e que o predomínio do instinto implica no "estacionamento do progresso intelectual". Vê-se, posto isto, que as idéias de Fromm acerca das relações instinto/inteligência no animal e no homem não são tão novas quanto nos querem fazer crer...

Algumas citações de Gabriel Delanne completarão toda a exposição sobre instintos e hábitos. "No animal, toda ação implica vontade, consciência, raciocínio, inteligência" e "no animal, toda ação é o resultado de um prévio julgamento que implica vontade, consciência, raciocínio, inteligência". Vejam "O Espiritismo perante a Ciência". O erudito autor compara a aquisição do instinto pelo perispírito à maneira pela qual "a criança aprende a ler" — movimentos inicialmente intencionais e custosos, muito repetidos, e depois mecânicos; através de inúmeras vidas

o perispírito, "sob influência da vontade nascente", fixa os movimentos sob a forma de automatismos. Diz que os hábitos, gerados pela repetição voluntária de uma série de atos, acabam, em gerações sucessivas, como instintos. Faz a seguinte comparação: "o movimento é voluntário quando se sabe como e porque é feito; habitual quando é feito sem se saber como; instintivo quando feito sem se saber porque; reflexo ou automático quando feito sem o saber". Em "A Evolução Anímica", alonga-se muito mais sobre as questões aqui ventiladas, no mesmo sentido. Afirma, por exemplo, que "Os instintos naturais são, portanto, mais ou menos modificados ou aperfeiçoados pela inteligência. Se as causas que acarretaram essas modificações são persistentes, vimos que elas se tornam inconscientes e se fixam no invólucro fluídico. Assim, ficam sendo verdadeiramente instintivas". A luta pela vida é o único meio pelo qual a alma jovem pode desenvolver suas faculdades latentes, como, mais tarde, o sofrimento o é para o progresso intelectual e moral, afirma Delanne — pois, "todos saímos do limbo da bestialidade." Adiante: "Definimos estas ações, hoje inconscientes, mas, primitivamente, voluntárias e tornadas instintivas por efeito de repetições inumeráveis"; a seguir, encara instintos e hábitos como tendo a mesma gênese. Finalmente, para não repetir muito,

esclarece que em cada encarnação adquirimos hábitos de natureza variada, fato de grande importância na vida do espírito: "Todos esses movimentos foram originariamente conscientes, desejados. Depois a repetição criou um hábito... Acabaram tornando-se inconscientes."

Acima dissemos de hábitos morais, ao referir o novo campo de ação e o novo rumo da evolução do espírito humano. Convém acentuar que o mesmo processo, de transmissão do consciente para o inconsciente das experiências vividas e assimiladas por constante repetição, continua vigorando em o nível ético. Eis porque a "A Grande Síntese" afirma: "A prática constante da moral confere ao homem atitudes morais", ou seja, cria o hábito de agir corretamente, sem pensar e sem esforço — e já mencionamos o valor educativo do hábito. A vontade, instruída pela compreensão (que procede do conhecimento), pode determinar uma conduta moral, ainda quando a tanto se oponham tendências inatas (oriundas do passado ignaro e culposos); isso é difícil de início e durante muito tempo, pois, o "instinto" (hábito antigo) é tenaz e exigirá intensa luta. Mas aos poucos vai-se vendo o resultado aparecer e os automatismos contrários caírem, cedendo lugar aos novos e bem orientados. Nada poderá ser expulso do espírito, mas, sim, transformado. É agindo em sentido contrário, conduzidos por

boa orientação, que o conseguiremos. E onde achar semelhante orientação? Estamos lutando por mostrar que a única fonte dela está no Evangelho, que cumpre compreender e aplicar.

Emoções. Aqui temos outro grupo de processos mentais da máxima importância, considerando a magna participação que têm em tudo quanto o homem pensa e faz.

Animais e homens primitivos seriam movidos principalmente por instintos de conservação e reprodução, impulsos compulsivos que ordenam fuga, ataque ou posse. Não são meros reflexos, embora expressem-se em forma de atos automáticos, em virtude das grandes variações individuais quanto ao modo e intensidade que exibem na espécie humana. Por isto, tais reações merecem o nome de emoções. Três destas são fundamentais por englobarem uma infinidade de situações de fuga, agressão e posse: medo, cólera e afeto (amor). Têm elas praticamente estado por detrás de toda a atividade do homem, até hoje, sobre a Terra. Todavia, a vida em sociedade gerou outra força, o dever, cuja função principal é reprimir ou orientar, conforme o caso, as três anteriores; tendo surgido muito depois e sendo de origem externa, não se pode chamar emoção. A conduta humana está muito ligada às imensas e variadíssimas inter-relações desses quatro elementos que estão dentro da

alma humana. Um quinto elemento é a razão, que dirige a nossa vida de relação na ausência daqueles outros, os quais, quando emergem do fundo do ser, a dominam mais ou menos completamente e passam a comandar o comportamento.

As emoções fundamentais procedem do primeiro dia da evolução na série animal. Segundo Mira y Lopes (1949), é a seguinte a escala evolutiva das reações emocionais: 1) a mais primitiva e básica é a reação emocional imobilizadora, suspensora da atividade vital e destruidora da individualidade, conhecida pelos nomes de pânico, terror ou medo, conforme a intensidade; 2) depois vem a reação extensiva, dita cólera, ira ou raiva; 3) segue-se a mais eficiente para o desenvolvimento da atividade intelectual, a reação atrativa, afetuosa, social, integradora, ou amor, que permite ao indivíduo, resolvido o problema interno de sua existência imediata, estender-se no tempo e no espaço, estabelecendo vínculos com o mundo à sua volta. Tais são as *emoções primárias*, que assumem uma multidão de formas e podem ser identificadas no recém-nascido, conforme demonstrou Watson. No adulto, muitos outros estados afetivos podem ser classificados como emocionais, desde que sejam intensos e rápidos, como a emoção sexual, mas, no fundo, relacionam-se com aquelas.



Por falar nisso, cumpre consignar que J. B. Watson, psicólogo norte-americano que fundou o citado sistema conhecido como behaviorismo, foi o primeiro a identificar, na criança recém-nata, três tipos de respostas globais que emergem em seguida à aplicação de estímulos específicos. Watson considerou-as como reações expressivas das chamadas emoções primárias e elas podem ser associadas a três tipos de conduta posterior.

1. Reação de choque — Obtida quando se suspende o bebê pelos bracinhos e deixa-se cair no ar, aparando-o abaixo (ou por meio de um forte ruído grave). Ocorre brusca suspensão das atividades vitais manifestas: param a respiração e a musculatura, ficando a criança imobilizada, os músculos lisos paralisam-se (intestinos, circulação e glândulas ficam parados). Processa-se uma inativação geral com parada das funções psíquicas (nas crianças maiores). Equivale à inibição dos microorganismos quando ameaçados por um estímulo nocivo, que é uma propriedade geral da substância viva. Ao final, podem sobrevir movimentos desordenados e intensos, convulsos, ou estado soporífico; nas maiores, fuga em direção oposta ao estímulo perturbador.

2. Reação agressiva — Surge quando o nenê sofre imobilização forçada de seus membros, não mais podendo se mover livremente. Ao desagrado crescente soma-se um aumento na intensidade

das atividades gerais do organismo: respiração e circulação aceleram-se, aparece congestão por vasodilatação periférica, sudorese, movimentos violentos e gritos. Embora oposta à anterior, pode terminar como esta. Aqui temos uma excitação geral com intensificação das funções orgânicas, inclusive psíquicas. Equivale igualmente a uma propriedade fundamental da matéria viva, derivada da irritabilidade (ou propriedade geral das células reagirem aos fatores do meio ambiente).

As duas reações representam conflitos não resolvidos com o meio exterior. Na inibição, a oposição tende à eliminação do sujeito; na excitação, à eliminação do objeto. Contudo, a reação agressiva é um progresso na adaptação, pensa Watson, ao ambiente porque põe o indivíduo em contacto com o objeto, embora com o fim de afastar o estímulo perturbador ou nocivo.

3. Reação afetuosa — Conquanto mais inconstante do que as anteriores, pode ser despertada por meio de leves carícias no queixo, peito, nádegas, etc, do recém-nascido. Observa-se, então, progressiva suspensão dos movimentos espontâneos, relaxamento muscular, expressão tranqüila, pulso lento, respiração ampla e, afinal, sono. Supõe-se que ela seja um sinal de adaptação melhor ao ambiente; outros julgam que indique o primeiro sinal de manifestação sexual no ser humano.

Nota-se que na reação afetuosa há alguns elementos das duas anteriores, mas integrados com outros novos que lhe dão feição peculiar; assim, ocorrem fenômenos de inibição, cujo caráter é diverso. A resposta afetuosa não determina desgaste do potencial vital, pois coloca o organismo em condições ideais de funcionamento. Por isso é encarada como a que melhor garante a sobrevivência dele no ambiente em que jaz, favorecendo uma extensão do âmbito vital e psíquico no processo de exploração e descobrimento do mundo objetivo.

A cada uma destas reações corresponde uma emoção primária: medo, ira e afeição, as quais dominam três tipos de conduta: de inibição (fuga), de agressão (ataque) e de afeição ou amor (compreensão).

Medo — Sem dúvida, a primeira célula, ao sujeitar-se a uma alteração do meio onde estava (por exemplo, aumento de temperatura, frio, redução do teor de oxigênio, modificação da salinidade ou da acidez, etc.) cessou temporariamente suas atividades vitais; por outras palavras, imobilizou-se. Um protozoário ou alga, unicelulares, sofre inibição (suspensão dos movimentos) em resposta ao impacto de um agente externo perturbador. Aí está "a primitiva raiz biológica do fenômeno emocional do medo", como exprime Mira y Lopes.

Com o desenvolvimento do sistema nervoso, as reações passam a ser condicionadas e desaparece a necessidade da ação direta dos fatores depressores. O animal, daí por diante, antecipa o efeito destes últimos; estabelece ele, inconscientemente, uma relação entre as circunstâncias e a ação danosa (reflexo condicionado), de modo que bastará um estímulo ligado a esta para que se desencadeie à reação inibidora (redução das manifestações vitais). Por outras palavras, antes de sofrer algo — ocorre a previsão do possível dano. E isto constitui o que se chama medo, perfeitamente notório nos vertebrados.

Já o feto humano apresenta reações inibitórias. Um recém-nascido, como vimos acima, deixado cair alguns palmos e novamente seguro, exhibe sinais muito nítidos de pavor (susto): palidez intensa, parada respiratória e cardíaca, depois aceleração, inatividade gástrica e glandular, etc. A desnutrição, o frio e o cansaço aumentam tais reações ou exigem estimulação mais fraca.

A reação de fuga, nos animais, surge como uma conduta global derivada de uma intencionalidade que pressupõe certo sentido teleológico de seus atos — pois, destina-se ao afastamento do animal da área perigosa ou da situação que teme (aprendeu a temer). Assim, os dispositivos

neuromusculares são acionados na direção oposta àquela de onde provém ou poderá provir o estímulo fóbigeno (causador de medo).

Processa-se, portanto, a substituição da passividade inicial (inibição, imobilização) pela defesa pessoal ativa ante a iminência do evento nocivo, o que deve ter consumido longo tempo no curso da evolução. A fuga deixa de ser interna para tornar-se externa.

Pensa Mira y Lopes que o animal foge, não porque tenha medo, mas para escapar a este, deixando de ser vítima indefesa e assumindo atitude capaz de livrá-lo sem maiores danos. Em suma, ele fugiria por ter medo do medo. Deduz daí que a fuga não é sinal característico do medo, mas indício seguro de sua inteligência por parte do animal; este processo não é obrigatoriamente consciente ("o homem foge muitas vezes sem o saber").

Admite-se que o processo de aprendizagem dos animais está baseado na fixação de experiências por meio do estabelecimento de uma série, constantemente modificável, de reflexos condicionados. Estes constituem um novo processo psíquico de relacionamento com os fatores do ambiente, permitindo rápido ajustamento a situações inabituais. Por isso, vêm somar-se ou completar as primitivas reações automáticas (instintos), pelo que assumem a significação de

uma razoável maneira de ampliar o acervo instintivo dos animais, dando-lhes oportunidade de adquirir os resultados de novas experiências vividas em face a situações ainda não experimentadas. São algo assim como uma porta aberta à evolução psíquica, fazendo com que os animais superiores não sejam simples mecanismos cujo funcionamento fosse sempre o mesmo por serem movimentados pelos instintos estereotipados. Portanto, os reflexos condicionados pressupõem certa dose de inteligência nos animais que os fixam, o que é compreensível visto se formarem no córtex cerebral, sede do consciente.

Os reflexos anteriormente mencionados são congênitos e desde logo inconscientes, não dependendo de nenhuma experiência prévia. Os condicionados revelam a fixação desta pela passagem do consciente para o automatismo. O cão novo saliva sempre que se lhe coloca na boca um pedaço de carne pela primeira vez: reflexo salivar, inato. Ao cheirar a carne pela primeira vez, não emite saliva; mas salivará sempre que sentir o odor de carne após haver ingerido esta: reflexo condicionado, adquirido, pois surgiu depois de uma experiência (ao ingerir sente o cheiro; depois basta o último). Se, durante um certo número de vezes, tocarmos uma campainha ou acendermos uma lâmpada enquanto o cão come (e salivará nesta ocasião)

— em seguida, ele produzirá saliva apenas ao ouvir o som ou ver a luz, sem comer. Solução acidulada provoca salivação em qualquer um; se durante alguns dias pusermos tal solução colorida de azul ou verde na boca do animal, mais tarde ele salivará recebendo simplesmente água colorida.

Tais são exemplos experimentais muito simples; os seguintes são mais complicados. Consideremos um adulto habituado ao uso da morfina por injeção. Se lhe injetarmos, com a encenação natural e ignorância da fraude, apenas água, ele terá as mesmas sensações às quais está acostumado e não protestará. O efeito está ligado ao ato da injeção tanto quanto à ação do alcalóide; inicialmente este é indispensável, depois bastará a injeção de água. Infelizmente, o benéfico reflexo não dura muito. Os reflexos condicionados explicam porque o ruído de uma torneira aberta faz contrair dolorosamente a bexiga cheia de urina: o ruído de urinar condiciona-se ao ato e basta o ruído semelhante da torneira para evocar a sensação desagradável de "vontade de urinar". Usa-se mesmo tal expediente para apressar a micção de criancinhas que, postas no urinol, protestam ou adormecem; muitas mães sabem que o som da água jorrando freqüentemente determina a emissão de urina. O fato de a criança poder estar dormindo prova que o fenômeno é inconsciente, o que tem sua importância, como veremos a seguir.

Os reflexos condicionados estão ligados a certos casos de fraude mediúnica inconsciente ("animismo") (""). Sucede às vezes um médium gesticular e mesmo falar, como é seu costume estando sob influência de um espírito, sem que realmente o esteja (um vidente daria conta da situação). É que a prece em voz alta, a concentração mental e a manifestação real formam um encadeamento propiciatório ao desenvolvimento de tais automatismos. Daí acontecer, de vez em quando, entrar o médium em gesticulação sem influência estranha ao concentrar-se e ouvir as palavras da oração. É bom acentuar que não ocorre má-fé nestes casos esporádicos; por não estar consciente do fenômeno, cumpre não seja o médium traumatizado moralmente recebendo observações injustas."

---

*'Nota da Editora: O autor usa a expressão "animismo", propositadamente entre aspas, no sentido vulgar que a palavra assume no linguajar comum.*

*Como se sabe, Aksakoff deu-lhe sentido específico, que o autor explica satisfatoriamente em "Evolução para o Terceiro Milênio".*

*"Nota da Editora: No caso em tela o autor, com muita felicidade, distingue as situações, prevenindo-nos com relação a conceituações apressadas, ainda que possa caber cuidadosa reeducação do médium, de caráter amoroso. Nada feriria mais o trabalhador de boa vontade que um estigma dessa natureza.*



Da precedente explanação concluímos que os reflexos condicionados são de magna importância para os animais superiores, nos quais se reconhece geralmente uma certa faixa de consciência. Constituem a maneira pela qual eles enfrentam situações novas e assimilam as experiências decorrentes delas. Não estão, portanto, condenados a uma eternidade sem progresso. Kardec ("A Gênese"), ao admitir que o espírito humano "se individualiza e elabora passando pelos diversos graus da animalidade", sugere que "haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal"; a seguir, diz que tal concepção se funda na lei de unidade da natureza e concorda com a justiça e bondade de Deus, acrescentando: "dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam então de formar uma categoria de seres deserdados, para terem, no futuro que lhes está reservado, uma compensação a seus sofrimentos". Delanne ("A Evolução Anímica") desenvolve amplamente essa tese e, após, Geley e Ubaldi. Conseqüentemente, como se disse acima, tais reflexos são comparáveis a uma porta aberta à evolução dos animais superiores. Kardec ainda sugere que "é provável que os primeiros homens aparecidos na Terra pouco diferissem do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência"; hoje, a paleontologia descobriu e reconstituiu

vários homens fósseis, alguns bastante simiescos.

Cumpra-se atentar para o fato de que, no homem, o condicionamento existe mas foi superado, conforme explicado páginas atrás, pelo uso das faculdades conscientes na qualidade de fator evolutivo. Tanto no animal quanto no *Homo sapiens*, as experiências são consideradas como aptidões inconscientes para reagir frente a determinados estímulos. A diferença, contudo, é enorme: o último elabora-as e as conforma pela utilização do raciocínio, memória e imaginação, e ainda agrega comportamentos derivados de noções éticas e estéticas.

Os reflexos condicionados, tratados anteriormente, têm ingerência nesta questão. Suponhamos que, ao abrir o portão pela manhã, escorracemos o cachorro com gritos, pontapés e varadas. Em poucas repetições, ele recuará temeroso ao ver abrir o portão, levantar o pé, ouvir gritos ou notar uma vara suspensa. Todos esses atos ter-se-ão transformado em estímulos efetivos na determinação do medo e da fuga, porque estiveram associados a uma situação dolorosa anterior; terá fixado a experiência pelo condicionamento e a usará posteriormente, já agora bastando uma parte da mesma para desencadear a reação defensiva. Se sofrerá medo sem necessidade em várias ocasiões, por outro lado furtar-se-á à dor quando houver perigo real; assim, os reflexos

condicionados demonstram possuir grande valor vital para os animais. Um animal selvagem, sabe-se, acossado por cães ou ferido por caçadores aprende a escapar antes que nova situação idêntica chegue a ameaçá-lo seriamente; para apanhá-lo será preciso inventar outro ardil, sendo mesmo conhecidos animais que escapam sistematicamente. A importância dos reflexos condicionados em o nível animal é ampliada pela tendência que eles possuem para a sistematização; isto quer dizer que eles podem formar grupos de reações que entram em função mediante apenas um dos estímulos que intervieram na formação do conjunto funcional. Muitos sustos do homem, por motivos insignificantes, prendem-se ao citado mecanismo psíquico. A criança que teve experiências punitivas com um adulto faz gestos de defesa quando este levanta o braço ofensor apenas para saudar ou coçar. Tudo isto leva longo tempo para o condicionamento.

Segue-se que o medo, e as conseqüentes reações de fuga e defesa, desempenhou papel importante no curso da evolução das espécies, porquanto, em o nível animal e humano inferior, a luta é fator evolutivo, levando ao desenvolvimento da inteligência concreta, mediante a qual o ser vivo ganha novas possibilidades de intensificar o próprio progresso em um nível mais elevado. Luta contra o ambiente hostil, no

qual operam forças e elementos da natureza, e contra os seres vivos; essa luta expressa-se desde logo na cadeia alimentar, pois uns alimentam-se de outros, desde o mais insignificante até o mais evolvido. Para a criança também ele é útil, bem como ao adulto em face de variadas situações.

Porém, em relação ao último, surgem complicações adicionais, ao que parece não de todo justificáveis — porque já aqui não se trata de evolução, mas de resíduos dela, mal elaborados.

Entra em cena a imaginação, mediante a qual imagens, datas, lembranças diversas, pensamentos, etc, combinam-se e dão origem a novas edificações mentais independentes de estímulos procedentes do ambiente circunjacente. Sucede, contudo, que geralmente a imaginação guarda estreita relação com as tendências, boas ou más, que dirigem a ação pessoal; daí comumente levar o indivíduo, não a construções agradáveis, mas a temores, suspeitas, dúvidas, presságios — ao medo, enfim. E pior: medo imaginário, contra o qual não consegue a razão sossegar o espírito provando sua falta de fundamento; a fantasia cresce alimentando-se à própria custa e com ela o sofrimento íntimo. Sobretudo temem os homens o que ignoram, muitas vezes nada existindo fora da imaginação; para escapar destas autocriações fora preciso fugir de si mesmo.

Em conclusão, as causas do medo são intrínsecas, pertencem à estrutura pessoal mesma, visto provirem da reunião de vários processos surgidos no decorrer do prolongado curso da evolução biológica e psíquica.

Quanto aos motivos, o homem pode temer tudo, incluindo suas fantasias mentais: morrer de sede ou fome, de ficar no escuro, de ver espíritos, de não ter sustento para os filhos, de ser feio, de não saber algo, de fracassar, de não poder se decidir, de passar sob uma escada, de tomar injeção, de ir ao médico, de pagar a conta, de gostar de alguém, da morte, do nada, da loucura, da solidão, da própria vida, enfim, e de mil circunstâncias desta. É evidente que tudo isto está relacionado com desagradáveis experiências passadas, da presente ou mais comumente de outras vidas, ainda não reformadas por novas experiências salutares ou modificadas racionalmente pela assimilação de conhecimentos esclarecedores (educação); tais estados dependem, portanto, do caminho evolutivo percorrido e do aproveitamento deste pelo esforço despendido no auto-aperfeiçoamento.

Dessa multidão de formas conscientes da emoção medrosa, distingue Mira y Lopes (*ibidem*, obra citada) as seguintes modalidades básicas. Medo instintivo, equivalente à forma primitiva de manifestar-se a inibição sob a ação direta de um fator mesológico nocivo; surge rápida e

automaticamente, sendo idêntico em todos os seres: quando percebido, já emergiu a reação (o cavalo treme e sua ao ver cobra ou pressentir onça; o raio desperta movimentos de temor em muitos homens, etc.). Medo racional, condicionado pela experiência e baseado na razão, ocorre quando se fala dele; é a reação ante o perigo, enquanto o primeiro o é perante o dano, donde a tendência à fuga prévia, profilática ("prudência"); por ser pensado antes de ser sentido, dá tempo de organizar a reação ("precaução"). Medo imaginário, já referido, em que o objeto se encontra ligado ao estímulo fóbigeno por meio de uma cadeia de associações longa e distorcida, razão do absurdo e insensatez de que se reveste; aqui temos as superstições, de gente tanto culta quanto inculta, e as fobias. O medo é contagioso entre pessoas do mesmo nível psíquico (multidões em fuga a um grito de alarme, mesmo falso).

A intensidade da invasão pelo medo percorre fases sucessivas (muitas vezes simultâneas, segundo a rapidez): 1º - estado de prudência (o sujeito torna-se modesto, autolimita-se); 2º - estado de concentração (torna-se cauteloso, preocupado, ansioso); 3º - estado de alarme (torna-se alarmado, desconfiado, inseguro); até aqui, o indivíduo mantém-se controlado em seus movimentos; 4º - estado de angústia (o sujeito está angustiado,

afrito; surgem sinais de cólera); 5ª - estado de pânico (a conduta torna-se automática, descontrolada; domina o ser inconsciente); 6ª - estado de terror (sobrevêm inércia; o indivíduo está "petrificado de terror" ou "morto de medo").'

A luta contra o medo é demasiado importante. Em nosso atual nível evolutivo geral, ele é um elemento perturbador ou mesmo destrutivo porque pertence a um nível inferior, que devia estar superado. Surgindo no plano do consciente como fonte de insegurança, insuficiência, frustração e impotência, torna o homem civilizado mesquinho, inativo, descontrolado, incapaz, instável, inquieto, neurótico, com vontade de anular-se, desaparecer ou reduzir-se ao nada. A luta contra ele está na ação confiante e inteligente; dito de outro modo, mais claro: em procurar o cumprimento de seus deveres, ainda com "medo" deles, em esclarecer-se pelo estudo e, se puder, em

---

*Nota da Editora: A propósito do medo, aliás, do pânico, Laycock, citado por V. de Lima e a seguir por Delanne, narra o seguinte episódio curioso: palhas servidas em jaulas de leões foram levadas até uma estrebaria e com elas forrado o abrigo dos cavalos; ao sentirem eles o cheiro dos leões nas palhas impregnado, tomaram-se de pânico. Certo que gerações de cavalos selvagens teriam sido vítimas do felídio, que não aqueles domesticados. Infere-se daí que a memória dita "orgânica" é bem mais psicobiofísica, despertando o instinto de conservação.*

espiritualizar-se, procurando o apoio do Alto; o auxílio de outra pessoa é útil quando esta é capaz de emitir conceitos estimulantes (psicoterapia) e incapaz de transmitir insegurança e pessimismo. Confira André Luiz em "Nosso Lar".

*Cólera ou ira* — Tem a mesma raiz biológica que o medo. Começa com a irritabilidade celular, propriedade que leva qualquer célula a reagir aos estímulos mesológicos. No caso do medo, a célula primeva refreiu (inibição); aqui, ela acelerou suas atividades, isto é, sofreu excitação. Nos animais superiores, mais próximos de nós outros, existe uma forma de excitabilidade intimamente motivada, ou seja, formada de impulsos e necessidades que aparecem periodicamente no organismo sem dependência de causas exteriores. Nesta caso, é a ausência de certos estímulos (de alimentos, por exemplo) que irrita o animal e o conduz a atacar o ambiente onde vive. Mais um passo na senda evolutiva e temo-lo a procurar o domínio e a organização do meio no seu interesse. Deste processo deriva a agressividade, a conduta de ataque ou invasora, conquistadora. No homem, ela apresenta notável aperfeiçoamento, sob o impacto da cultura, em forma de desejo de poder; por isso, além da agressividade, comum aos animais, há outro elemento, ausente nestes, que é a ambição (querer sempre mais).



Todavia, a insaciabilidade do espírito humano, fazendo-o ambicionar demais, leva-o a padecer mais temores e a ser mais irado que todos os outros animais reunidos; essa insatisfação é um fator evolutivo, pois, não permitindo ao homem gozar suas conquistas, acaba conduzindo-o à procura de novos valores (espirituais). Assim, a cólera manifesta-se sob o disfarce da ânsia de domínio (prepotência) como evolução da agressividade pura e simples.

O medo antecede a ira: possuídos dele, facilmente emerge esta. Quando um obstáculo se nos antepõe, quando algo limita ou menospreza o eu, então surge a cólera, desde o simples enfado até a raiva descontrolada. Unida ao amor vira ciúme; ao dever, intolerância; à religiosidade, fanatismo.

Entre as numerosas formas de ira, ostensivas ou inaparentes, merece destaque o ódio por ser raiva concentrada, crônica, capaz de levar o indivíduo a um estado de tensão e conflito. É característica do ódio criar uma cadeia, invisível mas firme, que une dois como sombra e corpo. Surge ele quando alguém leva outro à frustração em qualquer setor e a vítima, não podendo descarregar a cólera, interioriza-a. É próprio dele ser tanto maior quanto mais semelhantes são o odiado e o odiando; de fato, no fundo, aquele que odeia reconhece certo valor no seu objeto de ódio, mesmo imanifestamente. Por isso, dois

rivais são mais ou menos equivalentes em intenções e possibilidades; e, assim, há mais ódio entre espíritos do mesmo nível, da mesma família, profissão, etc., (vejam os ódios entre religiosos de credos diferentes, ainda que os princípios básicos sejam os mesmos; é o que se dá com chineses e russos). Tais relações explicam porque do ódio nasce o amor e este pode se transformar naquele. Em suma, o mundo atual está cheio de ódio porque, no curso de numerosas existências, os homens vêm bigodeando o direito e frustrando as esperanças uns dos outros; de semelhante círculo férreo de causa e efeito só escaparão quando aprenderem a respeitar-se mutuamente: até lá, vão-se punindo reciprocamente através dos renascimentos sucessivos, que colocam sempre desafetos em contacto bastante estreito. Além disso, o ódio (rancor, se inteiramente interiorizado e impotente) é um veneno corrosivo para alma e corpo: angústias, tremores, pesadelos, úlceras, hipertensão, depressão, etc, são algumas conseqüências menores.

Semelhante ao ódio, porém mais difuso e menos intenso (e, como ele, mais um estado passional do que emotivo; veja adiante), é o ressentimento. Trata-se do estado afetivo do homem posto, ou que se julga posto, em situação de inferioridade (minusvalia) em virtude da oposição entre a vontade de poder e a hostilidade

do ambiente, do que promana o sentimento dos fracos em relação aos fortes, dos pobres perante os ricos, dos doentes em face dos sadios, etc. Ao ressentimento deve-se o surto explosivo de idéias que representam inversão de valores, tão sofregamente absorvidas pelos fracos, oprimidos, pobres, incultos, desvalidos sociais, e outros, com manifestações ruidosas ou violentas contra tudo o que representa dinheiro, poder, cultura, progresso, etc. O vigor destes movimentos provém da transformação catatímica por que passam os valores (veja adiante), donde a inclinação para elevar o miserável, o fraco e o inculto a posições que lhes não correspondem.

Afeto. Um protozoário, como a ameba, apresenta inibição e excitação, longínquas raízes biológicas do medo e da ira. Chega o momento, porém, em que, alcançadas as dimensões plenas da célula, um novo fenômeno impõe-se: a reprodução. Isto é, atingida a plenitude do desenvolvimento, a célula biparte-se e gera duas células-filhas, as quais crescerão, viverão independentemente e, um dia, multiplicar-se-ão por sua vez. Assim, para uma que desaparece — surgem duas jovens; morre o indivíduo, mas permanece a espécie. Este processo, tão simples de início, complica-se tremendamente no curso da evolução (reprodução sexuada) e chega ao homem, que tem a mesma necessidade de procriar.

O que se chama habitualmente de amor é a forma sublimada do impulso sexual. Este, modalidade mais evolvida do impulso reprodutivo animal, corresponde a uma necessidade fisiológica (apetite genésico) que, no plano mental, aparece como emoção (afeto). A sublimação consiste em transportar o impulso sexual da área fisiológica, onde seria plenamente satisfeito, para a área mental, onde a energia dele derivada é consumida em atividades do pensamento ligadas ao objeto; este, homem ou mulher, sofre o processo de simbolização por meio da fantasia oriunda da imaginação exaltada. Daí procede a infinidade de imagens literárias e poéticas, que podem chegar a obras completas. Quantos homens sizados fizeram versos de amor na primeira juventude para alguma mocinha que não podiam tomar? Depois acharam graça "de suas juvenis tolices". Não se dá isso com indivíduos positivos, que procuram efetivar o ato próprio sem medir conseqüências; os mais sensíveis é que ficam "sofrendo por amor" ("sonhando acordado"). Amor, no sentido evangélico, é sinônimo de altruísmo, isto é, afeição ao próximo; daí a preferencia que daremos a tal palavra. O "amor" vulgar, busca de união, mental ou corporal, comandada pelo impulso sexual para satisfação do apetite genésico — é completamente diverso daquele, pois denota um manifesto caráter

egocêntrico, de posse, conquista, etc. Afinal, que outra espécie de amor poderíamos legitimamente esperar de espíritos atrasados como os que habitam a Terra, quais nós mesmos? O Amor de Jesus implica desprendimento, concessão para todos e não ligação de dois sexos. Que dirás, leitor amigo, do ciúme e do exibicionismo?

Seria injustiça proclamar que a premente necessidade fisiológica de alcançar o orgasmo fosse o único móvel da união entre homem e mulher. Em numerosíssimos desses contratos, tal é o motivo humano, mas não é a razão espiritual: a Lei aproxima-os por terem débitos em comum e a sexualidade os junta; satisfeita esta, começam os problemas do espírito, que vão muito além da mera descarga tensional. Há, porém, os seres que se unem por afeto, em maior ou menor grau. Isto, contudo, está correlacionado com a noção de dever; de uma coisa e de outra, congregadas, decorre a atividade criadora do espírito. De outro modo, o que esperar, no campo afetivo, de quem nada tem no campo moral? Estando bem dotado nestes campos, o homem sozinho poderá realizar grandes obras. Em suma, com satisfação sexual ou sem ela uns farão suas obras e outros nada produzirão: o que decide é a condição espiritual.

Dever. Não possui raízes biológicas. Ao que tudo indica, é de origem recente, tendo aparecido

depois que a espécie humana se organizou em comunidades; com ele, nascem lei, direito e autoridade. Nada disso podia ter existido entre os homens primitivos. Muitos milênios, sem dúvida, correram sobre a vida deste animal tagarela enquanto a noção de dever e direito era imposta, a princípio pela força, e depois acatada espontaneamente. É fácil ver que esta evolução da força, violência, prepotência, cólera, etc, para dever, responsabilidade, moralidade, direito, etc, acha-se em pleno andamento, tanto que estes últimos não se constituíram em artigos vulgares. Mas tornar-se-ão qualidades banais: o que é ensinado repetidamente e praticado, mesmo sem convicção inicialmente, acaba virando hábito — sobretudo quando é um hábito de vital interesse para suavizar as relações humanas. O progresso pede tempo...

Ligados aos estados emocionais são os estados passionais; por exemplo, a cólera e o medo podem ser uma coisa e outra. São as seguintes as principais características dos estados de paixão: 1) crescente passividade da esfera voluntária do consciente; as pessoas sentem-se impotentes para sair deles ("não sou dono de mim", "não posso me controlar"); 2) estado tensional de sofrimento e angústia enquanto não realiza os atos (positivos ou negativos) aos quais tal estado impele periodicamente.

Propendem para as paixões particularmente as pessoas nas quais a sensibilidade predomina sobre a ação; são antes os tímidos, contemplativos e introvertidos que se apaixonam e não os homens ativos. A paixão é uma sorte de hipertrofia da necessidade e do sentimento, que imobiliza o potencial psíquico e detém a vida mental. Abrange a totalidade do homem.\*

Não se pode aplicar a ela um critério ético de diferenciação, não havendo boa nem má paixão: qualquer uma é deletéria para o espírito. Da mesma maneira, não convém distingui-las em normais e mórbidas (ou patológicas). Por exemplo, uma paixão amorosa, conforme o indivíduo, dará origem a uma obra de arte, a um sacrifício generoso, a um crime por ciúmes, à degradação por abusos sexuais, ao roubo, etc. Seria normal o estado passional que não leva nem ao médico nem ao tribunal; patológica, em caso contrário. Em suma, são os estados que produzem as mais intensas vivências e que mais fortemente impressionam a consciência individual. O fato de obras importantes terem sido realizadas sob o império de paixões não serve de estímulo para que as cultivemos.

---

*' Nota da Editora: Ver as questões 901 e seguintes de "O Livro dos Espíritos" em que os presentes conceitos se encaixam.*

Acabamos de explanar, em resumo, o que se denomina usualmente de consciência e que se pode considerar como a parte do espírito capaz de conhecer a si mesmo; é apenas uma descrição, feita pela própria inteligência, do que se passa na mente durante o funcionamento do cérebro. Nestas condições, é claro que não tem base experimental; tal descrição só se pode obter pela auto-observação (ou introspecção), método segundo o qual a consciência do psicólogo se volta para dentro de si própria e relata, metódica e ordenadamente, tudo quanto aí percebe. A concordância geral permite concluir que o esquema acima oferecido, útil como simplificado do que temos no consciente, pode ser aceito como início do conhecimento deste.



## NOÇÃO DO INCONSCIENTE

**É** da máxima importância destacar que a usual atividade mental, da qual temos plena noção, está longe de expressar tudo quanto existe no espírito. O contrário é a verdade. Sabe-se que há um amplo nível composto de conteúdos e processos inconscientes, independentes da consciência pessoal, e cuja influência sobre esta é poderosa. Assim, o espírito humano possui mais de um núcleo de funcionamento (veja André Luiz, "No Mundo Maior").

Na porção final do século passado falou-se bastante e claramente sobre inconsciente ou subconsciente, palavras sinônimas (\*). A Psicanálise é a psicologia que se ocupa dos materiais inconscientes. Convém, por razões consistentes, demonstrar que o Espiritismo, antes dela, reconheceu a importância do conhecimento dos fatos relativos à parte inconsciente da mente, pondo-se também nessa questão, de acordo com a Ciência — antecipando-a até.

Em 1883, Gabriel Dellane (O Espiritismo perante a Ciência), tratando da sugestão de realização pós-hipnótica, postula a extrema necessidade de investigar-se acuradamente a zona mental dita inconsciente. Por essa época, a existência de conteúdos e processos psíquicos alheios à consciência estava bem averiguada. Psiquiatras e psicólogos franceses e ingleses pesquisavam ativamente, em doentes e sãos, fenômenos ligados ao hipnotismo. Pierre Janet, por exemplo, pensava que as idéias fixas, no geral ignoradas pelos doentes, eram a causa das perturbações mentais: "essa idéia fica fora da consciência normal e, entretanto, não exerce menos, por isso, uma influência preponderante, visto que é a origem da enfermidade do indivíduo." A idéia fixa pode-se revelar durante os "ataques,

---

*\* Nota da Editora: Aqui o autor, como muitos outros, dentro do escopo do próprio trabalho, considera inconsciente e subconsciente como termos sinônimos, o que é perfeitamente válido. Para alguns estudiosos, o inconsciente é a parte do psiquismo onde se situam tendências e recalques, lembranças e desejos reprimidos, disfarçados, que podem merecer tratamento. O subconsciente seria tudo aquilo de que tão-somente não se tem consciência no momento dado, mas que pode voltar à consciência mais facilmente. Ou, em outra acepção, o inconsciente seria a memória das vidas pretéritas e o subconsciente a memória recôndita de conhecimentos da vida presente.*

sonhos, sonambulismos ou pelos atos subconscientes e as escritas automáticas". Aí está o embrião da Psicanálise. Em 1895, Delanne ("A Evolução Anímica") refere-se muito mais ao inconsciente. Em uma primeira passagem, declara que a "vida intelectual inconsciente" constitui "a base do nosso espírito". Depois admite que haja registo inconsciente de percepções não assinaladas pelo consciente, das quais "possível será encontrar o vestígio mediante uns tantos processos." Julga que durante a aprendizagem de um idioma, as palavras, decoradas de início, passam ao inconsciente, como quaisquer outras noções, e o seu uso torna-se "operação automática". Um dos subcapítulos do citado livro intitula-se O Inconsciente Psíquico e nele Delanne explica que tudo o que fazemos e aprendemos fica gravado na área inconsciente deixando lugar para novas noções e criando vasto acervo de elementos mentais. Comenta: "É a esse tesouro que denominamos — o inconsciente. Tem, portanto, o espírito o seu armazém de idéias e sensações." Indica a existência do pré-consciente ao referir o material que pode voltar ao consciente por um certo esforço. Tratando da memória, esclarece: "nós pudemos constatar a obrigação indeclinável de admitir o inconsciente, isto é, as lembranças não mais percebidas pelo eu normal e que, no entanto, subsistem".

Percebe-se nitidamente a antecipação da Psicanálise. O conceito de carga energética (catexia) desponta em rudimento quando ele expõe que uma idéia pode irradiar em vários sentidos e despertar outra idéia "que se lhe adere por um traço qualquer". Materiais assimilados numa dada época vão encontrar outros mais antigos já fixados e farão renascer "alguns estados de consciência anteriormente percebidos" e "poderão reviver certas impressões". É a reativação de imagens e desejos por outros mais recentes, que vão somar sua energia à daqueles. Mediante tal processo, quanto mais velha for a alma, tanto maior será "a sua bagagem inconsciente" e menor o esforço necessário "para ressuscitar seus antigos conhecimentos", razão das aptidões precoces. Também o conceito de inconsciente dinâmico aparece em embrião: "Não será, pois, de admirar que encontremos indícios desse trabalho cerebral que não logrou atingir primordialmente a consciência". Agrega que "todos os atos da nossa vida mental deixaram em nós estereotipada uma impressão indelével", até mesmo "os mais fugazes movimentos do pensamento."

Segundo Delanne, enriquece-se o espírito pela transmissão constante de elementos psíquicos do consciente para o inconsciente, onde ficam registados automaticamente no perispírito. O homem primitivo tem o inconsciente formado sobretudo

de instintos, pela proximidade com o nível animal. Com o passar do tempo, os instintos vão sendo modificados ou aperfeiçoados pela inteligência. "Hoje, o que importa é desembaraçarmo-nos das paixões e instintos residuais da nossa passagem pelos reinos inferiores". O estudo do espírito tem de ser levado a cabo sob dois aspectos: 1) o da parte inconsciente, o "almoxarifado espiritual"; 2) o da parte pensante e sensível.

Por volta de 1895, Freud ocupava-se com a criação da psicologia do inconsciente utilizando o novo método de investigação que denominou Psicanálise. Partia o sábio justamente das práticas hipnóticas que aprendera com os mencionados mestres franceses e que empregara durante anos no tratamento de neuróticos (sugestão mental). Vinha, posto isto, preencher grave lacuna já denunciada por Gabriel Delanne. E que trazia tal missão é pouco de duvidar-se considerando o vigor e o brilho das suas primeiras descobertas, formalmente propostas a partir de 1900 (no famoso livro *A Interpretação dos Sonhos*). Se já existiam noções sobre as funções e materiais inconscientes, eram, contudo, vagas e dispersas; a ele coube a imensa tarefa de investigá-los sistematicamente e relacioná-los com o funcionamento normal e patológico da mente humana. Naturalmente, o entusiasmo e o apego demasiado às próprias concepções das ciências físicas fizeram-

no trilhar caminhos distantes da realidade buscada e ir longe demais, o que é peculiar aos pioneiros por não disporem de termo de comparação estabelecido. Uma dificuldade para identificar o valor e a importância das contribuições básicas de Freud reside no fato de estarem elas misturadas a doutrinas e hipóteses discutíveis e mesmo absurdas; entre as mais importantes estão: o inconsciente dinâmico, a causalidade dos processos psíquicos, a motivação inconsciente (determinação inconsciente de ações e sentimentos), a natureza emotiva das forças que impelem o homem (impulsos), a influência das experiências infantis sobre a vida adulta e alguns mecanismos de defesa contra impulsos inaceitáveis. Percebem-se, conseqüentemente, as relações de origem entre Hipnotismo, Espiritismo e Psicanálise.

Precisamente nesta ocasião, Delanne publica grosso volume intitulado "Investigações sobre a Mediunidade", no qual trata fundamente de problemas psicológicos. Nessa obra, a noção de inconsciente ocupa lugar destacado — e Freud apenas começava a publicar suas extensas contribuições. Logo de início, Delanne reconhece que a "soma dos estados de consciência" é muito inferior ao que existe no cérebro e que "a personalidade consciente não pode ser uma representação de tudo o que se passa nos centros nervosos". Os "fenômenos psíquicos que

se tornam inconscientes" são os seguintes: 1) os que se desenrolam durante os sonhos ou durante o desprendimento da alma, esquecidos ao despertar; 2) estados de consciência da vida cotidiana, dos quais poucos se conservam; 3) frações inteiras da vida psíquica diária, que desaparecem da consciência; 4) todas as recordações de vidas anteriores, que constituem o próprio fundamento da individualidade.

Delanne insiste em que as atividades do espírito durante o sono são muito importantes e exigem consideração da Psicologia. A recordação da atividade noturna é inexistente como tal, mas surge na consciência sob a forma de clarões iluminativos, que permitem um trabalho esclarecido. Em suma, a "subconsciência é a base da nossa individualidade indestrutível", afirmativa que André Luiz ("Obreiros da Vida Eterna") meio século depois reforça dizendo que a subconsciência é, de fato, o porão de nossas lembranças, emoções e impulsos que não se projetaram no consciente atual e que representa a estratificação de todas as experiências transcorridas em várias existências.

Transcreve vários exemplos de atividade produtiva, durante o sono e ao despertar, como produções derivadas do uso de materiais conservados em estado inconsciente. Arago, o famoso matemático e astrônomo, costumava esperar que

o inconsciente agisse subterraneamente e desse-lhe respostas aos problemas científicos que o preocupavam (veja o exemplo recente do botânico Willis, mais abaixo). Aí está o inconsciente dinâmico de Freud em ação.

O famoso recalque freudiano desponta ao longe. Diz Delanne que, na vigência do automatismo (estado em que a consciência se acha mais ou menos distraída ou adormentada), pensamentos "que nós rechaçamos habitualmente pela vontade" podem ser expressos por estar a vontade desfalecente. Por isso, emergem grosserias e licenciosidades que deixam o indivíduo estupefato e que o levam a recusar energicamente sua participação no caso. Adiante assevera que nada do que entrou no espírito poderá dele ser apagado; esquecimento não é sinônimo de desaparecimento da imagem mental; as recordações das quais não temos consciência "são inumeráveis e sua importância na vida mental é de ordem primordial." Outra coisa não afirmaria Freud mais tarde a respeito da repressão, discutida adiante.

O que desejamos acentuar, com a precedente condensação da obra de Delanne no que concerne ao inconsciente, é que nenhum progresso vem subitamente e sem conexão com o estado anterior. A Psicanálise surgiu como um polvo gigantesco metendo seus longos tentáculos em quase todos os campos da atividade do ser humano. Mas, eis



o fato significativo: ela era esperada, prevista e solicitada pelo adiantamento da época. E, concordemente, desenvolveu-se a partir do hipnotismo e do que já se sabia acerca do inconsciente. Provam esta assertiva as seguintes palavras da psicanalista Clara Thompson (1969): "A Hipnose foi a precursora da Psicanálise. Freud era discípulo de Charcot e Breuer — ambos talentosos hipnotistas. As primeiras descobertas da Psicanálise foram feitas em ligação com a hipnose". Ora, o fato é que eram amplas as relações entre hipnotismo, inconsciente e Espiritismo — razão pela qual a Psicanálise, sendo um magno progresso a despeito dos exageros iniciais a rejeitar, não pode ser desprezada nos estudos espíritas; veja as opiniões de André Luiz em "Obreiros da Vida Eterna", "No Mundo Maior" e "Entre a Terra e o Céu", sobre Freud e sua obra, bem como as correções que propõe.

Posteriormente, Geley e Ubaldi prosseguem no mesmo rumo, ampliando a noção de inconsciente dinâmico do ponto vista espiritualista. Geley (1947) discorre sobre a importância dos elementos inconscientes, que são a parte prevalente da mente. O inconsciente inclui elementos inatos e elementos adquiridos, estes tendo sido antes conscientes; também as faculdades paranormais fazem parte dele. Diz que "nenhuma recordação, nenhuma experiência psicológica ou vital perde-

se". "Mas, uma grande parte do inconsciente permanece normalmente em latência." Todas as aquisições conscientes são assimiladas pelo inconsciente e convertidas em faculdades: "o progresso psicológico não pode ser outra coisa que a conversão de conhecimentos em faculdades." Em cada vida, as aquisições da consciência são transferidas para a subconsciência, de sorte que esta se enriquece vida após vida com experiências conscientes. A inspiração provém dela (veja Willis), "quando menos se espera, especialmente fora das horas de trabalho reflexivo, quando a inteligência está distraída." Trata Geley particularmente da evolução psíquica.

#### PROVAS DA EXISTÊNCIA DO INCONSCIENTE

Conforme o supra exposto, Freud, mediante o método por ele criado e denominado Psicanálise, realizou a primeira exploração metódica do inconsciente. Investigou profundamente a alma de inúmeras pessoas e desenterrou algumas verdades novas cuja importância é fundamental. Verificou, desde logo, que estados mentais não conscientes têm efeitos conscientes e que, inversamente, estados mentais conscientes podem ser inexplicáveis se não se recorre a causas inconscientes. Deu, como os mencionados

antecessores, por falta de algo não imediata e claramente manifesto, que parece fazer abaixo do nível consciente. Desse labor resultou a chamada psicologia do inconsciente, psicologia analítica ou simplesmente Psicanálise.

Até aqui, a existência de processos mentais inconscientes parece bastante afastada da realidade cotidiana. Dão mais a impressão de meras inferências do que de evidências palpáveis. Será mesmo que processos tão imperceptíveis e obscuros têm tamanha influência a ponto de, como se afirma, produzirem efeitos sobre a nossa lúcida mentalidade consciente e o comportamento? Será que, quando penso ou faço algo, há outra força (motivação oculta) dando ordens de maneira silenciosa?

A sugestão de realização pós-hipnótica, comumente mencionada como sugestão pós-hipnótica, constitui a demonstração mais evidente da existência de processos mentais localizados fora da consciência. Trata-se da sugestão por ordem, dada a uma pessoa hipnotizada, que se deve realizar em época determinada. Esta operação psíquica foi muito investigada na segunda metade do século passado por eminentes psicólogos, sendo, portanto, bem anterior à Psicanálise, o que prova que todo progresso é gradativo e liga-se ao anterior por continuidade; sabe-se que Freud partiu do uso médico do hipnotismo, que

aprendera na França, conforme esclarecido acima.

Quando se ordena ao hipnotizado fazer algo a certa hora, ao acordar ele não guardará qualquer lembrança da ordem recebida, mas cumpri-la-á com exatidão. Mande-se, por exemplo, que o sujeito, às 5 horas da tarde, vá dormir ou passear, ao sol, de guarda-chuva aberto. Mesmo sendo atos absurdos e sem saber porque, ele o fará e procurará uma justificativa, se interpelado por alguém, por meio da racionalização. Dirá, por exemplo, que estava com sono ou que julgou estar chovendo, etc.. Onde ficou arquivada a ordem e de onde partiu o impulso para obedecê-la se não há consciência do fato? No inconsciente, o qual, assim, agiu sobre o consciente e, mais ainda, sobre o comportamento.

É altamente esclarecedor o seguinte trecho de Delanne ("O Espiritismo perante a Ciência"): "Entre as experiências de Richet, é preciso citar a seguinte, que é a mais característica. A paciente está adormecida. Diz ele: "virá em tal dia, a tal hora". Acordada, ela tudo esquece e pergunta: "quando quer que eu volte?" "Quando puder, em próximo dia da semana". "A que horas?" "Quando quiser".

"E regularmente, com uma pontualidade surpreendente, ela chega no dia e hora indicados. Certa vez A. chega à hora exata, com um tempo horrível. "Não sei, realmente, porque vim", disse

ela; "tinha tanta gente em casa; corri até cá e não tenho tempo de ficar. É um absurdo; não compreendo porque vim. Será um fenômeno de magnetismo?"

"De outra feita, esta senhora chega também à hora prescrita e confessa que não sabia, antes de se pôr a caminho, para onde ia. Evidentemente, ela obedece, aqui, como a uma ordem imperativa. De nada lembra-se; ignora, absolutamente, o que lhe ordenaram durante o sono e, entretanto, obedece. A lembrança inconsciente, ignorada, persiste em estado latente e determina o ato. Será preciso, como diz Liégeois, desconfiar da inconsciência; há aí um domínio absolutamente ignorado, que reclama um estudo aprofundado e muito curioso." É lícito, conseqüentemente, considerar que Freud veio preencher a referida lacuna, pondo a claro os conteúdos e processos do nível inconsciente. Não menos lícito é recordar que, em 1883, o autor espírita citado já reclamava a falta de tais conhecimentos, hoje à nossa disposição; a única dificuldade é separar o ouro da ganga, o que faremos conforme os interesses em mira.

Outra evidência manifesta da existência de processos inconscientes reside na percepção extra-sensorial ou obtenção de conhecimentos sem o emprego dos sentidos físicos. Que se trata de um processo inconsciente é óbvio pelo

simples fato de que a pessoa nada sabe informar a respeito de uma imagem, cena ou pensamento recolhidos à distância visto os sentidos e o córtex cerebral não tomarem parte no fenômeno; mais ainda: certo grau de obscurecimento da consciência favorece a nitidez da percepção. Tal é o caso do lojista norte-americano (Seleções, março de 1965) que sabia antecipadamente o que os seus fregueses iam comprar, mesmo antes de entrarem na loja, mas nada podia esclarecer a respeito e tampouco se preocupou com isso — embora tenha percebido, ao longe, o filho em perigo de afogamento e podido salvá-lo graças a tais poderes mentais (clarividência: percepção de objetos e acontecimentos fora do alcance dos sentidos; telepatia: recepção do pensamento alheio; precognição: previsão de eventos futuros). Ele apenas sabia que era capaz de perceber coisas extra-sensorialmente e era tudo.

Muitíssimas experiências espontâneas de percepção extra-sensorial revestem a forma de sonho lúcido, isto é, consistem da recordação nítida do que o espírito livre viu realmente durante o sono. Vejam o sonho relatado pelo Marechal Victor Goddard, da Real Força Aérea da Nova Zelândia (Seleções, outubro de 1951). O desastre de avião, no qual tomou parte, foi descrito por outro oficial, com base num sonho que tivera, com detalhes espantosamente corretos;

este oficial "assistiu" ao que aconteceria dias depois (sonho premonitório, precognição).

Se a experiência acontece em vigília, é natural crer que seja pelo mesmo mecanismo: a percepção pelo espírito, de algum modo desligado momentaneamente dos sentidos físicos. Isto, porém, corresponde ao que se chama de mente inconsciente no encarnado, porquanto o material apreendido permanece em grande parte fora da consciência. Louise Rhine (1966) admite que, nos casos de percepção extra-sensorial, haja volume amplo de informações no inconsciente e que só pequena parte, fragmentária, alcance o conhecimento consciente, pois a passagem de um nível para o outro encontra apreciáveis barreiras (incluindo a repressão). Muitas vezes, apenas a emoção associada aos fatos atinge a consciência, não raro sob a forma de impulso irresistível para fazer algo que não se pretendia (descer do trem, não viajar no dia marcado, ir para a casa subitamente, etc).

Delanne (A Reencarnação) transcreve os sucessos de uma sessão de sonambulismo, durante a qual o magnetizador propõe à médium Luisa, em transe, prestar auxílio a outra jovem, Sofia, que desejava adormecer. Luisa, inesperadamente, recusa, mostrando-se agitada com o pedido. Por fim, explica que odiava a outra em virtude de sérios danos que lhe causara em vida anterior.

Ora, em estado de vigília, Luisa de nada se lembrava nem manifestava ódio. Logo, reminiscências e sentimento estavam sob forma inconsciente (ou recalçados, como diria Freud). Durante o transe sonambúlico dilatava-se a área consciente e ela entrava de posse daqueles materiais psíquicos normalmente inacessíveis. Prova-se, assim, por uma experiência espírita, que consciente e inconsciente são estados relativos de conteúdos e processos mentais. Livre o espírito, cresce o consciente; preso ao corpo, restringe-se às necessidades da vida terrena — mas consciente e inconsciente interpenetram-se e influenciam-se mutuamente: se o inconsciente pode determinar a conduta, o consciente pode controlá-la. E isto não é assunto para ser esquecido.

Sendo, pois, verdade fatual a ocorrência de elementos inconscientes, vejamos algumas noções fundamentais propostas por Freud a respeito deles.

Determinismo psíquico — Ou causalidade. Tanto quanto no mundo físico, em que nos agitamos habitualmente, nada se passa em o nosso mundo mental por acaso. A despeito das aparências, cada acontecimento ou fenômeno psíquico, um simples pensamento ou idéia, está relacionado com outro (ou outros) que o precedeu (ou que o precederam). Não há descontinuidades ou lacunas na vida mental; todos os processos nesta desenrolados estão unidos uns aos outros



como os elos de uma corrente. Assim, quaisquer desejos ou pensamentos, por exemplo, não podem ser acidentais, isolados; ao contrário, possuem sempre uma *significação*. O problema reside geralmente em descobri-la diante de uma situação; quase sempre não sabemos o que provocou determinado desejo ou idéia e julgamos sem importância, absurdos, etc. Na verdade, afirma a Psicanálise, foram provocados por outros desejos, pensamentos ou intenções, dos quais ignoramos a existência. André Luiz ("Ação e Reação") assim enuncia o determinismo mental: "Toda ação ou movimento deriva de causa ou impulso anteriores". A tal fato, ou seja, à ausência de acaso no que se passa dentro do espírito, devem-se os esquecimentos e perdas de objetos; isto é, esquecer e perder têm ligação com razões profundas e consistentes. O mesmo dar-se-ia com os sonhos e os lapsos (atos falhados); cada sonho, cada imagem onírica e cada lapso (falha de memória) decorreriam de acontecimentos anteriores registados na mente e revelariam ligação significativa com as atividades desta. Segue-se daí que os sonhos não são oriundos do funcionamento incoordenado das várias partes do cérebro, conforme pensava-se antes; e que as trocas de palavras não são ocasionais: as "distrações" têm fundamento em desejos e intenções obscuros.

Por exemplo, uma senhora morou sempre com a filha, com a qual se dá muito bem. Um dia a filha resolve morar só, por necessidade de encetar alguns estudos e ficar perto do local de trabalho. A mãe demonstrou certo descontentamento, que procurou superar visitando-a muito amiúde. Uma feita, referindo-se ao apartamento da filha, comentou: "lá onde eu moro..." Isto, evidentemente, expressa o desejo não manifesto de continuar vivendo ao lado do rebento, do qual ela não tinha consciência quando disse aquilo. Quase sempre, porém, o sentido não é assim tão claro e o método psicanalítico foi criado justamente para trazer à luz materiais ocultos e que respondem por semelhantes lapsos, explicando também outras funções psíquicas.

Hegemonia do inconsciente — Para Freud, a vida mental do ser humano não é governada pelas funções do que denomina consciência; antes era um como dogma dar a esta a primazia absoluta, doutrina enfraquecida no fim do século passado, como vimos. Provou ele que, de fato, os processos inconscientes são de imensa importância e significação no funcionamento normal e anormal da mente humana; dizia mesmo que a consciência é um atributo ou qualidade secundária. Isto quer dizer que a maior parte do que transcorre dentro do espírito permanece ignorado do indivíduo. Ora, tal consideração liga-se intimamente

ao princípio anterior: é precisamente o fato de tantos acontecimentos intrapsíquicos serem inconscientes que explica as aparentes lacunas da atividade mental. Toda vez que um esquecimento, distração, troca, pensamento, sentimento, e t c , parece ao indivíduo não manter conexão com algum outro que ocorreu antes — realmente tem sua conexão causal com algum processo psíquico inconsciente. Esta causa ou motivo inconsciente poderá ser revelado pelo citado método de análise e, então, notar-se-á que ela se encadeia com os fatos antes tidos como casuais. É o caso da senhora que mencionou a residência da filha como sendo sua; se ela não fosse nossa conhecida, pensaríamos ter havido uma "distração"; mas o que dissera se unia perfeitamente ao seu desejo de morar com a moça, tempos antes expresso em voz alta várias vezes e, depois, "esquecido".

Por enquanto, não é possível observar diretamente os processos inconscientes; a técnica desenvolvida por Freud permite abordá-los de maneira indireta. Como é bem sabido, o essencial dessa técnica consiste em levar o paciente a enunciar, em voz audível, todos os pensamentos que lhe venham ao consciente, sem exercer sobre eles a menor censura; isto é, dar livre e despreocupado curso às associações de idéias, mediante o que muita coisa oculta vem à tona e o psicólogo pode descobrir o que

se passa, até certo ponto, na profundidade da alma. E o que o paciente pensa e diz assim procede das idéias, motivos, desejos e intenções inconscientes. De sorte que são os efeitos destes que se examinam — expressos por meio de pensamentos, sentimentos e recordações do sujeito e das ações que ele põe em jogo. Essa técnica sofreu refinamentos nas mãos de Jung; este não deixava o sujeito falar à vontade, mas enumerava certas palavras indutoras para que o examinando pronunciasse, a seguir, uma palavra (dita induzida) ou frase por ela evocada; ao demais, media o tempo de reação (uma palavra que excitasse algo penoso custa mais a provocar reação).

O material desenterrado por tal procedimento é de duas naturezas: 1) lembranças, sentimentos, etc, que podem facilmente passar para a consciência mediante um esforço de atenção, constituindo os elementos pré-conscientes; 2) lembranças, pensamentos, emoções, etc, que só com grande dificuldade se tornam conscientes, formando propriamente os elementos inconscientes, e que são mantidos fora da consciência por uma força repressora considerável; somente após esta ter sido superada é que os processos envolvidos vêm a ser conscientes.

Importa notar, contudo, que a qualidade de serem inconscientes de forma alguma elimina sua influência, que é poderosa, sobre as funções

mentais, sendo, além disso, tão complexos e precisos quanto os processos conscientes. Fora do conhecimento lúcido existem processos mentais capazes de produzirem todos os efeitos dos pensamentos comuns, incluindo mesmo efeitos que se tornam conscientes como ideias sem que os próprios processos assomem à consciência. Daí o caráter dinâmico que se atribui ao aspecto inconsciente das atividades psíquicas. Segundo Freud e seguidores, todo ato mental é inicialmente inconsciente, podendo assim permanecer para sempre ou passar para o consciente, caso não depare com resistências (espécie de "censura", cuja ação será examinada adiante sob o título de recalque). Por isso, dizia ele: o que é inconsciente está recalqueado (o que outros não aceitam, conferindo ao inconsciente amplitude muito maior, sobretudo os psicólogos jungianos).

No caso referido da sugestão pós-hipnótica, sabemos donde partiu a idéia que antecedeu a ação, isto é, conhece-se a origem do processo psíquico inconsciente (obediência a uma ordem) que provocou um efeito dinâmico sobre o pensamento consciente e o comportamento. Aceita-se que todo e qualquer pensamento e conduta tenham a mesma base, com a diferença de que não identificamos, sem profunda análise, as motivações inconscientes, visto que são produtos das experiências e elaborações

individuais. Exemplo comum é o da mãe extremosa que vive atrás do filho com mil pequenos cuidados, não permitindo a ele um minuto de folga; queixa-se ela, suspirando, do imenso sacrifício que faz, tendo de andar sempre com o rapaz "para cuidar bem dele"; ora, ao observador é patente o desejo inconsciente de dominar e controlar a vida do filho, embora ela o negasse com raiva se lhe disséssemos tal coisa.

Do antecedente, os psicanalistas concluem que a consciência revela importância secundária, porquanto a maior parte da vida mental transcorre fora dela; e dizem que freqüentemente ela não participa da determinação do comportamento humano. As atividades mais complexas, precisas e decisivas podem ser completamente inconscientes. Em conclusão, detém hegemonia o inconsciente.

Julga-se que pensamos e formulamos inconscientemente questões até muito complicadas usando os materiais arquivados no fundo da mente, o que influi no pensamento e na conduta. O botânico J. C. Willis (1949) conta minuciosamente que escreveu grande parte do seu livro sobre a origem e a dispersão dos vegetais utilizando conscientemente resultados de deduções e predições que "são, de fato, deduções feitas pelo uso da mente inconsciente". Depois de bem enfronhado num dado assunto, Willis

esperava que as deduções emergissem espontaneamente, o que podia levar até 3-4 meses; à noite, em rápida sucessão, elas apareciam e eram anotadas em caderno imediatamente porque são fugazes e logo esquecidas. Depois, procurava, na literatura científica especializada, elementos comprobatórios da veracidade e precisão delas. E declara nunca terem falhado! Afirma haver anotado mais de 1.000 em 10 anos de trabalho. Muitas eram predições porque nada tinham a ver com o trabalho em curso no momento e só foram úteis mais tarde. Esclarece ele: "O autor aperfeiçoou continuamente a sua maneira de usar a dedução inconsciente, seguida de laboriosa verificação subsequente pelo fatos".

Vê-se, por esse recente exemplo notável e de fonte estranha à Psicologia, que o inconsciente conserva materiais cognitivos em número muito superior ao depositado no consciente. A emissão de deduções prontas para o uso, que acontece com muita gente, indica que os conhecimentos absorvidos, durante longos anos de estudo, pelo botânico, foram realmente elaborados e ordenados no inconsciente; as fulgurações por ele anotadas não eram simples dados dispersos, mas dados combinados em conclusões; parece ter havido um trabalho de indução, porquanto, após "embeber o espírito em algum assunto", ele recebia um princípio elaborado congregando

todos os dados dispersos. Em outro nível de conhecimentos (espiritual), podemos interpretar o fenômeno como procedente da atividade do espírito livre durante as horas de sono, quando goza de mais lucidez; porém, em estado de vigília, corresponde ao que se chama de inconsciente. Muitos exemplos deste tipo estão referidos na literatura. Além de Arago, outro famoso matemático incluído no caso foi K. F. Gauss (século 18), que adiantou ter recebido certa regra relativa à teoria dos números "pela graça de Deus. O enigma resolveu-se como centelhas iluminativas", sem que ele pudesse explicar o que se passou. Outro ainda mais célebre é Henri Poincaré, da nossa época, que descreve como, numa noite insone, apreciava suas representações matemáticas colidindo dentro de sua mente, até que algumas fizeram sentido. Esclareceu: "Sentimo-nos como se pudéssemos observar o nosso próprio inconsciente em ação e a atividade inconsciente tornando-se parcialmente manifesta à consciência, sem perder seu caráter próprio". Delanne transcreve vários exemplos.

O supramencionado dá razão a Freud e discípulos quanto à natureza ativa do inconsciente. O problema é saber usá-lo regularmente, como no caso descrito. A maior parte da personalidade é formada por ele, já o dizia Delanne. Dele promanam as nossas inclinações e a orientação



geral na vida. O preocupar-se com o bem e procurar o caminho da elevação espiritual significa possuir um inconsciente algo iluminado; deter-se no mal e querer a exaltação sensual é tê-lo muito animalizado. Portanto, o nosso modo de ser e de viver está em estreita conexão com ele, fato lógico por conter o inconsciente tudo quanto adquirimos no passado. O que fomos está ali conservado e o que somos agora é uma expressão disso. Não somos inteiramente governados, como máquinas, pelos impulsos emanados desse núcleo psíquico porque temos o controle consciente, que aceita, modifica ou rejeita os mesmos impulsos.

Para Jung, o inconsciente é um repositório fabuloso de conhecimentos. Seus materiais e atividades procederiam do passado remoto, tendo sido herdados dos ancestrais, "de sorte que em cada criança preexiste uma disposição psíquica funcional, adequada, anterior à consciência." Para nós, espíritas, basta substituir "criança" por "vida", e eis aí a reencarnação... O consciente é efêmero e relacionado ao presente, produto de alguns decênios e dotado somente dos materiais da experiência individual. Ao contrário, o inconsciente é riquíssimo, traz materiais acumulados do passado coletivo, uma imensa experiência, porque reuniu as vidas do indivíduo, da família, da tribo, dos povos, inúmeras vezes (donde a designação

de "inconsciente coletivo", especifica de K. G. Jung). "A consciência é um rebento tardio da alma inconsciente", bem como a vontade. Este ponto de vista jungiano é o que se harmoniza com a doutrina kardeciana, com a diferença de que esse acúmulo de conteúdos no inconsciente procede da experiência individual multiplicada por numerosas existências na carne, ou seja, através da reencarnação. Mediante esta adição explicativa, o resto é-nos adequado porque produto de estudos aderentes à realidade e ligados à tradição doutrinária.

N. B. — Para dirimir possíveis dúvidas sobre o papel desempenhado, na vida comum, pelo inconsciente, convém acentuar que frequentemente não estamos de posse da consciência plena. Esta pode ser facilmente perturbada por irrupções de conteúdos inconscientes, que emergem na consciência como relâmpagos no céu sereno; trata-se de fantasias que se expressam, no consciente, como impressão, opinião, preconceito e ilusão, podendo facilmente provocar angústia, apreensão e sentimento de incoerência. Muitas pessoas mostram-se parcialmente conscientes (mesmo na Europa, anota Jung, inúmeras são "anormalmente inconscientes"): "sabem o que se passa com elas, mas só imperfeitamente têm a representação do que fazem e dizem". Não conseguem dar-se conta do

valor das suas ações, falam e agem "sem pensar", como sob o comando de impulsos, que são forças inconscientes que assomam ao consciente para obter realização. Tomam consciência quando surge um fato inesperado que as traz de volta a si, quando se chocam com qualquer costume, um hábito solidamente estabelecido. Se essa colisão tiver conseqüências penosas, faz-se-lhes luz no espírito, ficam sobressaltadas, conseguindo então notar os motivos de suas ações — e só assim tornam-se conscientes, nesses "momentos afetivos". Daí a importância do egoísmo, esclarece Jung, a fim de tomar consciência de si mesmo; nesse nível, o egoísmo tem um papel a desempenhar.

Motivação inconsciente. Temos aqui a determinação inconsciente de ações e sentimentos. Há quem afirme que nada é completamente inconsciente, porquanto o sujeito sempre teria uma noção de qualquer fato que esteja em sua mente; ele apenas ignoraria a importância dos efeitos do mesmo sobre a sua vida. Ora, o que importa, diz Horney, não é só o conhecimento vago de uma atitude, mas sobretudo ter noção clara da força e da influência dessa atitude e entender as conseqüências e as funções que ela desempenha na conduta. A ausência de uma destas características significa que a atitude é inconsciente — ainda que haja traços de

consciência dela, visto que os dois níveis mentais interpenetram-se e realizam intercâmbios. Mas uma tendência pode ser, de fato, inteiramente inconsciente. Por exemplo, há pessoas que parecem gostar de todo mundo e que afirmam isso categoricamente; contudo, percebe-se vez por outra que elas desprezam alguém sem o notarem: há, pois, uma tendência oculta para humilhar o próximo.

A existência de motivos inconscientes apresenta dois aspectos dignos de nota. O primeiro é o fato de que a não admissão de certos impulsos na consciência (repressão) não impede, como vimos acima, que eles continuem agindo ativamente. Segue-se disso que podemos estar aborrecidos, apreensivos ou deprimidos sem saber a razão; que podemos tomar decisões importantes ignorando as razões que nos conduziram a elas; que interesses, convicções, simpatias, etc, podem ter origem em forças desconhecidas do consciente. O segundo mostra que os motivos (aquilo que põe o indivíduo em ação) permanecem inconscientes porque temos interesse em mantê-los assim, em não tomarmos conhecimento consciente deles; uma tentativa para descobri-los encontraria resistência porque poria em perigo algum dos nossos interesses, seria uma ameaça.

As forças que constituem os motivos das nossas atitudes e condutas (impulsos) são de natureza emotiva e correspondem aos usuais

desejos, necessidade, ânsia e paixão, conforme vários matizes e intensidades. Isto merece explicação mais alentada.

A motivação inconsciente manifesta-se por meio de necessidades e impulsos. Comumente estas duas palavras são tidas como sinônimas, o que é prático porque a distinção é sutil e nem sempre definível; em certos casos, no plano mental, é mais fácil apreendê-la mentalmente do que a definir verbalmente. Um motivo para agir envolve, portanto, uma necessidade que exige satisfação e um impulso que objetiva obter a satisfação da necessidade.

Necessidade é um estado físico ou mental que obriga a preencher determinada finalidade sem impelir à ação. A necessidade de alimentar-se atende à finalidade de manter a vida, mas não leva a procurar comida; a necessidade de relações carnis objetiva atender à reprodução. O impulso é um estado de tensão gerado por um estímulo e que põe o organismo em movimento para satisfazer a necessidade à qual se liga. Assim, uma pessoa não come porque tenha necessidade: muitas sabem que a têm e não querem ou não podem comer; come por sentir-se impulsionada por um estado de excitação central que a leva a procurar meios de satisfazer a necessidade: cessado aquele estado, esta dá-se por atendida.

Os impulsos são sempre psíquicos, mas as

necessidades podem ser fisiológicas ou psicológicas. As primeiras mostram-se sempre mais fáceis de identificar e compreender. Temos: necessidade de alimentar-se (impulso de comer ou fome), necessidade de beber água (impulso de beber ou sede), necessidade de ar (impulso de respirar), necessidade de relações carnais (impulso sexual), necessidade de afeto (impulso amoroso), necessidade de saber e compreender (impulso exploratório), necessidade de satisfação afetiva (impulsos estéticos). A restrição ou privação põe em evidência a força do impulso e a intensidade do domínio que exerce sobre a razão. Impulsos não obviamente ligados a necessidades são o medo, a cólera, a excitação (acentuação do estado de vigília) e a alegria, conhecidos como emoções; o medo e a cólera, evocados por um perigo real, parecem atender à necessidade de autopreservação, mas isto teria sido muito mais no passado do que hoje em dia, quando manifestam-se a toda hora sem motivo patente.

É muito importante, num impulso, a experiência afetiva em função da qual a atividade determinada por ele prossegue ou é suspensa. Assim, comemos enquanto é agradável e paramos quando deixa de sê-lo. Um daqueles impulsos normais torna-se anormal quando a satisfação custa a ser obtida, caso em que ele pressiona sem parar e leva a uma atividade exagerada.

Aí temos, por exemplo, os excessos de cama e mesa; as necessidades de coito e de deglutição freqüentes são, pois, devidas a impulsos prolongados por condições mentais anômalas.

Os impulsos podem ser condicionados, ficando associados a certos estímulos que os despertam na hora apropriada; determinados alimentos estimulam o impulso de comer e um parceiro adequado o impulso erótico — as duas coisas com amplas variações individuais. Quando um impulso foi posto em função repetidas vezes por um dado estímulo, este tende a tornar-se um sinal para despertá-lo diretamente. Por exemplo, se uma pessoa põe-nos zangados muitas vezes, a sua mera presença já nos deixa com raiva e até pensar nela é um aborrecimento; vários telegramas desagradáveis acarretam apreensão só ao ver o carteiro; se um alimento fez-nos mal algumas vezes, sentir-lhe o aroma leva a torcer o nariz ou a "embrulhar" o estômago. Os impulsos podem ser modificados pela aprendizagem, estudo e esforço consciente.

Além das necessidades e impulsos normais, com grande freqüência a mente humana, desviando-se do rumo da normalidade no caminho evolutivo, cria ou desenvolve necessidades mórbidas e impulsos anômalos para atendê-las. Uns são acentuações e deformações de necessidades e impulsos normais, segundo foi mencionado acima;

outros são inteiramente anormais, como o impulso sádico e o impulso suicida.

Denomina-se impulso compulsivo ao que, em oposição ao espontâneo ou natural, tem de ser obedecido automaticamente, mesmo à custa dos interesses e sentimentos mais legítimos do sujeito, o que ele fará de qualquer maneira e sem medir conseqüências (isto é, indiscriminadamente). Por exemplo, impulsionado intimamente a disputar determinada posição, movido pela ambição compulsiva, ele usará o suborno, a mentira, a calúnia, inclusive a respeito de si mesmo, amigos e parentes. Os impulsos compulsivos, segundo K. Horney, são as forças enfermigas que iniciam e sustentam as neuroses, originando-se de sentimentos de incapacidade, insegurança, medo e hostilidade formados na primeira infância. Horney aplica a eles a designação de tendências neuróticas — impulsos destinados a atender a necessidades doentias do espírito; acha ela que eles permitem uma espécie de ajustamento precário às condições do mundo e da vida quando se está dominado por medos, insegurança e isolamento; as condições mentais anômalas, então, não permitem lançar mão dos recursos normais de adaptação: cordialidade, cooperação, solidariedade, etc. Além disso, vários desses impulsos são contraditórios ou antagônicos, pelo que arrastam a pessoa em direções opostas com



igual força estabelecendo os conflitos mentais, próprios do estado neurótico da mente.

### Mecanismos de defesa contra impulsos

Segundo a teoria psicanalítica, a personalidade emprega uma série de recursos para impedir que impulsos perigosos ou inadmissíveis venham a emergir e criar situações de desajustamento com o ambiente. Muitas vezes, isto pode ser conseguido por meio de medidas simples: um esforço no sentido de desviar a atenção para algo interessante; orientar a percepção noutra direção; estimular o aparecimento de outro impulso menos deletério; usar criações mentais fantasiosas, etc. Porém, sob o nome de mecanismos de defesa, Anna Freud, filha do criador da Psicanálise, englobou, em 1936, vários processos inconscientes mais complexos que favorecem o relacionamento do indivíduo com o seu ambiente mediante o controle ou redução dos impulsos. São espécies de defesas que o sujeito desenvolve contra a percepção interior de suas próprias dificuldades, inferioridades ou lacunas psíquicas: ele age como se quisesse preservar a estrutura do caráter em suas relações com os outros.

1. Recalque ou repressão. Foi o primeiro identificado por Freud e o mais importante. Consiste em impedir a penetração, na consciência,

do impulso indesejável e de qualquer elemento desfavorável (recordações, imagens, cenas, intenções, fantasias de realização de desejos, as emoções associadas, etc.) relacionado com ele. Há uma resistência automática à passagem desses conteúdos mentais para o nível consciente, dos quais a pessoa não guarda nenhuma noção: é como se não existissem simplesmente, pois o fenômeno é de todo inconsciente. Uma lembrança ou experiência recalcada está completamente esquecida, visto que a função da repressão é evitar o sofrimento afastando do conhecimento lúcido materiais cuja presença seria dolorosa ou desagradável para o indivíduo. Ela ocorre após uma luta íntima, subterrânea, um conflito entre desejos e intenções (sexuais e agressivos) e valores morais e aspirações pessoais. No esquecimento temporário, o esquecido desloca-se para o pré-consciente mas volta ao consciente por novo esforço de memória. Não se deve confundir repressão com supressão. Esta é uma atividade consciente, de certo modo análoga àquela, mediante a qual se expulsa deliberadamente da consciência algum fato reputado desagradável; o sujeito declara para seus botões: "não vou pensar mais nisso", "não vou me irritar à toa", etc. Em "E a Vida Continua...", de André Luiz, encontramos os dois conceitos expressos assim: o homem tinha as cenas do crime, cometido

anos atrás, "profundamente bloqueadas nos escaninhos da mente" (repressão); a mulher não permitia que "a imagem de Desiderio se lhe imiscuísse na lembrança" (supressão). Para Freud e seguidores ortodoxos, o recalque só ocorreria na primeira infância; sendo a criança mais vulnerável do que o adulto, as experiências traumatizantes ocorridas na infância produziriam deficiências na personalidade e estas tornariam o indivíduo mais sensível a novos conflitos. Atualmente, muitos pensam que não há limite de idade para a repressão de derivados das experiências; o que de preferência sofre tal processo de exclusão são os aspectos do caráter capazes de suscitar graves problemas no meio social onde o sujeito vive e atua.

O recalque acarreta conseqüências sérias, pois gera-se um estado de tensão intrapsíquica entre algo que luta por emergir e algo que luta por impedir a emersão, o que provavelmente influi de modo permanente na personalidade. O processo é contínuo, visto haver sempre pressão constante para conseguir descarregar-se (impulso) ou alcançar a percepção consciente e uma barreira a isso. O equilíbrio que se estabelece entre as duas forças opostas é instável e pode mudar a qualquer momento; se a energia empregada contra o recalcado diminuir, ele poderá surgir claramente na consciência e

comandar a ação correspondente à realização do impulso: falhou a repressão, o que também ocorrerá se a energia do impulso aumentar. Em que situações costuma acontecer isso?

Sempre que a vitalidade sofra redução. Nos estados febris e tóxicos e nos estados anormais da personalidade (delírios), quando o paciente move-se e fala de modo fora do comum. É bem notória a atuação das pessoas alcoolizadas que mudam fortemente de comportamento, revelando tendências eróticas ou agressivas que elas próprias desconhecem em estado sóbrio. Julgam os psicanalistas que o sono também origine frequentemente diminuição da energia repressora, permitindo a invasão do consciente por desejos e lembranças recalcados sob a forma de sonhos; daí as ações tidas, como absurdas quando acordado. E ainda o sonhar com ações que nos repugnam em estado de vigília, quando reprimimos os impulsos menos dignos. Já o grande S. Agostinho faz referência a esse tipo de sonho, nas "Confissões", admirando-se profundamente de sonhar com desejos que não possui quando acordado!

As tentações favorecem os impulsos ampliando as energias deles e, por isso, mostram o que somos, ou seja, aquilo que está gritando no porão da mente. Quando as restrições à emergência de qualquer impulso indesejável são severamente

mantidas, a reação defensiva surge como ansiedade.

Cada recalque reduz a integridade do eu, uma vez que certa parte dele sai de circulação, deixa de atuar em benefício próprio, e perde uma quota de energia, enfraquecendo-se. Logo, repressão em excesso é muito prejudicial (além da tensão que gera) à personalidade, a qual tem de lidar com o mundo exterior e com o próximo; por isso, comumente leva à enfermidade mental!

A contenção de impulsos encontra apoio nas noções éticas e nos fatores ambientais; o destino deles depende do jogo dessas influências contrastantes: alcançar a gratificação, as várias maneiras desta processar-se, sofrer a repressão, fracassar a repressão, formarem-se conflitos produtores de neuroses, etc..

Os elementos psíquicos inconscientes, que foram eliminados do consciente pelo recalque, continuam em atividade. Estão apenas impedidos de entrar em ação abertamente como pensamentos e atos pela constante oposição das energias postas contra eles. A comum sensação de culpa ou de remorso, sentida como penoso estado de tensão mental, seria uma conseqüência consciente da desaprovação pelo senso moral de uma atitude assumida sob comando de um impulso; a aprovação resultaria em sensação de paz e satisfação íntimas.

O recalque acontece ser parcial; por exemplo,

a recordação de um acontecimento pode permanecer na consciência sem qualquer traço da emoção associada. Há diversos graus de remoção da consciência e a influência do que é inconsciente sobre o consciente é relativa e variável.

2. Formação reativa. Este mecanismo de defesa consiste em tornar inconsciente uma atitude e fazer prevalecer, na área consciente, a atitude oposta. Por esse expediente, o sujeito objetiva abandonar alguma forma de comportamento inaceitável pela sociedade ou determinados impulsos considerados perigosos, trocando-os por outros aceitáveis ou capazes de controlar os primeiros. Em casos de tal ordem, ocorre uma superacentuação do procedimento tido como benéfico. Dizem-nos que uma pessoa pode desenvolver grande ternura por animais ou pessoas com o objetivo (inconsciente) de controlar ou anular impulsos cruéis. O ódio poderá fazer sob aparência afetuosa, a submissão ocultar a revolta, e assim por diante. Julga-se que a natureza de uma formação reativa seria determinada por aquilo que o eu teme como perigo, levando-o a reagir com ansiedade; se teme o impulso de odiar, fortalece a atitude amorosa, etc. Assim, um pacifista exaltado pode possuir fantasias mentais de maldade e defender-se pela acentuação da atitude contrária, benéfica. O fingimento ou hipocrisia é análogo, porém, posto em função

pela consciência para ajustar-se transitoriamente a circunstâncias que julga venham favorecê-la.

Segue-se que a formação reativa se distingue pelo exagero e compulsividade. O amor reativo, por exemplo, protesta muito, é espalhafatoso, extravagante, afetado. O sujeito não pode deixar de expressar o oposto do que sente realmente; o seu "amor" não é flexível e não se adapta às mudanças de circunstâncias; tem de estar sempre em exibição, como se houvesse perigo do sentimento oposto subir à superfície. Também o medo de mostrar sentimentos ternos, considerados como sinal de fraqueza, leva a constituir um manto de dureza e excesso de masculinidade, gerando caricaturas de homens. São, pois, condutas exageradas, o que não se pode ter como índice de normalidade.

Exemplo notável é o do sujeito sempre afável e estimado pela ponderação e prestabilidade. Um dia, uma situação especial pôs a claro que tal aparência era uma formação reativa contra impulsos agressivos absolutamente insuspeitados. Certa feita, chamado para ajudar a conter um sujeito dominado por impulso homicida, que era seu conhecido, surpreendeu-nos exibindo forte reação agressiva, inesperada nele, que parecia uma rocha de calma. Ao chegar, mostrou-se exaltado e queria agredir o candidato a criminoso; quase foi preciso agarrar o que viera agarrar outro... Em seguida ao episódio, voltou à tranqüi-

lidade habitual. Vê-se que uma atitude e conduta podem muito bem ser defesas exteriores contra disposições interiores contrárias; o que esclarece a situação é o estímulo adequado, que, ferindo o ponto fraco, muda o comportamento e revela a realidade interna. Diz a sabedoria popular que "as aparências enganam".

3. *Projeção.* É o mecanismo que leva a pessoa a atribuir a outra ou a qualquer objeto externo um desejo, intenção, sentimento, etc, seu; por ser ele inaceitável, procura a pessoa, inconscientemente, livrar-se passando-o para outras ou para coisas. Dizem que os crimes e vícios que identificamos nos demais, os nossos preconceitos contra estranhos e muitas superstições não passam de decorrências da projeção inconsciente de nossos próprios desejos, impulsos. É, portanto, uma inclinação para atribuir a outros idéias, intenções, motivos, defeitos, sentimentos, etc, que, na realidade, procedem de quem fala e que não se podem reconhecer em si mesmo; há pessoas que criticam nos outros exatamente os pontos fracos do seu caráter. Trata-se de lançar fora as reprovações feitas pela própria consciência moral, quando esta existe, ou apenas de opinar com os materiais de que se dispõe. Pareceria que, em muitos casos, ver-se-ia o indivíduo livre da responsabilidade de seus atos e pensamentos e do conflito entre desejo e dever



ou entre a tendência natural e a tendência ética. Graças a tal expediente, muitos ataques assumem a aparência de defesa e numerosas ações egoísticas tomam a feição de altruísmo. Está neste caso a esposa que presenteia o marido com algo que ela própria desejava possuir (atribui o desejo de possuir o objeto ao marido). Temos o indivíduo conhecido pela "mão leve" que, sem motivo plausível, está sempre acusando outros de ladrão; políticos e administradores constituem excelente material para tal operação mental: são usuais bodes expiatórios. A pessoa não o "faz por mal"; apenas evacua suas produções mentais indesejáveis sem perceber que realiza um auto-retrato. Prática antiga esta, já recomendada no Velho Testamento. Só que aí se usava um bode de verdade de carne e osso, cuja função era carregar o peso da consciência em conflito. Segundo diz-se, isto teria utilidade porque, atribuindo a outros idéias de culpa ou de carência moral, a pessoa aliviaria a consciência da perturbação induzida por elas. Esta explicação é lógica e corresponde ao que se observa na vida comum, mas não elimina a responsabilidade dos danos causados a outrem, a qual exige cada um enfrentar as conseqüências do que pratica. Logo, chegada a compreensão — é tratar da auto-reforma para que as nossas projeções sejam favoráveis e não gerem reações negativas. No curso da psicose, a projeção faz

parte das ideias delirantes e de alucinações; o doente atribui a outrem o que ele sente dentro de si: notam seus defeitos, riem e zombam dele, fazem-lhe acusações (aí entra também a obsessão). Para nós, termina no distúrbio mental o contumaz desrespeito ao próximo. A projeção em excesso deforma a percepção da realidade, isto é, a capacidade de analisar o mundo exterior fica prejudicada: o sujeito está sempre vendo nos outros o que sente dentro de si; por exemplo, se é grosseiro e colérico, julga-se constantemente maltratado e ofendido pelos que o cercam.

Eis, portanto, a maledicência com base psicológica. Importantíssima lei moral salta à vista: todo julgamento é um auto julgamento. Toda vez que uma pessoa define eticamente outra, está pura e simplesmente definindo-se a si mesma, isto é, trazendo para fora o seu mundo íntimo e aplicando-o sobre o semelhante. A melhor maneira de conhecer alguém consiste em ouvir suas opiniões a respeito de outras pessoas. É a mulher amasiada que chama outras de prostitutas. É o homem bigamo que adverte outro contra... a bigamia. É o estudante relapso ou inábil que se declara perseguido pelo professor ou que este não sabe ensinar. O espírito equilibrado não vê inferioridades em ninguém, antes projeta bondade e condescendência; de dentro dele só pode sair o que lá está... seja o que for. O inseguro, tendo

a sensação de suas deficiências, é desconfiado e projeta continuamente o que reveste o fundo do seu espírito. Em suma, o que cada um diz dos outros está dizendo de si mesmo, bom ou mau, conforme sua índole. É bem de notar-se que, sem conhecer os motivos do indivíduo e os fatos da situação, é impossível opinar a respeito de conduta humana; e que praticamente nunca se conhecem as duas coisas juntas. Portanto, o certo é isto: "Mas seja o vosso falar: sim, sim; não, não; porque tudo o que daqui passa procede do mal" (Mateus 5:37), preceito alicerçado no conhecimento da alma humana.

4. Racionalização. É a função autodefensiva que torna capaz a mente de gerar, para seu uso, uma falsa motivação que permita justificar perante a consciência a satisfação de um impulso à qual esta se opõe. É uma espécie de anestesia moral que o indivíduo aplica, inconscientemente, à sua consciência. Por semelhante meio, é fácil arranjar razões que tranquilizem aquela ao mesmo tempo que se obedece aos impulsos. Muitas vezes, o sujeito não percebe o móvel da ação e formula razões que acredita a tenham determinado; mas, estas são posteriores ao fato, embora possam conter parte maior ou menor de verdade. Consegue o ser humano, por este processo, substituir os motivos mais egoístas por motivos de maior valor ético, pondo assim a consciência a salvo

da autocrítica e do julgamento alheio (autoproteção psíquica, que, todavia, não abole a responsabilidade). A racionalização permite ao lado inferior da personalidade utilizar todas as sutilezas de um intelecto apurado, pois é mais ativa e fecunda nos indivíduos inteligentes e cultos; já a projeção e a catatimia\* são peculiares aos fracos, tímidos e/ou pouco talentosos, razão porque é mais contraditória.

O caso mais simples é o da raposa da fábula; não podendo alcançar as uvas maduras, que tanto apreciava, afastou-se proclamando: "estão verdes". Depois o do lobo que queria comer o cordeiro à margem do regato em que ambos bebiam; estando a favor da corrente, declarou o lobo que o cordeiro sujava a água; este demonstrou a impossibilidade do fato por achar-se abaixo dele; mas o lobo não se deu por vencido: "se não foi você, foi seu pai ou seu avô". E, assim, as razões vão aparecendo à medida que se fazem necessárias, sem conexão lógica com a realidade, por comando inconsciente e elaboração consciente. Temos o sujeito que verberava outro por não ir ao dentista tratar de um dente cariado e, lembrando que possuía um na mesma condição, declarou: "meu caso é

---

*Nota da Editora: Catatimia — incapacidade de produzir bons julgamentos.*

diferente, pois não tive tempo". Há aquele homem sério que explicou suas relações extraconjugais dizendo inocentemente: "você sabe, eu não sou santo". Entram aqui os que, com medo de outro que quis brigar, passado o perigo jactam-se: "se não me segurassem..." ou "se ele não fosse logo embora..." A própria Psicanálise, muito divulgada, fornece bom exemplo; pessoas com algumas leituras indigeridas declaram desejar "evitar inibições", "evitar complexos", querendo, realmente, dizer que pretendem afastar os padrões morais para se entregarem a ações menos dignas (adultério, etc). Outros criam os filhos sem cuidados, escapando a pesados trabalhos, com o fito de não gerar futuros "complexos". É, afinal, a arte de desculpar-se perante si mesmo e os semelhantes.

Eis como exprime-se Fromm (1967) a respeito: "Por mais irracional e imoral que seja uma ação, o homem sente um impulso irresistível de racionalizá-la, isto é, de demonstrar a si mesmo e aos demais que sua ação foi determinada pela razão, pelo consenso comum, ou, pelo menos, pela moralidade convencional. Não tem dificuldade em agir irracionalmente, mas é quase impossível a ele não dar à sua ação a aparência de uma motivação razoável".

A intensidade da racionalização cresce em

havendo orgulho e desejo de poder, não sendo raro tornar-se perigosa em virtude dos sofismas que faz emitir com visos de verdade. Alcançando o domínio psiquiátrico, ela vem a constituir o núcleo central da paranóia, limitando-se ao tema que absorve a atenção do doente, de acordo com os recursos intelectuais de que dispõe ele; logo, está continuamente a justificar-se com razões éticas e estéticas. Não é à toa que muitas pessoas orgulhosas e inteligentes exibem reações paranóides por meio de suas constantes autojustificativas racionalidades.

5. Catatimia. H. W. Maier aplicou tal designação à transformação que os conteúdos psíquicos sofrem sob influência dos fatores afetivos. Consiste na ação que as tendências afetivas exercem sobre a percepção da realidade. Tem ela o efeito de deformar as percepções e as vivências na direção assinalada pela atitude de reação predominante na pessoa; adquire-se, portanto, uma *visão* falsa das coisas que nos são importantes. A atuação da catatimia é tanto mais evidente quanto mais intensa seja a tendência afetiva que a põe em função; a ansiedade, o ódio, o temor, etc, transfiguram o objeto, a imagem e as relações entre os fenômenos, deformando a realidade exterior; daí podem surgir novas razões para angustiar-se, odiar, temer, suspeitar,

etc.. Logo, é muito manifesta quando a pessoa está sob a ação das emoções primárias. Segue-se disso que o sujeito emocionado é a pior testemunha de qualquer situação emocionante: vê tudo com tintas e dimensões diferentes das reais. O medo distorce a realidade externa e aumenta os perigos, bem como torna maiores os sintomas em muitos doentes: "era um cachorro deste tamanho" e o descritor abre os braços; "a arraia não tinha mais tamanho"; "vomitei a noite inteira", "pus o estômago pela boca"; "quase morri de dor", etc.. A cólera faz exagerar as qualidades negativas ou prejudiciais: "aquele sujeito não vale nada"; "a comida estava envenenada", etc.. O afeto é mais deformador ainda: quem não conhece a estória da coruja que proclamou a suprema beleza dos filhotes, levando a águia a comê-los?

Infere-se que a catatimia favorece o ajustamento da realidade à mente individual (qualquer criança feia é a mais bela para a mãe... "coruja"). Se concilia a pessoa consigo mesma, adaptando o mundo externo às suas conveniências, por outro lado afasta-a da realidade objetiva, dando origem a conflitos com as opiniões alheias, cujo processo catátmico tem outras dimensões no caso concreto; foi o que se deu com a coruja: a águia, informada sobre a grande beleza das corujinhas, comeu os primeiros monstrenhos que encontrou,

sem poder imaginar que eram justamente as crias da coruja. Por aqui compreende-se que a catatimia pode-se encaminhar para situações patológicas. Nota-se ainda que os mecanismos anteriores dependem dela, pois contêm elementos de uma percepção distorcida.

É razoável considerar que certo grau de catatimia esteja sempre por trás do pensamento criador, porquanto não há como livrá-lo da influência afetiva do seu autor; antes é comum que se apresente impregnado de razões pessoais que conduzem a pontos de vista unilaterais e mesmo absurdos. Não é por outro motivo que os escritores que tratam da imortalidade da alma não se interessam pelas demonstrações experimentais existentes; preferem discorrer com base nas velhas e anacrônicas especulações medievais, tornadas muito queridas pelo hábito. Se pudessem escapar ao sentimento e usar de preferência a razão — adotariam certamente atitude... racional. Dá-se que a afetividade interfere com o emprego do intelecto no campo em que ela domina e determina o modo de encarar as coisas.

Outros mecanismos de defesa denotam escassa importância. Todos esses mecanismos de compensação inconsciente das fraquezas íntimas, que garantem um certo grau de ajustamento ou equilíbrio precário ao espírito, são admissíveis até o ponto em que este não



dispuser de esclarecimento, compreensão, dados pela vida e pelo estudo. Como é óbvio, deste comportamento não deriva paz para ninguém em virtude dos constantes "choques de mecanismos autodefensivos" que as pessoas põem em função, umas contra as outras. Ultrapassado tal nível, cumpre dar-lhes combate para que o equilíbrio seja real, isto é, alicerçado na retificação dos pensamentos, sentimentos, pureza de intenções e correção das motivações; mas para alcançar isto é preciso saber e praticar. Não os confundir com dissimulação consciente, produto da astúcia, que são o erro e o mal intencionais, propositais. Por exemplo, "jogar o verde para colher o maduro", usar "segundas intenções"; o comprador que deseja um objeto e procura apontar defeitos para desvalorizá-lo e adquiri-lo mais barato (basta dizer ao vendedor que não pode pagar o preço pedido e solicitar um abatimento); o vendedor que valoriza o seu produto enganosamente. E coisas de quejando tipo.

Complemento — Falamos anteriormente da "natureza ativa do inconsciente" e da sua preponderância na determinação do pensamento e da conduta. Vimos, a mais, que os dois níveis mentais se interpenetram e realizam intercâmbios. E, ainda, referimo-nos ao controle consciente sobre as forças inconscientes, que até Freud

terminou por aceitar relutantemente.

Agora veremos outro lado da questão: o papel do consciente sugerindo ações futuras ao inconsciente em favor do próprio indivíduo. Diz-se que o inconsciente, devidamente saturado de indicações provindas do consciente, por vontade do agente, pode conseguir tudo o que a pessoa deseja obter. Basta ter a capacidade de repeti-lo diversas vezes por dia. Vejamos como fazer tal operação intrapsíquica.

Desenvolveram-se, neste século, grandemente, sobretudo entre os pastores protestantes norte-americanos, técnicas de sugestão consciente ao inconsciente. Veja a explanação dada em "Evolução para o Terceiro Milênio", do presente autor, da qual extraímos o subsequente.

É bem conhecida a relevância máxima do pensamento (aliado à vontade, ou função coordenadora dos fatores mentais e emocionais que dá direção nos processos de cura). O pensamento é um fluxo fluídico gerado pela matéria sutil do corpo espiritual, logo concreto e às vezes visível, podendo perdurar longamente em dadas circunstâncias. A vontade é força abstrata, imaterial, do Espírito, que é o senhor do corpo.

Ernesto Bozzano, um genial e erudito pensador espírita, discorre proficientemente sobre o assunto no seu livro intitulado "Pensamento e Vontade"

(Feb, 1938). Refere-se, repetidas vezes, à "força plástica e organizadora, inerente ao pensamento". Afirma: "o pensamento e a vontade são forças prodigiosas" que dispõem de "potência criadora" e "constituem forças plasticizantes e organizadoras". Ambos são capazes de "plasmar a matéria, criando tecidos". Curas rápidas e completas decorrem desse poder organizador mobilizado pela sugestão (externa e interna), podendo a "força ideoplástica" (pensamento capaz de modelar a matéria) ser subconsciente (inconsciente, prefere-se agora). Por conseqüência, encerra o "pensamento subconsciente do médium uma energia plástica e organizadora", comum a todos. Essa substância "absorve as idéias nitidamente definidas", verbais ou mentais, sendo, pois, mui sensível às sugestões.

Declara o sábio metapsiquista, em síntese final "evidente e indiscutível": "o pensamento e a vontade são forças plásticas e organizadoras."

Por exemplo, o casal Worrall, só pensando em fazer o centeio crescer mais, a 900 km de distância conseguiu um incremento de 84%. Pode, portanto, assegurar-se o leitor de que o poder do pensamento é capaz de muito mais do que tão-só curar o próprio organismo ou fazê-lo adoecer. A fé e a oração ampliam o poder construtivo e, às vezes, até a ação negativa (ou impeditiva).

Acerca da influência patogênica do pensamento,

bastam breves citações de André Luiz e Emmanuel, de ditados mediúnicos. Expõe o primeiro, por exemplo, em *Libertação*: "Dirija um homem a sua vontade para a idéia de doença e a moléstia lhe responderá ao apelo, com todas as características dos moldes estruturados pelo pensamento enfermiço, porque a sugestão mental positiva determina a sintonia e a receptividade da região orgânica, em conexão com o impulso havido, e as entidades microbianas, que vivem e se reproduzem no campo mental dos milhões de pessoas que as entretém, acorrerão em massa, absorvidas pelas células que as atraem, em obediência às ordens interiores, reiteradamente recebidas, formando no corpo a enfermidade idealizada (ou seja, plasmada pelo pensamento, no caso doentio ou negativo)". Afiança o mesmo autor, em "Nos Domínios da Mediunidade", com respeito à subsistência de doença perispiritual "alimentada pelos pensamentos que a geraram, quando esses pensamentos persistem depois da morte do corpo físico". Daí, o trazermos os sinais dos nossos pensamentos, atitudes, sentimentos, emoções e obras, já que o espírito é obrigado a conviver com as suas produções, pelo geral malélicas. Ao demais, em "Ação e Reação", revela o ilustre instrutor sobre alguns espíritos dementados: "O problema é de natureza mental. Modifiquem as próprias idéias

e modificar-se-ão". E segue nesse rumo...

Emmanuel, a seu turno, assevera, por exemplo, ("Pensamento e Vida", Feb, 1958), que "os sintomas patológicos na experiência comum, em maioria esmagadora, decorrem dos reflexos infelizes da mente sobre o veículo de nossas manifestações, operando desajustes nos implementos que o compõem". E que: "O pensamento sombrio adoece o corpo são e agrava os males do corpo enfermo". Mais: "Toda tensão mental acarreta distúrbios de importância no corpo físico... cultivar melindres e desgostos, irritação e mágoa... é intoxicar, por conta própria, a tessitura da vestimenta corpórea... arrasando, conseqüentemente, sangue e nervos, glândulas e vísceras do corpo..."

Em suma, enfermidade e cura dependem da natureza e direção do pensamento, o produto peculiar à mente ou espírito. Pensamentos elevados, limpos e voltados para o bem: saúde; pensamentos inferiores, maldosos, pessimistas e dirigidos ao mal: moléstia. A eles, acompanham sentimentos e emoções proporcionados, equivalentes — consideradas as condições ou causas cármicas notórias de um modo geral.

A mente pragmática dos norte-americanos descobriu esse papel ambivalente do pensamento — maléfico ou benéfico para o próprio autor dele — e concebeu uma técnica de auto-ajuda, isto

é, um sistema de auxiliar a si mesmo em casos de doença ou em situações de carência material e afetiva. Baseiam-se ditos procedimentos nos poderes das forças inconscientes. Sugestionadas pelo pensamento positivo associado à fé e, quase sempre, à oração, atuam favoravelmente sobre a saúde e o desempenho orgânico, o estado mental e emocional, o relacionamento interpessoal — e até mesmo (dizem) na obtenção de bens materiais e de cônjuges!

Tais práticas derivam do imediatismo humano, pois têm por escopo alcançar resultados a curto prazo. Contudo, apóiam-se no conhecimento das propriedades do inconsciente, da sua vasta sugestibilidade (donde a força do pensamento intencionalmente dirigido para a aquisição de vantagens imediatas), da sua atuação manifesta sobre o organismo — tudo ampliado pela absoluta fé no resultado positivo, em Deus, na sobrevivência da alma, no respeito aos princípios superiores, no Evangelho e na prática do bem. Quem quiser alcançar o que pretende, há de crer no sucesso, pensar sempre positivamente e de modo caritativo, sugestionando o inconsciente (subconsciente, preferiam muitos outrora) para entrar em ação e conseguir quanto o agente deseja. Afirmam os escritores em tela que nunca falha tal técnica. Pelo menos, como estilo de vida, norma de comportamento, sem dúvida é muito útil ao

espírita pensar sempre bem e ter confiança. Vimos, acima, que o pensamento de doença atrai enfermidade e que a vontade de saúde atrai bem-estar físico e psíquico. Cogitar benevolmente dos outros e ajudá-los nada mais é do que auxiliar a si mesmo, conforme a lei de causa e efeito ("é dando que se recebe").

Há ainda que se considerar a condição pessoal: quem não fez o curso ginásial não poderá pretender ser médico, pois é impossível; quem sofre de mal crônico, degenerativo, não chegará a ser atleta olímpico. Urge solicitar socorro ao inconsciente e à fé no âmbito das possibilidades individuais! A pretensão ou desejo tem de ser compatível com as capacidades do sujeito.

Posto isto, não esquecendo as naturais limitações impostas pelo determinismo relativo ao passado culposo e pelo sofrimento redentor (terapêutico), em vista da necessidade de aperfeiçoar-se, o método de auto-ajuda envolve uma genuína transformação interior ou reforma moral. É, em síntese, uma prática direta, subsidiária, de tratar a si mesmo e de completar o tratamento espírita — que difere fundamentalmente por ocupar-se com o progresso do espírito eterno, levando a aquisições definitivas. O sistema do pensamento positivo atende melhor ao materialista, que aspira obter vantagens rápidas e transitórias, mas serve também ao espírita, já que está temporariamente

encarnado. Mas, há que possuir vontade mui concreta, fé seguríssima.

A literatura a respeito abarca muitas dezenas de livros. Os oito seguintes, consoante a ordem de precisão e clareza, são os mais aconselháveis:

1. Joseph Murphy — "O Poder do Subconsciente". Distrib. Record, RJ, 243 p. Muito simples e conciso. Do mesmo escritor, é O Poder Cósmico da Mente, adiante citado.

2. Coué, É. s/d - "O Domínio de Si Mesmo pela Auto-sugestão Consciente". Ediouro; RJ, 133 p.

3. Norman Vincent Peale — "O Poder do Pensamento Positivo". Ed. Cultrix, SP, 263 p.

4. Harold Sherman - "Super TNT-Liberte suas Forças Interiores". Ed. Ibrasa, SP, 279 p.

5. Claude M. Bristol — "A Força Mágica da Vontade". Distrib. Record, RJ, 212 p.

6. Eudas de Figueiredo Baptista — "A conquista da Pax e da Saúde". Ed. do autor, RJ, 142 p. Ele usa pax com x!

7. Lourenço Prado — "Alegria e Triunfo". Ed. Pensamento, SP, 157 p.

8. Lauro Trevisan — "O Poder Infinito da sua Mente". Liv. Ed. e Distrib. da Mente, Santa Maria, RS, 142ª ed., 80 p.

Note o leitor que tais autores possuem de vários a muitos livros e que todos têm numerosas edições (exceto o Eudas). O primeiro acima



mencionado, em maio de 1986 alcançara, no Brasil, tanto êxito quanto 27 edições; confira L. Trevisan! Ademais, importa notar que, usando sempre os mesmos princípios, supra-assinalados, exibem peculiaridades variáveis nos detalhes, no modo de redigir e na seleção do material. Por exemplo, Peale a todo momento recomenda a leitura da Bíblia, pois é pastor proeminente; Bristol, ao contrário, é praticamente materialista; Sherman, Murphy e Prado mostram-se equilibrados a respeito, enquanto Trevisan é padre católico. Murphy parece o mais aconselhável.

Dos três brasileiros estudados, Eudas é um pequeno volume escrito por um médico espírita competente, resumido e útil; evita assuntos religiosos, mas menciona o essencial para uma existência sadia e suave — e até Kardec e sua doutrina. Prado é esoterista, mas os princípios que difunde são os supracitados, com pequenas diferenças de enfoque. Acentua haver pessoas que "pretendem ser auxiliadas sem se colocarem em condições de receber, por meio do seu próprio pedido e aperfeiçoamento de suas qualidades".

Cumpra deixar claro que os autores em foco não citam os seus antecessores, dando a impressão de que são originais pioneiros. No século XX, em 1933, Claude Bristol deu ênfase, segundo parece, aos sistemas de ajuda a si mesmo — que

designou como Essência Mental ou Ciência da Crença, depois ampliados por Harold Sherman, seu seguidor.

Murphy refere-se a ocasionais experiências espirituais espontâneas; várias vezes conversou com espíritos desencarnados, durante o sono, recebendo informações para resolver problemas sérios neste mundo, seus e de outros. Por exemplo, certa jovem perdera o pai e ficara sem tostão, mas sabendo que ele escondera ampla soma em casa. Desesperada, telefonou para Murphy pedindo ajuda para encontrar o dinheiro.

Na mesma noite ele sonhou com um homem que lhe dizia: "Levante-se e escreva isto: você vai ver minha filha Anne amanhã". Murphy tomou de uma folha de papel e escreveu o ditado do espírito, revelando minuciosamente o esconderijo do dinheiro e dando outras informações a respeito.

Comenta o citado autor e pastor: "Estou absolutamente convencido de que foi a personalidade do pai dela que, sobrevivendo à chamada morte, me deu as instruções que explicavam detalhadamente em que lugar da casa estava escondida grande soma." Agrega o mesmo que a moça tinha, no inconsciente, conhecimento do fato, mas que não sabia comunicar-se com ele e alcançar os dados necessários. Confira "O Poder Cósmico da Mente", Record, 1965.

Foi dito, antes, que os métodos de auto-ajuda se baseiam no conhecimento das propriedades do inconsciente, da sua enorme sugestibilidade, da sua evidente ação sobre as funções orgânicas, tudo ampliado pela fé nos poderes supremos e no sucesso do empreendimento. Mediante a repetição continuada de uma ordem consciente ao inconsciente, alcança-se (crendo-se na eficiência do processo) o que se pretende conseguir, pois ele cuidará de operar no sentido proposto.

Agora devemos recorrer a Émile Coué, que parece ter sido o primeiro a tratar de quejanda questão, por volta de 1912. Sua técnica consiste em mandar ordens conscientes ao inconsciente, as quais funcionam como auto-sugestão. A frase-padrão desse autor é: "Cada dia, em todos os sentidos, vou cada vez melhor". Isto repetido, pela manhã e à noite, umas 20 vezes é o suficiente para instruir o inconsciente de como agir; mas que seja feito em voz audível e com a mente desprevenida, sem forçar a vontade. Afirma Coué que os resultados são completos!

É importante observar que dito autor declara vigorosamente que o espírito humano é dominado não pela vontade, como todo mundo pensa, mas pela imaginação. Quando ocorre antagonismo entre ambas, sempre vence esta última. E ele exemplifica bem a situação conflitiva. Chega ao ponto de asseverar taxativamente que imaginação

é sinônimo de inconsciente! Diz ele: "o poder enorme da imaginação, ou por outra, do inconsciente, na sua luta contra a vontade". Por isso, a vontade não deve interferir no curso da auto-sugestão; esta deve ser uma recitação maquinal, sem esforço algum.

Obs. — Afinal, o leitor deve estar a par da necessidade de empenhar-se no próprio tratamento. Consoante obtemperava André Luiz ("Missionários da Luz"): "apenas o doente convertido voluntariamente em médico de si mesmo atinge a cura positiva".

Apêndice — O que se adianta não poderia ser ignorado neste contexto.

Em conexão com o supradito, Ney Prieto Peres, um engenheiro paulista tão ilustrado quanto bondoso, que é autor espírita de renome, publicou um útil "guia para a realização do auto-aprimoramento com base na doutrina dos espíritos" ("Manual Prático do Espírita", Ed. Pensamento, 1984). É importante ressaltar que ele propõe a auto-sugestão como técnica para fortalecer a vontade quando se trata de lutar contra vícios e defeitos. Manda, por exemplo, repetir, ao longo do dia, frases como estas: "tenho uma vontade firme e realizadora" e "abandonarei o cigarro decididamente". Explica que somos facilmente sugestionáveis pelos outros e que podemos igualmente nos sugerir a nós mesmos

por meio da repetição, a qual, ao cabo, "provoca a realização da ação que lhe corresponde (ao pensamento emitido)". E, ainda, indica a oração como recurso complementar, capaz de atrair o auxílio superior para a "sustentação dos nossos propósitos". Eis aí um excelente emprego das construtivas forças íntimas sob a direção do pensamento consciente (sugestão repetida) e ampliadas pela sintonia com o Alto, ou seja, com o poder espiritual.

Nota conclusiva — George Meek, um pesquisador conhecido das curas mediúnicas, diz ("As Curas Paranormais, Ed. Pensamento, 1977): o paciente precisa compreender que ele mesmo produziu a doença em si, que os seus pensamentos e emoções abriram caminho para a doença, a disfunção celular. Depois, desejar ardentemente curar-se, isto é, manter tal idéias no consciente e, a seguir, no inconsciente (mediante a sugestão pela repetição). Urge extrair do inconsciente a idéia da enfermidade e atulhá-lo de pensamentos de saúde. Agora, nutrir fé na cura e no Poder Superior. Pensamentos e emoções inferiores ou negativos (ambição, avareza, inveja, maledicência, ciúme, ódio, medo, frustração, ansiedade alta) conduzem a uma saúde precária. E preciso substituí-los por outros de fraternidade, solidariedade, compaixão, bondade, generosidade, altruísmo, para afastar as moléstias somáticas e psíquicas.

Como André Luiz, proclama: "Basicamente, toda cura é uma autocura". Cada indivíduo tem de ser o seu próprio médico!

Ir ao médico é necessário, mas há que remover a causa e corrigi-la por retorno ao modo de pensar correto — para uma cura definitiva.

Mesmo em casos de câncer adiantado, as emoções e pensamentos da pessoa podem ser utilizados de maneira positiva (construtiva) para restaurar a saúde, que os mesmos, postos em função negativamente (destrutivamente), lesaram anteriormente.

Nota — Eis uma questão em que o Espiritismo entra em franca oposição à Psicanálise. Muito ao contrário das cogitações freudianas, que enfatizavam fortemente a influência perniciosa das dificuldades experimentadas na infância, que teriam um efeito terrivelmente traumático sobre a alma infantil, diz-nos coisa bem diferente a doutrina espírita; mais tarde, no adulto, responderiam semelhantes lesões mentais pelos distúrbios neuróticos (e até psicóticos), tão comuns na humanidade atual. André Luiz, em vários livros, opõe-se a tal concepção, afirmando que os problemas derivados de condições ásperas de vida são remédios que curarão os espíritos faltosos e viciosos. Medicamentos amargos, mas providenciais. Por exemplo, em "Obreiros da

Vida Eterna", afirma: "O que quase sempre parece sofrimento e tentação constitui bem-aventurança transformando situações para o bem e para a felicidade eterna". Em "Ação e Reação", afiança: "A reencarnação retificadora, isto é, a internação na carne em condições penosas, surge por alternativa inevitável. Será preciso renascer, suportando os obstáculos tremendos oriundos da desarmonia perispirítica criada por nós mesmos". Já em "Nos Domínios da Mediunidade", informa: "A experiência no corpo de carne, em posição difícil, é semelhante a um choque de longa duração, em que a alma é convidada a restabelecer-se".

Os espíritos quase sempre têm de encarar "face a face o imperativo do renascimento difícil no mundo, passando a trabalhar aqui laboriosamente, vencendo óbices terríveis e superando tempestades de toda sorte", para implantarem em suas almas os valores morais de que não prescindem. Daí procede o imenso número de miseráveis, famintos e doentes: são espíritos falidos em tratamento pela reencarnação sob condições duras de vida — o contrário da conceituação freudiana a respeito dos traumas infantis.

## ALGO SOBRE ANSIEDADE

**A**nsiedade corresponde ao que se designa comumente como angústia ou aflição. É sentida como opressão pré-cordial, isto é, uma espécie de aperto mais ou menos intenso sobre a área do coração. Mas, atinge o organismo globalmente, determinando sinais como, por exemplo, diarréia, micção, falta de apetite, fadiga e palidez. É particularmente importante a ação sobre a atividade mental, produzindo forte sentimento de desamparo e impotência e tornando o paciente desinteressado de sua vida, possuído de grau variável de depressão.

Essa modalidade surge em certa fase da vida de muitas pessoas e mantém estreita ligação com as neuroses. Todavia, o que nos interessa é o tipo mais comum, cuja duração é curta e intensidade menor, que assume a forma de aborrecimento, preocupação, sempre que um impulso nos leva a agir de maneira reprovável perante nossa própria consciência; a auto-reprovação, a sensação de culpa, mesmo mal



definida, acompanha-se de certo grau de ansiedade em seguida ao impulso, o que também acontece quando um destes faz pressão demorada para obter gratificação (levar à atividade). Tal é o caso do desejo sexual voltado para pessoa inadequada, o desejo de poder, de obter certa posição, etc

Nem sempre tem-se noção da existência da ansiedade, pois, poderá ocultar-se de várias maneiras (por exemplo: projeção e recalque); talvez exteriorize-se como ira, suspeição, depressão, impotência sexual, várias formas de fobias, etc. A fim de compreendê-la melhor, deve-se comparar a ansiedade ao medo (temor), com o qual exibe patente afinidade — tendo ambos a mesma significação de reação ao perigo. O medo é uma reação a um perigo externo, objetivo; a ansiedade o é a um perigo interno, subjetivo e, portanto, desconhecido. É algo como um aviso, um sinal de alarme, solicitando defesa.

Inicialmente, Freud supôs que a ansiedade fosse simplesmente uma reação fisiológica à frustração ou satisfação incompleta do orgasmo. Em 1926, formulou teoria radicalmente diversa, a qual se tornou o núcleo dos trabalhos posteriores. Forças existentes no íntimo da pessoa ameaçam suas relações com o mundo exterior; forças procedentes do id (instintos) e do superego (noções morais) põem em perigo o ego pretendendo obrigá-lo a cometer atos inaceitáveis

perante os padrões sociais de comportamento. Gera-se, pois, um combate intra-psíquico entre o senso moral e os impulsos primitivos, e isto sobretudo na infância, quando fixa-se o modelo de futuras reações ansiosas.

Quando, mais tarde, uma situação semelhante surge, a ansiedade emerge como advertência para que as defesas do ego entrem em ação. Tal concepção foi elaborada ulteriormente até as idéias atuais.

É bem verdade que impulsos põem em risco, com exagerada freqüência, as relações inter-humanas; o sujeito estará ameaçado de perder amizades, posições, etc., e até mesmo a liberdade. Julga-se que a ansiedade desponta sempre que um impulso acarretar o perigo de subverter a relação com pessoas significantes, ou seja, ameaçar a segurança do paciente. Para Freud, o perigo produtor de angústia residiria na perda do controle dos instintos de vida e de morte, caso em que não seria possível manter posição segura na sociedade. Agora pensa-se que a grande maioria das pressões internas perigosas promanam da hostilidade, que é uma reação à frustração. É certo que, no curso da existência humana, potencialidades pessoais são frustradas pela oposição do meio social; em resposta, surgem ressentimento e hostilidade, *recalcados* também por imposição da sociedade, que não aceita

manifestações ostensivas desse tipo. Semelhante força interior é reputada ser poderosa e estar fazendo pressão no sentido de manifestar-se externamente; ora, em sucedendo isto, haveria sérios prejuízos, em matéria de afeição e aprovação, para a personalidade — donde a ansiedade ante o perigo de que realmente suceda. Em suma, a ameaça seria produzida por pressões culturais, a começar na fase infantil em vista das atitudes inibitórias dos pais e educadores.

Assim, quando um forte impulso persegue-nos, intensa ou tenazmente, ameaçando nossa tranqüilidade (mesmo sem percepção nítida), poderá gerar ansiedade. Há concordância geral quanto ao papel da hostilidade reprimida, desencadeada pela oposição ou frustração derivada da atuação de outras pessoas, visto que a cólera aberta não é geralmente tolerada.

Sabemos que certa dose de impedimento, de oposição aos nossos desejos e intuits, existe sempre em qualquer situação que, na vida, envolva interesses alheios. Tal é inevitável e nem sempre, é claro, origina conflitos íntimos, que dependem do grau de equilíbrio psíquico.

A nós parece de todo evidente que a ansiedade é produto da luta íntima (conflito) entre tendências e desejos inferiores que, ao assomarem à consciência para entrar em atividade, se chocam com as noções que compõem o senso moral; não havendo este,

a pessoa é insensível, "fria", indiferente, etc.. Por outras palavras, o que está em foco são impulsos inaceitáveis, cujo efeito seria doloroso, desagradável, para o espírito. Não é tanto o perigo de estragar relações com pessoas significativas, mas é o aspecto propriamente moral que está em pauta. Quando se sofre em face da perspectiva de ofender outro, havendo luta íntima contra tensões impulsivas ansiosas, geradas sobretudo por pessoas que funcionam como estímulos constantes, o que cria o problema mental é o senso moral. São os sentimentos de altruísmo e dever, são as aspirações de elevação espiritual, etc., que dão origem ao sofrimento interior. Pensa-se mais na derrota moral do que na segurança; preocupa sobretudo o que parece uma injustiça contra o próximo, embora seja este a causa imediata do fenômeno.

Quanto à origem da hostilidade, para nós esta não provém pura e simplesmente dos obstáculos colocados no caminho de alguém. Para não poucos, tais óbices não constituem problemas e podem mesmo nem sequer ser objeto de atenção especial; para aquele que fixa sua atenção num ideal superior, eles são irrelevantes e não conduzem a qualquer dose de frustração — pois há mais de uma maneira de conduzir-se perante os mundos físicos e social. A frustração e conseqüente ressentimento ocorrem naqueles que são competidores, que aspiram conseguir

vantagens a qualquer preço, que pensam primeiro em si mesmos. Em espíritos deste tipo, reações coléricas mostram-se fáceis pelo fato de neles existir previamente certa dose de hostilidade. E isto porque são seres pouco evoluídos, demasiado apegados ao brilho da matéria; aí a frustração nutre a hostilidade. Informa Emmanuel ("Roteiro") que milhões de homens conservam ainda "avançados patrimônios de animalidade", em vista de abrigarem "impulsos de crueldade".

Conforme o mecanismo dos impulsos, exposto anteriormente, uma situação interpessoal de vida anterior pode ser reativada por nova situação homóloga. Uma palavra ou uma cena trazem ao consciente uma chispa impulsiva, uma emoção violenta capaz de desencadear uma atividade aliviadora qualquer. Nesses casos freqüentes, verdadeiras provas para o espírito, sem dúvida a hostilidade estará presente, segundo a natureza da experiência prévia. Como há uma multidão destas, adquiridas em várias existências, a conclusão dos psicanalistas modernos acerca do papel do ressentimento (cólera interiorizada) é correta; mas, num sentido diferente: a hostilidade não poderia se originar numa curta e muitas vezes insignificante existência humana, havendo necessidade de introduzir o conhecimento da reencarnação (aliás, como sempre).

Compreende-se também que a ansiedade, com sensação de fracasso e de culpa, tome conta do espírito sem ter nada que ver com o precedente. Já se fez referência a isso sob o título de impulsos. A ameaça de invasão do consciente pelos compromissos e deveres não cumpridos, cuja noção estava recalcada, acarreta angustioso sofrimento, tanto maior quanto mais sensível seja o espírito.

Como evitar a ansiedade? Sabido que a ansiedade gera isolamento emocional, levando a pessoa, que tanto precisa de confiança e apoio, a não poder confiar em ninguém, dando-se que procura proteção e afeição e não os consegue aceitar, vários expedientes desenvolvem-se para evitá-la e para fugir dela. Karen Horney indica os seguintes procedimentos postos em prática pelos ameaçados de angústia com o fito de afastar o estado ansioso. Mediante a racionalização a ansiedade é transformada num medo racional como, por exemplo, uma fobia (medo de ficar só, de quarto fechado, do escuro, de que os filhos corram perigo, etc). Pela negação inconsciente ela permanece fora da percepção consciente, só aparecendo alguns sintomas, como tremores, suores, vômito, diarreia, inquietude, etc. A negação consciente pode determinar uma decisão tendente a superá-la; é o caso da pessoa cuja ansiedade se acentuaria no escuro e que

resolve dormir com a lâmpada apagada; só desaparece o temor da escuridão. Narcotizar a ansiedade poderá consistir em usar álcool ou drogas estupefacentes, ou em comer demais; em desenvolver intensa atividade de caráter compulsivo, seja social, seja no trabalho; e em promiscuidade sexual. Uma quarta maneira reside em evitar pensamentos, sentimentos e situações capazes de evocarem o seu aparecimento; está em foco aqui a inibição — incapacidade para fazer, sentir ou pensar determinadas coisas, cuja função é impedir que ela apareça, caso tais coisas fossem tentadas; uma jovem sente-se ansiosa por julgar-se feia e acaba convicta de que não gosta de festas: evitando a situação temerosa afasta a angústia de sentir-se menosprezada (por ela mesmo); muitos recusam-se a falar em público pela mesma razão.

Instalada a ansiedade e sendo uma sensação dificilmente suportável, o indivíduo procurará escapar dela. Os seguintes recursos são mencionados por Horney, os quais inter-relacionam-se, reforçam-se e entram em choque criando conflitos. Tais recursos já são tidos como penetrando na faixa da anormalidade e merecem da autora citada a denominação de tendências neuróticas. Seguem-se os principais, considerados como traços permanentes do caráter.

Busca de afeição. Como o indivíduo teme desagradar e receber desaprovação, fazendo o que pode para evitá-lo, e sente grande necessidade de afeição ou pelo menos companhia, não suporta estar só, procurando contacto constante com outros e garantia de amizade. Por isso, em geral é pouco exigente na escolha dos companheiros, visto que está na dependência emocional de alguém (o que explica muitos casos de sexualidade mal conduzida). A despeito disso, é comum que ele não consiga manter nenhuma amizade sólida, em face das próprias deficiências afetivas. Na neurose franca, a exigência de amor é incondicional, pois o doente é insaciável — muito embora seja incapaz de amar alguém. Contudo, impulsos agressivos estão presentes em estado de repressão.

Busca do poder. Andam juntos os desejos de adquirir **poder** prestígio e riqueza (posses) sem que sejam encarados como anomalia psíquica. No caso em exame, contudo, o desejo de domínio brota da ansiedade, da hostilidade e da sensação de inferioridade, pelo que poderá ser frenético; julga-se que, possuindo poder, ninguém molestará. É a ânsia de poder, que leva a inflar a personalidade. Há várias modalidades: querer ter sempre razão, não ceder nunca nas opiniões expressas; humilhar outros; despojar o próximo de suas posses; cobiça, inveja e avareza; espírito



de competição, mesmo contra quem não compete; querer ser o primeiro em tudo, etc. O resultado é a frustração inevitável: "é a presa entregue nas garras do atormentador conflito interno."

Submissão. Nesta solução, a pessoa, mediante uma atitude sempre dócil, submete-se a uma autoridade qualquer ou recalca suas exigências e afasta a possibilidade de ressentimento, acreditando não poder ser molestada. Não desaparecem os impulsos agressivos, reprimidos, que vez por outra podem eclodir subitamente, surpreendendo os amigos e colegas habituados à atitude mansa do indivíduo.

Renúncia. Renunciando ao contacto com o próximo, através da conquista de uma situação independente com respeito às próprias necessidades, a pessoa pode-se divorciar emocionalmente dos semelhantes e crer-se imune a qualquer aborrecimento.

Lançando mão desses recursos, todos desviados da normalidade (na qual o ajustamento é flexível e indolor), é possível fugir à ansiedade — se o ambiente não oferecer novos conflitos. Estima Horney que eles fornecem "uma satisfação secundária"; por exemplo, um indivíduo submisso ao seu chefe encontra certa compensação no trato mais ameno que lhe é dispensado (embora sem a consideração merecida por outro mais independente e dotado de iniciativa). É bom

observar que atividades defensivas como as citadas geram empobrecimento da personalidade, entravada que está no seu desenvolvimento. E que são basicamente inconscientes: o sujeito não percebe como é nem como se comporta; se lhe chamarmos a atenção, ficará admirado ou aborrecido.

Medidas do tipo mencionado recebem outras interpretações nas mãos de E. Fromm, por exemplo. Tal deve-se ao ponto de vista em que se coloca o autor. Para nós, tudo não passa de deficiências espirituais geradas pela atuação voluntária, em vidas anteriores, no curso das quais outras pessoas foram seriamente prejudicadas. Não se trata de evolução incompleta, inexperiência vital, mas de desvios do bem no rumo do mal — acompanhados de acumulação de dívidas perante a Lei. Pela prática do mal, certos centros psíquicos sofrem desorganização ou viciação e entram a funcionar desarmonicamente; mais ainda, espíritos malévolos e/ou vingativos descarregam aí sua hostilidade sob a forma de vibrações de ódio. Renascendo, já sem as antigas disposições malfazejas, até certo ponto reformado e desejoso de reequilibrar-se, o espírito traz essas anomalias funcionais e o ser encarnado apresenta comportamento estranho em um ou alguns setores; só o tempo e a prática do bem poderão operar a cura.

A busca ansiosa de afeto e a submissão parecem significar forte desejo de relacionamento

interpessoal, o qual, contudo, durante muito tempo transcorre anormalmente — mesmo em grau leve e desapercibido de todos. A pessoa não consegue relações humanas equilibradas e procura afanosamente o contacto com outros; isto poderá ser uma causa de promiscuidade sexual: facilitar a satisfação de uma pessoa cuja intimidade é desejada (muitos casos de "sem-vergonhice" não passam da busca de companhia e atenção, movida pela ansiedade). A busca de poder e a renúncia sugerem forte egoísmo, pelo que se dá o afastamento do próximo; portanto, estas duas condições são piores do que as duas primeiras.

Em todos os casos, a ansiedade, produto de conduta errônea, é uma reação salutar que, como toda forma de sofrimento, leva a perseguir solução para o mal espiritual; a Lei encarrega-se de reunir as pessoas certas para isso. Em conclusão, mais de uma condição profunda acha-se envolvida nessa questão e a defesa contra a ansiedade não pode explicar tão bem condutas tão diversas quanto a orientação maléfica em vida anterior. Vê-se com nitidez isto em se tratando de crianças muito pequenas (como, por exemplo, 1 ano) e que são fundamente ansiosas por afeição, procurando contínua e desesperadamente a companhia de pessoas — quaisquer pessoas; elas, é óbvio, não puderam acumular hostilidade, para não falar daquelas que, desde

o dia do nascimento, só receberam amor e, no entanto, não suportam ficar sozinhas alguns minutos (gritam sem parar); ainda mesmo gozando de companhia emitem gritos freqüentes, sem choro, cujo objetivo é chamar a atenção, é solicitar carinho, nunca estando saciadas.

Afinal de contas, tanto o Espiritismo quanto a Psicanálise situam a origem das perturbações mentais no passado, com a diferença de que o primeiro leva-as mais longe mostrando que número muito maior de experiências e materiais estão envolvidos; que valem alguns anos de infância em face de uma longa vida de sofrimentos? Isto faria do homem simples vítima inocente dos seus maldosos instintos e pais; Horney, porém, destaca bem a responsabilidade do doente na gênese de suas próprias dificuldades neuróticas, com o que concorda plenamente a doutrina espírita.

Conflitos básicos. As tendências neuróticas, dadas como mecanismos defensivos contra a ansiedade, podem-se combinar com reforço mútuo e orientar a atitude básica do indivíduo perante a vida. Três atitudes são reconhecidas por Horney: 1) movimento na direção das pessoas; 2) movimento para longe das pessoas; 3) movimento contra as pessoas. Em se tratando de atitudes incompatíveis, conquanto haja uma dominante, sua presença numa pessoa gera o chamado conflito básico. Cada um daqueles movimentos

predominantes, ou modos de enfrentar o ambiente, permite circunscrever um tipo de personalidade.

O primeiro é o tipo complacente, sempre em busca de atenção, consideração, aplauso e aprovação; precisa de pessoas sobre as quais possa apoiar-se para compensar suas fraquezas íntimas; subordina-se facilmente e avalia-se pelas atitudes dos demais. Os impulsos agressivos estão recalcados como defesa contra a hostilidade alheia. Tal sujeição e docilidade não significam, de forma alguma, amor ou bondade, mas uma solução provisória para limitações interiores.

O segundo é o tipo agressivo, bem conhecido de todos, que considera o mundo hostil e a vida amargura contínua; daí solucionar seus problemas internos pela ânsia de controlar os circunstantes. A maneira de conseguir seus objetivos varia segundo seu modo de ser e suas tendências em choque, mas procurará sempre estar acima dos outros, rebaixando a estes. Aí entram a esperteza, a astúcia, etc., que podem realmente, não havendo excessos, levar à eficiência na "luta pela vida" (luta para escapar à ansiedade dolorosa). Tende a recalcar afeição, simpatia, etc, como "fraquezas" ou coisas ridículas.

O terceiro é o tipo indiferente, que se caracteriza pela necessidade de afastar-se de seus irmãos. Não quer contacto próximo com ninguém, suportando mal o envolvimento em situações

interpessoais. A intimidade é fonte de ansiedade insuportável. Segue-se daí que pessoas desse tipo procuram a auto-suficiência, inclusive restringindo suas necessidades, de modo a pouco recorrerem ao auxílio externo. Para suportar o isolamento que se impõem, é preciso que se sintam superiores. Muitos são talentosos e alcançam importantes realizações nos planos intelectual e artístico, visto não entrarem em competição com outros. Todavia, sua condição é anormal e os torna frágeis, desamparados, quando surge uma situação difícil, da qual só há fugir, esconder-se. São comuns períodos de agressividade e a ânsia de afeto contínua, bem como o desejo de domínio mas em estado de repressão, inaparente.

Vejamos as soluções encontradas. As personalidades deficientes supra consideradas tentam, inconscientemente como costuma suceder em casos semelhantes, iludir suas angustiantes condições íntimas de várias maneiras, das quais duas merecem destaque; elas permitem negar a existência de conflitos.

A primeira é a idealização do eu. A constituição de uma imagem idealizada de si mesmo consiste em crer-se dono de uma personalidade diferente da real, em parte fictícia. Conforme certas características daquela, o indivíduo edifica, para seu uso, uma imagem ilusória, que contém elementos verdadeiros arranjados e misturados

com outros irreais de maneira artificial. Um formará de sua pessoa a imagem de um sábio ou mestre, pontificando tolices com absoluta segurança e nada produzindo; outro, a de um santo, pregando elevação e procurando poder e prestígio; outro, a de um sujeito muito esperto, a quem ninguém engana conquanto não passe de um medíocre; outro, a de um galante conquistador de belíssimas damas; e assim por diante.

O mau aspecto do negócio é que o próprio não percebe o que diz e faz; mais ainda: não nota a reação dos que o conhecem e avaliam bem suas "mentiras e farolagens". Ostenta qualidades que não possui ou só tem em rudimento, mas nada consegue exhibir em matéria de realizações. Daí só enganar àqueles que têm escasso conhecimento dele e em certos casos não poucos males decorrem disso. Tudo isso torna o sujeito, para quem a imagem idealizada é a realidade, vulnerável, afastado que está do verdadeiro eu; precisa de afirmação e reconhecimento, pelo que uma observação ou ação desfavorável desencadeia grande sofrimento; disso deriva ficar a realidade cada vez mais difícil de suportar, pelo que ele se torna perfeccionista, volúvel, irresponsável ou derrotista.

Pela exteriorização o sujeito atribui ao mundo externo suas dificuldades de caráter. Ele foge de si mesmo projetando-as; os fatores ambientais

passam a ser responsabilizados por suas faltas e sentimentos inadequados. Tudo é motivo de perturbação: o ministro, o diretor, as grandes nações, os colegas, fulano, o serviço público, a polícia, etc.. Todavia, os problemas estão dentro dele mesmo; por exemplo, quando declara que "fulano está com raiva dele", é ele que está mal satisfeito consigo mesmo e projeta o sentimento sobre o próximo.

Para outros, entre os quais se incluem muitos de alto valor intelectual, só resta o afastamento. É viver num determinado ambiente emocionalmente desligado dos companheiros: nada quer deles e nada pretende dar-lhes; apenas não quer aproximação. Uma resposta típica é esta: "isso é problema seu; não tenho nada com isso."

É de toda conveniência e justiça acentuar fortemente que, afora os casos extremos, menos comuns, as pessoas incluídas nas formulações justa-explanadas não são nem maléficas nem inúteis. Ao contrário, quase sempre há nelas um lado bom em destaque, ao lado de um setor anômalo, o qual responde pelo comportamento fora do habitual. Muitas são bondosas, chegando a serem "cacetes", tal a ânsia de fazer amizade e servir mil coisas para agradar. Há os que, por exemplo, tendo necessidade de afeto e vivendo solitários, adotam crianças, etc., etc.. A necessidade de nova orientação na vida presente leva-os a



procurar o bem possível, dentro de suas limitações. Mas, é certo que, vez por outra, topamos com um extremo desagradável, que pede paciência. Formam freqüentemente grupos com seres semelhantes, grupos que, dentro de uma comunidade, destacam-se como foco de complicações e aborrecimentos.

Comentário final. Horney e Fromm, dois eminentes expoentes da escola cultural de psicanalistas, põem em destaque que o fator moral se acha na origem e desenvolvimento dos distúrbios psíquicos que tratam sob o nome genérico de neuroses. (Tudo quanto foi exposto acima, com referência à ansiedade, está evidentemente na área ética e diz respeito, especificamente, à atuação pessoal no capítulo das relações humanas; por isso, o conceito de ética não pode fugir ao aspecto inter-humano. Quando o espírito acumula desobediência à Lei Divina, exposta no Evangelho, no que tange ao respeito a seus irmãos — condena-se a, mais tarde, encontrar sérias dificuldades quanto ao relacionamento. Desejando reformar-se, torna-se ansioso por amizade e apoio, mas não consegue recebê-los em vista das perturbações que gerou em si mesmo; procura afanosamente e sofre por não poder aceitar o de que tanto precisa. Não estando ainda nesse ponto, não sendo capaz de identificar a causa de seus problemas mentais,

procurará outras soluções para obter relacionamento ou buscará o afastamento completo; no primeiro caso, mantém ligações emocionais com os outros, desviadas da normalidade; no segundo, desliga o circuito afetivo e fecha-se dentro de si próprio. De qualquer sorte, o que temos nas tendências neuróticas e na ansiedade, é o espírito faltoso, que seguiu rumo maléfico no passado e que agora sofre a terrível sensação de isolamento; estando no meio de uma multidão, acha-se completamente solitário porque não pode pôr em prática a única maneira produtiva de relacionar-se: a solidariedade e a cooperação. O relacionamento de solidariedade e cooperação e o caminho certo para uma vida tranqüila e frutífera. O Evangelho é o código divino que o ensina com aquela simplicidade que traz o selo da veracidade. Mas, como descobrir e praticar essa terapêutica única? Eis o magno problema que só a Lei sabe encaminhar criando situações e provas adequadas. A nós, compete ajudar oportunamente.

Não deixa de ser enormemente significativa a circunstância de a Psicanálise moderna considerar todos os tipos descritos — em geral encarados como normais pela sociedade, que até estimula algumas de suas tendências — como envolvidos em neuroses, ou seja, enfermos. Significativo é o fato porque os mentores espirituais não

ensinam noção divergente: para eles, todo aquele que voluntariamente se entrega ao mau proceder, atingindo o próximo, é deveras um doente e enfermão permanecerá por muito tempo. Compreende-se agora a razão pela qual o estimado Emmanuel declara, repetidamente, que a massa dos homens civilizados é composta de espíritos falidos, que agora lutam angustiosamente com as conseqüências do passado culposo; informa ele ("O Consolador") que a maioria dos homens se encontra em lutas expiatórias, lembrando alguém que se esforce por alijar de si o próprio cadáver, representado pelo passado repleto de culpas. Todo o trabalho da Espiritualidade é no sentido de propiciar esclarecimentos acerca das mazelas humanas, cuja causa essencial única é o afastamento da Lei, que prescreve seja a conduta humana baseada no "não faça aos outros o que não quer que lhe façam" — isto é "num dos mais fundamentais princípios da ética" (E. Fromm).

## RAZÃO E FÉ

**T**em-se falado da prolongada luta entre razão e fé (Ciência e Religião). Hoje, há os que negam qualquer significação à fé e os que negam o valor da razão, isto é, propugnam ainda a fé cega na "palavra de Deus". Os primeiros só confiam nas próprias opiniões, no julgamento da Ciência, etc; os segundos, por exemplo, vivem lendo e recitando o Velho Testamento. Compreenda-se que não estamos criticando os que se conduzem assim em se tratando de uma convicção pessoal — que lhes é lícito manter sem qualquer constrangimento — e muito especialmente se acompanhada de obras de auxílio ao próximo. O mundo precisa de solidariedade humana, venha donde vier, e é por meio dela que o espírito se eleva. A coisa, porém, muda de figura quando o sujeito procura submeter outros — tão livres e filhos de Deus quanto ele — às suas idéias.

Essas posições extremadas, conquanto admissíveis no âmbito privado, não se mostraram

nunca úteis ao discernimento espiritual. Assim como o dever é fundamental para a moral, também a fé o é para a religião esclarecida; e ambos caminham lado a lado. Contudo, o tempo da fé cega passou há muito. Não basta ao homem moderno a fé isolada, a menos que mantenha a mente fixada no passado; todo fanático está repleto de fé, todo supersticioso está cheio de fé naquilo que teme. Ela há de ser aprovada pela razão e basear-se em motivos inteligentes. O conhecimento cria condições para o desenvolvimento da fé: esta, sem conteúdo intelectual, é pura abstração, uma forma vazia. Assim formulou o pensador Boutroux (1924) a questão, que Kardec coloca nos seguintes termos: "À fé, uma base se faz necessária e essa base é a inteligência perfeita daquilo em que se tem de crer. Para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega já não é para este século (XIX)" ("O Evangelho segundo o Espiritismo"). E estamos no século XX! Neste, o homem acata e entende o que lhe é apresentado conforme a índole da Ciência, mesmo pouco sabendo dela, porque ela representa a direção do pensamento moderno na busca da verdade. Ao invés de ignorar a Ciência e a Razão, o que convém é assimilar a primeira o melhor possível e assegurar à segunda todo o desenvolvimento que possa comportar; assim, a fé será ampliada

e sustentada. E isto porque "longe de perder, as idéias religiosas engrandecem-se com a Ciência. A Religião será sempre forte quando marchar de acordo com a Ciência, porque estará ligada à parte esclarecida da população" (Kardec, Revista Espírita, 3, 1860).

Toda a atividade investigadora atual gira em torno do método experimental, o único válido na pesquisa científica. Isto não quer dizer que não haja outras maneiras de obter conhecimento; significa que é a única maneira de conseguir reprodutibilidade, isto é, ter a segurança de poder reverificar sempre o que for oportuno ou necessário: um dado (ou verdade) experimental pode ser confirmado em qualquer lugar do mundo quantas vezes se queira; não sendo uma afirmativa gratuita, pode ser repetido à vontade até que todos os detalhes sejam bem conhecidos. Uma "verdade filosófica" é simplesmente uma assertiva pessoal, sem fundamento na realidade.

A investigação psíquica, o estudo experimental dos fenômenos ditos paranormais, provou que o método científico se ajusta perfeitamente a objetivos religiosos. Desse labor saiu o conhecimento do espírito como entidade distinta do corpo e que pode atuar por conta própria. Temos aí um novo nível de conhecimento que, por ser superior, não se casa com os anacronismos religiosos medievais; ele exigiria a desistência

das posições de mando e de privilégios arcaicos: todo ser humano tem um espírito essencialmente igual, cuja origem e destino são um só; o que varia é o grau de adiantamento alcançado na evolução ao longo do tempo.

Não nos venham, pois, os "pensadores" apontar falhas e impropriedades no método experimental. Isto em nada irá alterar o que aí está à nossa vista: os resultados teóricos e práticos, que usamos em todos os minutos da vida diária. Além disso, já o observava Comte, o método só pode ser avaliado e examinado em conexão com a pesquisa à qual se destina; abstratamente considerado, não ultrapassa vagas generalidades. Empregando somente a imaginação, sem o contacto freqüente com os problemas do método diretamente aplicado a qualquer questão positiva, não é possível mais do que divagar em torno dos processos empregados pelos cientistas. É que a experimentação apresenta mil faces e nuances conforme o objetivo e o material em investigação. Portanto, deixemos de lado os que teimam na obsoleta mania de analisar intelectualmente o que não conhecem pragmaticamente.

Até o século passado, as duplas inteligência-ciência e sentimento-religião pareciam atributos incompatíveis e irreconciliáveis perante a razão humana. Cientistas e religiosos afiguravam-se empenhados em cavar um abismo cada vez mais

fundo entre elas. De 1857 em diante, para quem estiverem condições de reconhecê-lo, o Espiritismo, realizando verdadeira síntese do conhecimento, funde-as num corpo unitário de doutrina por meio da pesquisa espiritual. Tal operação conceptual tem sido confirmada até nossos dias, inclusive fora do Espiritismo, como, por exemplo, em *A Grande Síntese*, de P. Ubaldi.

Kardec (*R. Espírita*, 7, 1864, p. 202, e 11, 1868, p. 351-360) declara que as leis da Natureza fazem parte da Lei de Deus e que, por isso, há duas classes de Ciência: Ciência da matéria e do espírito, afirmando (*idem* 10, 1867, p. 102) que "as leis morais e as leis da Ciência são leis divinas." Mais tarde, Gelcy (1958) e Ubaldi (1950) reconhecem expressamente o fato, como antes fizera Delanne em suas obras científicas.

Tal foi a razão de Kardec afirmar: "O Espiritismo e a Ciência completam-se reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, acha-se na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo."



Muitas vezes ele aborda as relações entre Espiritismo e Ciência. Queria deixar bem claro o seu pensamento a respeito. Chegou a afirmar taxativamente (R. Espírita, 12, 1869, p. 193): "a filosofia espírita admite todas as conclusões racionais da Ciência" e depois (ibidem 7, 1864, p. 202): "Repudiar a Ciência é, pois, repudiar as leis da Natureza e, por isto mesmo, renegar a obra de Deus. Se fosse impossível o acordo entre a Ciência e a Religião, não haveria religião possível. Proclamamos altamente a possibilidade desse acordo porque, em nossa opinião, a Ciência e a Religião são irmãs para maior glória de Deus..." E, contudo, a maioria dos religiosos, espíritas inclusive, resolveu, por conta própria, que o homem pode fazer algo contra a Divina Vontade... Se a Ciência existe e tanto incrementa-se, é porque Deus o permite e ela, como tudo o mais na Criação, tem um papel a desempenhar. Terão, vejamos um exemplo grosseiro, os bordéis e outros antros um papel a desempenhar? É claro: lá espíritos viciados encontram satisfação para suas necessidades doentias e deixam em paz ambientes melhores, onde, então, espíritos mais qualificados podem atuar sem a perturbadora presença daqueles... Eles são produtos de um baixo nível evolutivo, que a Terra ainda admite.

Allan Kardec vai além e no "O Evangelho segundo o Espiritismo" afirma: "A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral, tendo, no entanto, umas e outras (as leis) o mesmo princípio: Deus, razão porque não se podem contradizer." Nas "Obras Póstumas", declara que o Espiritismo "não repudia nenhuma descoberta científica, dado que a Ciência é a coletânea das leis da Natureza e que, sendo de Deus essas leis, repudiar a Ciência fora repudiar a obra de Deus". Agrega aí mesmo: "Nenhuma crença religiosa, por lhes ser contrária, pode infirmar os fatos que a Ciência comprova de modo peremptório". Emmanuel ("Roteiro"), recentemente, assim se manifesta: "Uma e outra se completam no processo de evolução de todas as almas para o Criador e para a perfeição de Sua obra". E acrescenta, mais tarde: "Os laboratórios são templos em que a inteligência é concitada ao serviço de Deus..."

Eis o resultado dessa luta injustificável entre Ciência e Religião, nas palavras de André Luiz ("No Mundo Maior"). A Ciência, diz ele, é uma "árvore gigantesca"; a religião, uma "erva raquítica a definhar no solo". Enquanto a primeira é um organismo, a segunda acha-se subdividida em numerosos órgãos isolados, a maioria dos quais

dá combate uns aos outros, todos empenhados em conquistar hegemonia mundana; órgãos doentios, portanto. Bem, isto não faz mal porque religião, para nós, só pode ser uma experiência interior e pessoal, sem atos exteriores obrigatórios e sem influências impositivas.

Atualmente não é possível, muito mais do que na época de Kardec, ignorar a Ciência em nenhuma cogitação intelectual, em vista de impor-se ela como uma "evidência irresistível" (Boutroux) e de haver conquistado magna parte da consciência humana. Isto é compreensível em vista dos seus sucessos em explicar a Natureza e em favorecer a vida do homem. Tão grande e fecunda tem sido a sua participação em modelar as interpretações que damos à circunstância, na qual vivemos mergulhados, que apagou as contribuições de outras fontes, mais antigas. Devemos observar que há pelo menos três pontes de ligação ou pontos de contacto entre a Ciência e a Religião (conforme entendemo-la agora).

A primeira são as muitas vezes citadas Meta-psíquica e Parapsicologia. Estas ciências, demonstrando a existência do espírito como entidade distinta do corpo e dotada de atributos próprios, nem por isso embaraçam o cientista e o religioso: eles colocam-nas num compartimento cerebral estanque, sem comunicação com os outros setores mentais, de modo que o raciocínio não se deixa

influenciar por elas e continua impregnado apenas do conhecimento material. Mas, por via de regra, limitam-se a ignorá-las ou a combatê-las com unhas e dentes (às vezes, interpretam-nas soezmente).

A segunda ponte é a teoria da evolução, enormemente desenvolvida pela Ciência e parte integrante do Espiritismo. Já em 1908, Denis ("O Problema do Ser, do Destino e da Dor") reconhecia que "a evolução gradual e progressiva é a lei fundamental da natureza e da vida. É a razão de ser do homem, a norma do Universo". Delanne fez amplo uso desse conceito, declarando que o transformismo segundo Darwin se prestava muito bem aos fins que tinha em vista. Informa-nos claramente aquela teoria que seres e coisas mudam ou podem mudar em algumas de suas manifestações ou mesmo no conjunto de suas maneiras de ser. Nada é imutável, fixo ou perfeito neste mundo, antes tudo caminha para crescente aperfeiçoamento, logo para Deus, que é a perfeição. Assim como, para a Ciência, a espécie biológica é uma fase no curso da evolução orgânica, para o Espiritismo o homem é uma fase do curso da evolução espiritual. Quando o meio modifica-se, diz a Ciência, os seres vivos ou evoluem ou desaparecem: a vida só pode se manter com auxílio do meio onde transcorre; portanto, o ajustamento é indispensável

e isto significa mudar. Como é evidente que o mundo onde o homem vive tem mudado muitíssimo, a mente humana não poderia escapar à lei universal e, pois, modifica-se constantemente. Pretender permanecer escravizado a velhas fórmulas ou posições superadas pode ser compreensível como hábito espiritual, mas inevitavelmente acarreta estagnação: o espírito atrasa-se e apequena-se, fica murcho ou endurecido. Isso, contudo, é admissível quando a pessoa o faz por sua própria vontade, usando a liberdade de escolha pessoal, e sem procurar influenciar os seus semelhantes para que se retardem com ela.

A terceira ligação entre Ciência e Espiritismo é a teoria da unidade da matéria e da energia, a qual leva a considerar corpo e espírito (perispírito) como formas distintas de um mesmo princípio ou substância(\*).

Em suma, o homem moderno não pode escapar da maneira científica de conhecer a cota de

---

*O Nota da Editora: Felicíssimo o autor, senão vejamos: Kardec se refere aos elementos gerais do Universo considerando o espírito como sendo o "princípio inteligente do Universo" em contraposição ao outro elemento, o material. É alguma cousa, dizem os companheiros, pois cousa nenhuma é o nada e o nada não existe.*

*Sob novo enfoque, considera-o a individualização do princípio inteligente que habita o Universo. Cada espírito assim o é. Seria mais exato dizer deles que são incorvóreos*

verdade que lhe foi reservada; pode, como se vê comumente, ignorá-la e situar-se mentalmente numa posição retrógrada, numa época de espessa ignorância — se isso lhe apraz e se limita a fazê-lo a si mesmo.

Por outro lado, o espírito humano não é constituído somente de inteligência, que a Ciência instrui. Também inclui o sentimento, ao qual se liga a fé, a religião interior. Por isso, não tem cabimento separar radicalmente razão de afetividade. Um dos mais eminentes cientistas, Prêmio Nobel de Fisiologia, Charles Richet reconhecia, em 1937, que "a Ciência é condição necessária para a felicidade humana, mas não é condição suficiente". E acrescentava: "a felicidade do homem depende dos progressos científicos", como é notório, mas "não consiste unicamente no conhecimento das coisas, nem tão pouco no seu emprego utilitário. É preciso mais do que isso: uma espécie de ordem moral, a noção de solidariedade e de fraternidade

---

☞

*(sendo uma criação não de ser alguma coisa) — "O Livro dos Espíritos".*

*Desde que o espírito é alguma coisa, também o perispírito o é, por mais forte razão: matéria quintessenciada, campo energético estruturado...*

*A Ciência avança e encontra o Espiritismo apenas aguardando a formulação da linguagem que esclareça as suas afirmações.*

humanas". É bem de ver, conseqüentemente, que o cientista não é tão frio e indiferente quanto muitos julgam; não são poucos os que se manifestaram sobre questões desse tipo.

Como vimos, a fé precisa da aprovação da razão para ser consciente e lúcida. Por sua vez, a moral, desde a sua fundação nas mãos de Sócrates, conforme se nota, foi uma atividade mental racional. A distinção entre o bem e o mal cabe à inteligência; escolhendo um desses dois caminhos, o sujeito deve procurar saber o que está fazendo. Ora, sabemos que o progresso espiritual é duplo: intelectual e moral. Sucede, porém, que o segundo decorre do primeiro, mas não o segue imediatamente. Daí haver homens de elevada intelectualidade e de moralidade medíocre; por não serem simultâneos, numa vida avança-se em cultura e noutras em moralidade. Afinal, intelecto e moral acabarão por entrar em equilíbrio, visto o progresso intelectual ampliar a compreensão do bem e do mal e conduzir ao progresso moral.

Compreende-se, em conclusão, porque os mentores de Allan Kardec responderam: "Sem dúvida... nenhum conhecimento é inútil" à pergunta dele referente à utilidade dos conhecimentos científicos materiais (O Livro dos Espíritos). E porque o próprio Codificador

exclamou: "Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as etapas da Humanidade".

Razão e nível moral. Do antecedente, sugerimos ao leitor tirar a conclusão de que submissão total cabe somente a Deus, no íntimo, pois a Sua Lei destina o ser humano à perfeição e felicidade. Aos homens é conveniente obedecer, sem dúvida, visto precisar o mundo de ordem e disciplina para funcionar harmoniosamente. Mas, não cegamente, com abandono da livre decisão racional e, por isso, sem responsabilidade; o inferior deve reconhecer a superioridade dos que se lhe situam acima na escala evolutiva e cumprir as ordenações da sociedade onde nasceu, cresceu e vive. Tal atitude é a única benéfica ao progresso do espírito.

O livreto-jóia "Pequenos e Grandes Problemas", de autoria de Angel Aguarod, que examina essa questão em sentido espírita, pergunta se "não é uma indignidade abdicar o homem de sua razão e entregar-se cegamente à direção de outro" — a quem muitas vezes não conhece nem por fora; e "para que deu o Criador ao Espírito a razão, se este devesse abdicar dela para deixar que outros homens, tanto ou mais falíveis do que ele, por ele pensassem e por ele raciocinassem?"

Ora, a obediência desse tipo não passa de um atentado à razão, de uma infração à Lei de Deus.



Esta ordena que cada um desenvolva a própria capacidade racional, sem o que não haverá progresso espiritual por falta de discernimento e de compreensão. Afirma o livrinho: não quer a Lei que "os Espíritos andem cegos pelo mundo, tapando os olhos da razão para se deixarem guiar por terceiros". Funestos são os resultados da sujeição indiscriminada a outrem, tanto para o submetido quanto para o dominador — porquanto, afiguram-se dois cegos, um conduzindo o outro, e ambos cometerão desatinos, caindo no poço da expiação e da reparação.

Foi sempre um sonho acalentado, que continua bem vivo, o de governar a vida do próximo, tirando-lhe a iniciativa, o direito de aprender errando e obrigando-o a uma obediência absoluta. A velha moral religiosa está impregnada de autoridade irracional, que exige submissão completa. Isto funcionou enquanto a mente humana era incapaz de compreender o mundo, a vida e o espírito por falta de conhecimentos; e funciona hoje ainda nos que criaram necessidades enfermias e têm a mente obstruída por elas. O espírito crítico, que avultou com a Ciência, acabou derrubando, na torrente negativista, todos os valores humanos, porque contrapôs a eles valores contraditórios.

Esta exagerada revisão de valores teve pelo menos a vantagem de pôr em destaque o fato

básico de que o NÍVEL MORAL é peculiar ao indivíduo quando consegue usar a PRÓPRIA RAZÃO para analisar coisas e situações — e, fazendo-o, declara-se, perante si mesmo, insatisfeito: então, procura noções e princípios superiores aos do meio social no qual se movimenta. Aprende a respeitar as pessoas e instituições do seu ambiente, mas passa a conduzir-se, na área pessoal, pelo que descobriu ser VALIDO acima das leis, convenções, tradições e costumes da sociedade.

Eis, portanto, que a razão, faculdade de compreender, serve para elevar o indivíduo a um nível superior ao das cogitações puramente materiais, circunstanciais, conduzindo-o à autodeterminação.

## RELIGIÃO

**F**altou dizer ao leitor o que se deve entender por fé e religião interior (ou sentimento religioso), acima mencionadas.

Pode-se reconhecer dois aspectos nas religiões:

1) o exterior, composto de ritos, credos e instituições; 2) o interior, constituído de uma experiência exclusivamente pessoal. Para muita gente, religião é apenas imitação ou ato social ou convencional; elas refletem o meio em que vivem e as influências que sofrem. Noutras condições, teriam as mesmas maneiras de sentir e crer, mas com orientação diferente, inclusive sem caráter religioso; durante a Idade Média, por exemplo, os homens estavam sempre rezando nas igrejas nos intervalos das habituais pelejas em que viviam metidos: o ofício religioso era um hábito secularmente imposto à força. Nas almas onde realmente existe, a religião denota um valor singular, peculiar, atribuído pela consciência e não pela imaginação; por outras palavras: é interior. Conforme o grau de evolução dessas

almas, poderá haver necessidade de práticas externas ou estas serem dispensadas.

Nas manifestações religiosas rudimentares, este elemento interior, subjetivo, é pouco significativo. Porém, vai-se tornando cada vez mais preponderante à medida que o espírito vive e assimila experiências de caráter moral. O Evangelho destaca o valor da disposição íntima, cuja falta significa ausência de religiosidade em sentido mais elevado. Diz-nos mesmo que "a letra mata e o espírito vivifica", querendo expressar que não é na forma, mas na compreensão, que reside o valor da experiência religiosa interna. Tanto mais interna quanto mais exige renovação moral do sujeito; sem essa, a prática religiosa não ultrapassa o nível material, em nada conseguindo modificar o indivíduo para melhor.

Religião interior ou sentimento religioso é o reconhecimento de, e a conseqüente submissão a, um Poder Supremo extraterreno. Este poder, naturalmente, é Deus e Seus delegados (conforme a capacidade de identificação do homem): Jesus e as várias categorias de espíritos superiores ("anjos", etc). A consciência religiosa objetiva alcançar a conformidade com a Vontade Divina, expressa na Lei, através da vontade pessoal instruída pelo conhecimento e posta em ação. Assim define Emmanuel ("Roteiro"): "A religião é o sentimento divino que prende o homem ao Criador".

A fé é a confiança nesse poder. A prece é uma declaração de confiança e de submissão consciente, pelo que estabelece contacto entre criatura e Criador, entre discípulo e Mestre. Além disso, o estado de confiança gera "certa atenção favorável" (A. Luiz) que permite receptividade aos auxílios dos Poderes do Alto. Sem tal estado, são difíceis recolhimento e respeito e sem estes não há receptividade, caso em que fica prejudicado qualquer auxílio prestado pelo Alto. Não esqueçamos, contudo, que, em virtude da evolução, os homens são essencialmente diversificados, razão da capacidade de compreender variar muito, nenhuma explicação ou concepção jamais sendo válida para todos eles e seu comportamento mostrar-se divergente.

Sobre que base assenta uma fé legítima? Segundo Boutroux (1924), conhecido pensador francês, toda fé consciente repousa, saiba-se ou não, no sentimento do dever. Crer é afirmar algo resolutamente (sem necessidade de enunciados públicos) e a razão, como vimos, exige um motivo para isso, encontrado no senso do dever. Assim, a mola oculta da fé seria o dever, o que significa que não pode haver genuína religião sem moralidade desenvolvida: as duas formas de consciência, a moral e a religiosa, caminham lado a lado ao longo do tempo; daí ser a doutrina de Jesus ético-religiosa. O próprio dever é uma

forma de fé; desaparece quando imposto ou aceito por razões práticas; é uma força viva e fecunda, que leva a inteligência a conceber e a gerar. É interessante notar que semelhante concepção já se encontra, desde 1874, exposta em "Roma e o Evangelho", de José Amigó Y Pellicer, num ditado mediúnico. Explica o autor espiritual: "A religião é, por consequência, progressiva; e a melhor das religiões é a que melhor promove o cumprimento do dever. O dever é, pois, a religião".

Como o espírito, que tanto se apega aos bens terrenos e tanto aprecia os prazeres mundanos, chega a guiar-se por noções imponderáveis como fé e dever?

É que pela longa vivência de experiências, em múltiplas existências na carne, cujos resultados são assimilados e conservados em forma de aptidão, e pela acumulação de conhecimentos, desenvolve-se um estado especial, dito de maturação interior (ou maturidade do senso moral, como prefere Kardec). Este caracteriza-se por uma receptividade cada vez maior às noções superiores. Do grau de amadurecimento interno procedem moralidade e religiosidade, variáveis segundo o tempo e a intensidade vivencial com a consciência desperta. Disto deriva que o sentimento religioso é de exclusivo interesse pessoal e será diferente em cada

homem conforme o grau de compreensão alcançado. Esta maturação surge como um novo centro psíquico — o superconsciente, no qual vai crescendo o ideal superior. Compreende-se que pessoas de grande conhecimento e inteligência freqüentemente não sejam religiosas e até detestem a religião; o seu consciente é muito amplo, mas o superconsciente acha-se imaturo, isto é, desprovido de suficiente número de experiências bem assimiladas. Mediante tais considerações é compreensível que a convicção não possa ser imposta; é inútil ou mesmo contraproducente aborrecer o próximo com longos sermões sobre assuntos que não está nele entender; chegado o momento, ele mesmo procurará e "quem procura, acha": esse será o momento de intervir a favor dele, esclarecendo-o.

Por que será que um número imenso de homens prefere o materialismo, mesmo sem conhecê-lo racionalmente (isto é, são materialistas práticos), ou têm, no máximo, uma vaga crença numa imortalidade imprecisa, incolor, indefinida e até fantasiosa?

Em se tratando de pessoas inteligentes e cultivadas, como nota Kardec ("Revista Espírita", 12, 1869), o principal motivo é o pavor da responsabilidade fora da lei humana. Dá-se ampla preferência à crença de que o homem é um mecanismo sem responsabilidade por seus atos:

pode fazer o que melhor lhe pareça ou mais agrade. Provar positivamente, com fatos visíveis, a imortalidade é mostrar a responsabilidade e restringir a liberdade desordenada — logo, é perturbar o tranqüilo gozo dos prazeres irrestritos. "A perspectiva da responsabilidade fora da lei humana é o mais poderoso elemento moralizador", diz o mesmo autor. Encontramos pessoas que: 1) concordam apressadamente com tudo para encerrar logo o assunto; 2) negam tudo peremptoriamente; 3) não tendo coragem de negar, declaram que precisam "viver em paz" ou "gozar a vida enquanto podem".

É que ainda não chegou a hora da grande opção para eles. Quando suas experiências (muitas vezes dolorosas) forem suficientes, entrarão na trilha que Deus riscou para todos os seus filhos. Até lá, deixemo-los em paz, nas mãos do Pai.

### ***Bibliografia***

*André Luiz, Denis, Emmanuel, Kardec e Ubaldo*  
— citados no texto.

*Boutroux, E. 1924 — Sciencia e Religião na*  
*Philosophia Contemporânea. Livraria Garnier, RJ,*  
*371 p.*

*Comte, A. 1907 — Cours de Philosophie Positive,*  
*vol. 1. Schleicher Frères ed. Paris, 410 p.*

*Geley, G 1958 — Resumo da Doutrina Espírita.*  
*Ed. Lake, SP, 2ª ed., 194 p.*



*Richet, C. 1937 - O Homem de Ciência. Trad. Portuguesa, A. Amado, Coimbra, 188 p.*  
*Delanne, G. 1952 — A Evolução Anímica, Feb, RJ, 285 p.*

## O QUE É E O QUE SIGNIFICA A MATÉRIA

**S**empre houve pensadores que consideraram a matéria — aquilo que podemos tocar, sentir e manejar, e que ocupa lugar no espaço — como eterna e indestrutível, capaz de explicar todos os fenômenos existentes, inclusive os mentais, mediante as múltiplas transformações por que passa. Outros pensadores, também desde a Antigüidade, julgam que, além dela, há um princípio mais importante, de natureza imponderável, ao qual chamam espírito, cuja natureza seria totalmente diversa. É o que o Espiritismo nos indica, mas acrescenta um processo básico de transformação, a evolução, referente a ambos (e não só à matéria, como o faz a Ciência).

Estudemos a constituição da matéria com o fito de apreender o seu verdadeiro significado e valor. Interessa-nos particularmente a teoria de Rutherford & Bohr sobre a estrutura do átomo, a qual oferece um modelo relativamente mecânico (embora em grande extensão dinâmico) e por isso mais fácil de compreender; é conveniente,

porém, indicar as modificações mais recentes nas concepções físicas relativas ao átomo. Antes dessa empresa, devemos ficar sabendo o que é o materialismo, de que tanto se fala e que tanto se combate.

### O materialismo

Consideremos o materialismo do século 19 e do primeiro quartel do século 20, que é o materialismo científico clássico. Teremos que ouvir as opiniões de sábios pensadores como L. Büchner, E. Littré, E. Haeckel, J. Huxley, que se incluem entre os mais eminentes, e Lenine, o chefe da revolução russa de 1917, introdutora do comunismo na Rússia; este acabou completamente na terra de origem em 1991.

O materialismo é uma doutrina filosófica que explica todos os fatos do universo em termos de matéria e movimento e que, em particular, considera os processos psíquicos oriundos de modificações físicas e químicas do sistema nervoso. O seu oposto é o idealismo, que declara a mente superior e nega à matéria poder para explicá-la; e o espiritualismo, em sentido mais específico, que se baseia no princípio acima apontado sob o título de espírito. Para o materialismo, a vida depende do corpo, o pensamento é uma função do cérebro e a alma

apenas a soma dos processos mentais dependentes de alterações físico-químicas. Logo, a decomposição do corpo acarreta a cessação da consciência. O chamado *mecanicismo* é quase a mesma coisa, apenas diferindo por acentuar a determinação essencial dos fenômenos naturais pelas leis da matéria e do movimento, ou seja, leis mecânicas; em geral, serviu para combater outros sistemas de ideias, sobretudo o Vitalismo e a Teologia, que lançam mão de entidades metafísicas, extramateriais.

Para o materialismo científico, o postulado fundamental é a eternidade da matéria, isto é, que ela não teve origem e não terá fim. Todas as observações só demonstram, afirma, transformações na natureza: nada se cria, tudo nasce de algo preexistente. Após dissolução, tudo volta a tomar parte em outras combinações. A matéria é a realidade objetiva, existindo independentemente do nosso conhecimento; o que importa são as suas propriedades físicas, como impenetrabilidade e inércia, já que ferem os sentidos e provocam a percepção. Atributo essencial da matéria é o movimento: qualquer mudança de forma e de qualidade, é propriedade eterna. Não há força sem matéria, nem matéria sem força — não há luz, há corpos luminosos. Büchner acrescenta que os átomos são imortais e imutáveis; contudo, confessa nada conhecer

sobre átomos e que "nada se sabe da essência da matéria".

Em suma, a matéria existe e move-se desde a eternidade, evoluindo ascendentemente e criando formas e qualidades novas, esclarece Lenine. A vida e a consciência apareceram logo que a matéria, no curso da evolução, atingiu grau adequado de organização. Portanto, primeiramente surgiu o organismo e depois o espírito como seu produto. Sábios poderosos como Huxley e B. Russel pensam assim ainda no século atual, além de Büchner, Haeckel e muitos outros no século anterior. Físico e psíquico são dois aspectos da mesma realidade concreta. Por isso, afiança Büchner que o pensamento é um movimento "das substâncias dispostas no cérebro de forma determinada", podendo-se mesmo dizer "que a matéria pensa", tal como acha Huxley neste século. Ao demais, as leis naturais, por imutáveis, independem de quaisquer influências exteriores. Tudo o que acontece no universo se rege por leis invariáveis e externas. Nada de deuses e espíritos. O destino humano é o destino da natureza, resultante de causas e relações materiais.

Afirma Büchner: "A imortalidade ou conservação da matéria é hoje em dia um fato adquirido para a Ciência e que já não se pode negar." Conforme veremos, a Ciência destruiu a base física do materialismo científico, depois de 1925, demons-

trando que a realidade da matéria é mais aparente do que genuína, por ser devida ao movimento das partículas infra-atômicas; suspenso esse movimento, ela desfazer-se-ia imediatamente. E provou que ela é essencialmente vazia, em vista da imensa distância existente entre o núcleo e as órbitas eletrônicas. E mais, que a matéria é mortal, transitória e destrutível, mediante a desintegração espontânea (morte natural) e provocada do átomo. Daí dizer o materialista B. Russel que a matéria perdeu a solidez e "transformou-se num mero fantasma assombrando o cenário de seu antigo esplendor", depois das descobertas científicas deste século.

Perdendo, posto isto, a estrutura fundamental sobre a qual se assentava — por que persiste o materialismo?

A razão repousa no fato de considerar-se o materialismo como postulado metodológico indispensável à pesquisa científica. O cientista precisa explicar os fenômenos da natureza por meio de causas físicas, que são razoavelmente conhecidas, e excluir causas espirituais, que não combinam com as suas técnicas de investigação. Cientistas ilustres são religiosos e não o ocultam; por reconhecerem poderes espirituais superiores, não ficam impedidos de realizar excelentes trabalhos de pesquisa — mas, durante a execução destes, comportam-se como se fossem

materialistas: quer dizer, usam os mesmos processos e falam a mesma linguagem que todos os outros pesquisadores. Os maiores sábios do passado eram homens votados ao amor de Deus, como: Galileu, Newton, Pascal, Faraday e Lineu, e modernos como Millikan e Einstein, por exemplo. Essa é também a razão da resistência à Parapsicologia. A grande maioria dos cientistas ignora-a simplesmente porque as suas demonstrações parecem contrariar o postulado essencial do método experimental, a hegemonia das forças físicas; daí o árduo esforço de quase todos os parapsicólogos no sentido de construir uma teoria materialista para explicar os fenômenos parapsíquicos — sem o conseguir absolutamente porque as forças mentais latentes independem, de fato, das relações materiais conhecidas. Isto é que seria realmente "explicar o absurdo pelo mais absurdo".

De sorte que, para inúmeros cientistas, o materialismo é apenas uma atitude necessária à sua atividade, mas que nem sempre traduz suas convicções. Todavia, para aqueles que o têm como convicção tão profunda quanto uma religião, ele conduz a uma visão sombria da vida e do universo. Eis o desabafo de J. Monod, bioquímico do Instituto Pasteur de Paris e Prêmio Nobel em 1965: "Enfim, o homem sabe que está sozinho na imensidão indiferente do universo, de onde

emergiu por acaso. Não mais do que o seu destino, o seu dever não está escrito em lugar algum". Tal é a desolação da alma inteligente, culta e vazia — pois, para Monod, o conhecimento exclui os valores e a ética, sendo ele próprio o valor supremo...

Quanto ao materialismo ingénuo do homem comum e inculto e ao materialismo prático dos religiosos (não negam Deus, mas suas atitudes discrepam de suas convicções), devem-se à incapacidade para observar, compreender e apreciar a importância dos fatos mentais e espirituais, pelo que não revelam qualquer interesse.

#### A constituição da matéria

Desde alguns séculos antes de Jesus, estabeleceu-se especulativamente que pequeníssimos corpúsculos indivisíveis, ditos átomos, formam toda sorte de corpos existentes sobre a Terra. Contudo, no início do século passado (1808), o químico inglês J. Dalton enuncia a primeira teoria atômica científica, declarando que "o limite da divisibilidade da matéria é o átomo, partícula real e infinitivamente pequena" e que "elementos diferentes são formados de átomos diferentes". Logo a seguir, o físico italiano A. Avogadro (1811) estabeleceu que entre os átomos e as menores partículas dos gases (que denominou



moléculas, isto é, "pequenas massas") há nítida diferença; para ele, as moléculas eram as unidades da matéria, podendo ser compostas de dois ou mais átomos iguais ou diferentes. Isto prevalece até hoje. Mas, a teoria elaborada no século passado, com base nas transformações químicas da matéria, vigorou até perto de 1925. A descoberta dos raios X, por Roentgen (1895), e da radioatividade, por Becquerel (1896), permitiu aos cientistas uma visão completamente diversa do átomo estático de Dalton e o desenvolvimento, aos poucos, da moderna teoria atômica. Em essência, eis o que ela afirma:

1. O átomo é algo comparável a um sistema solar em miniatura, sendo formado de certo número de partículas elementares, porém, contendo cerca de 95% de espaço vazio. Tais partículas ou corpúsculos estão dispostos à maneira dos planetas em torno do Sol.

2. Esse conjunto de partículas acha-se dividido em duas zonas distintas. Uma central, o núcleo, muito compacta, contendo dois tipos de corpúsculos: prótons e nêutrons. Outra periférica, muito lacunosa, na qual giram, em círculos ou elipses concêntricas (ditas orbitais), partículas mínimas chamadas elétrons.

3. O estado dinâmico é característica essencial da matéria. Além do movimento das partículas, estas levam cargas elétricas, sendo os prótons

animados de eletricidade positiva e os elétrons de eletricidade negativa (mais provavelmente, os elétrons não passam de cargas elétricas em movimento perpétuo); os nêutrons, conforme o nome indica, não têm energia.

4. Tais cargas elétricas estão em equilíbrio; o átomo em repouso mostra-se neutro porque a eletricidade positiva do núcleo é equivalente à negativa dos elétrons.

5. O átomo tem dimensões inimaginavelmente insignificantes. O seu raio é de  $10^{-8}$  cm (isto é, 0,000.000.001 cm ou a centésima milionésima parte do cm) e o do núcleo de  $10^{13}$  cm.

6. A massa do elétron é aproximadamente 1.840 vezes menor do que a do átomo, pelo que quase não pesa. O número de elétrons de cada átomo é fixo e igual ao número de prótons; chama-se número atômico. Eles giram ao redor do núcleo e de si próprios (rotação), tal como a Terra em relação ao Sol e a si mesma. Como todo campo elétrico que se desloca cria um campo magnético proporcional e perpendicular, o elétron pode ser considerado um mínimo eletro-ímã. Quando excitado (recebendo energia do exterior), pode saltar para uma órbita mais externa e, em seguida, regressar à posição anterior; ao voltar ao estado habitual, emite o excesso de energia sob a forma de radiação ou onda eletromagnética. Os elétrons podem ser libertados

e existir livremente: os raios catódicos são feixes de elétrons e a corrente elétrica é um feixe de elétrons deslocando-se ao longo de um condutor metálico. Bombardeando-se uma placa de metal com elétrons (no caso, raios catódicos), surgem as radiações eletromagnéticas conhecidas como raios X.

7. O núcleo é 100.000 vezes menor do que o átomo inteiro. Que significa isso? Que a matéria é peculiarmente vazia. Diz Pinto Coelho (1966), físico patricio, falando do átomo: "Sua característica principal é a ausência de matéria". Além disso, o núcleo encerra 99,95% (quase a totalidade) da massa do átomo, pois, como observamos, os elétrons praticamente não têm peso. Um físico bem humorado declarou que se toda a matéria do corpo humano fosse comprimida, caberia simplesmente numa cabeça de alfinete...

**O** resto são cavidades.

8. Outro fato relevante. O núcleo atômico exibe densidade gigantesca, inimaginável:  $10^{14}$  g/cm<sup>3</sup> (número formado de 10 seguido de 14 zeros!) — compare-se com as densidades da água: 1,00 e do ferro: 7,5 g/cm<sup>3</sup>, por exemplo. Um pequeno dado composto de núcleos pesaria o fabuloso número de 1 trilhão de quilos, ou seja, 1 bilhão de toneladas! Novamente, vê-se o quanto o átomo (e a matéria) é vazio, lacunoso, já que a matéria comum pesa tão pouco em comparação.

9. O núcleo é constituído de duas partículas idênticas, segundo se assinalou acima, prôtions e neutrons, distintas pela carga elétrica positiva dos primeiros. Dois ou mais prôtions, consoante os conceitos tradicionais, tendo as mesmas cargas elétricas, deveriam repelir-se provocando instabilidade nuclear, ao invés de estarem unidos. Porém, fatos experimentais demonstraram que no interior do núcleo operam forças completamente distintas das anteriormente conhecidas dos físicos. As forças atrativas de um corpúsculo intra-atômico têm curto alcance, exercendo sua ação tão-somente sobre as partículas próximas; e, ao demais, são independentes das cargas elétricas do mesmo. O nêutron compõe-se de um próton e de uma partícula denominada beta (B), razão porque pesa ligeiramente mais do que aquele e mostra-se instável. As partículas beta são elétrons (ou positrons) emitidos pelo núcleo, embora aí não existam em estado livre; formam-se em condições especiais. Prôtions e neutrons revelam-se conversíveis. Quando há excesso de neutrons em relação ao número de prôtions, escapa uma partícula beta dando origem a um próton e o núcleo ficará mais estável. Se houver, ao contrário, um excesso de prôtions, um ou alguns deles se transformam em neutrons mediante a "captura" (isto é, absorção) de um ou mais elétrons vizinhos do núcleo, anulando-se as cargas

elétricas de ambos. A entrada de energia correspondente ao elétron gera emissão de raios gama. Um ou alguns elétrons mais externos vêm ocupar o lugar deixado vago, movimento esse que origina a saída de raios X (semelhantes aos raios gama).

10. Outras partículas, como o méson e o pósitron, inexistentes em condições normais na matéria, não precisam ser aqui consideradas.

O átomo constitui uma extraordinária fonte de energia condensada na matéria aparentemente inerte. São os seguintes os principais fenômenos energéticos relacionados a ele:

1. A emissão de luz e calor (incandescência e combustão, por exemplo). — Um ou mais elétrons passam da órbita externa para outra mais interna, do que resulta perda da energia aí retida. Dá-se o movimento inverso quando o átomo absorve energia: um elétron salta para uma órbita mais afastada do núcleo a fim de acomodar a energia absorvida.

2. Raios X — Processa-se o mesmo fenômeno, porém em órbitas mais profundas, donde ser maior a quantidade de energia libertada.

3. Radioatividade — É a libertação energética espontânea que ocorre em alguns corpos (rádio, urânio e tório, por exemplo). Ainda o processo é idêntico, porém localizado no núcleo. Quando o homem consegue atingir este último com uma

partícula (como o nêutron) dá-se a desintegração artificial, base da bomba atômica. Neste caso, a energia posta em liberdade ultrapassa o concebível: 1 quilo de urânio desintegrado fornece energia equivalente à queima de 2.000.000 de quilos de carvão! O futuro próximo da humanidade reside na energia atômica, quando puder ser utilizada com facilidade e para fins pacíficos, o que já começa a ser feito mediante as usinas nucleares, que moverão geradores elétricos com imensa produção de energia elétrica.

Navios e submarinos atômicos já singram os mares, por enquanto na área militar, dado o elevadíssimo custo e os perigos envolvidos.

Falamos de várias modalidades de energia: calor, luz, eletricidade e raios X. Convém explicar porque todas elas saem do átomo. Se as diferentes formas de energia não fossem da mesma natureza íntima (embora nos pareçam tão discrepantes), isso não poderia acontecer. Por outro lado, a facilidade com que uma se transforma em outra está a indicar também a identidade genética existente entre elas.

Podemos conceber a matéria como sendo um modo de ser oriundo da energia por condensação ou concentração e que volta à forma energética por desagregação ou desintegração. Do que vimos se depreende que os elétrons constitutivos do átomo (matéria) podem ser tidos como energia

"materializada"; em certas condições facilmente exequíveis eles se libertam e, reunidos em feixe, formam os conhecidos e já mencionados raios catódicos: temos aqui energia diretamente procedente da matéria e constituída, como várias outras categorias, por partículas desta. Tais raios têm grande poder calorífico, luminoso, elétrico e penetrante; dão nascimento aos raios X quando se chocam com qualquer matéria: seus elétrons, muito velozes, penetram nas órbitas interiores dos átomos atingidos e ocasionam a libertação de energia, que dissemos serem os raios X, ou de Roentgen. Os raios catódicos constituem como que uma transição entre matéria e energia, pois são uma forma de energia composta de partículas "materiais". Por isso, Crookes chamava-os de "matéria irradiante".

Podemos asseverar, em suma, que a matéria observada em sua essência é energia, corroborando uma afirmação da Física com mais de 50 anos — ciência esta que afirma: "a energia é a entidade fundamental do universo". Kardec, em 1868 ("A Gênese"), fazia sugestão deste tipo acerca da matéria: "Ela talvez somente seja compacta em relação aos nossos sentidos". É possível "desagregando-se, voltar ao estado de eterização... Na realidade, a solidificação da matéria não é mais do que um estado transitório do fluido universal, que pode volver ao seu estado primitivo, quando

deixam de existir as condições de coesão." Fato cem anos depois comprovado experimentalmente.

Apreciamos que o átomo consta de um núcleo em torno do qual giram elétrons em diversas órbitas (de uma no hidrogênio até muitas nos demais corpos ditos simples: ouro, ferro, iodo, etc). A matéria acha-se, assim, animada de perpétuo movimento, sendo o giro eletrônico extremamente rápido (cerca de 30 Km por segundo). A imobilidade de uma montanha ou da nossa mesa é, portanto, aparente: a matéria pesada e inerte, na realidade, é sede de atividade intensa. A energia, ao contrário, logo nos dá exata idéia do que é: movimento. Essas revelações da Ciência demonstram-nos que tudo no universo é atividade. Não se justifica, pois, a inércia de muitos espíritos, filha que é da ignorância; temos, quer queiramos, quer não, de tomar parte no concerto universal, buscando o lugar que os nossos dons indicam através do esforço pessoal na construção do bem.

Voltemos ainda à constituição da matéria para lembrar que, se o átomo, ou unidade material, é muitíssimo pequeno, as partículas (elétrons, prótons e nêutrons) são ainda 100.000 vezes menores do que ele. O que significa isso? Que a matéria é, por índole, tipicamente vazia. Uma vez que os componentes são tantas vezes menores do que o conjunto — há de haver neste amplíssimos espaços! Pode a matéria, por mais pesada e



compacta que nos pareça, ser comparada a uma rede ou tela de arame... O que mantém, então, as partículas atômicas em seus lugares se estão separadas por vastas lacunas? É a carga elétrica que as mesmas conduzem; a elas cabe exercer **o** importante papel de equilibrar o sistema atômico. Os elétrons, tendo todos a mesma carga (negativa), repelem-se entre si; o núcleo, sendo positivo, exerce certa atração (proporcional à distância) sobre os elétrons negativos. Além desse fator, há, ainda, o citado movimento eletrônico, velocíssimo. Ambas as condições conhecem-se há vários decênios. Sem tal movimento não teríamos nem montanhas nem mesas e, muito menos, os nossos corpos. Inerte, a totalidade da matéria seria um pouco de pó. A sensação de solidez que os sentidos orgânicos, bastante limitados, deixam entrever radica na atividade eletrônica.

Aprofundemos mais um pouco. Dissemos que os elétrons quase não têm peso (massa, realmente) e que talvez não passem de energia condensada; que os prótons do núcleo é que pesam, isto é, são "matéria". Se ambos são 100.000 vezes menores do que os átomos — qual o tamanho real da mesa da cozinha? Mínimo, porque cem mil vezes menor do que parece... (se ela medir 1 metro e meio, de fato terá 0,015 mm!).

Insistamos um pouco mais, porquanto o entendimento de tais fatos científicos é fundamental para a compreensão da vida, que, a seu turno, dar-nos-á uma religião clara, meridianamente luminosa. Vale dizer: a mesma estabelecida por Kardec, com as luzes ampliadas por um século de progresso e pela bondade de nossos instrutores espirituais sob a doce inspiração de Jesus.

Até pouco tempo atrás, os tratados de Física davam a impenetrabilidade como caráter primordial da matéria; não mais hoje, como se infere do explanado linhas acima. A matéria é energia, o átomo, um edifício de forças; é a velocidade que forma a massa, confere estabilidade, gera a coesão da mesma; ela por si só, nada é. Vimos que o espaço existente entre o núcleo e os elétrons é enorme em relação ao mínimo volume do conjunto e de cada partícula isoladamente considerada. Daí concluirmos que a matéria só é impenetrável à matéria do mesmo tipo, isto é, cuja velocidade eletrônica mostre-se equivalente; um prego, ao ser cravado na madeira, não perfura os átomos, mas cava um canal afastando as fibras para nele alojar-se. As partículas carregadas de eletricidade, porém, penetram de fato no átomo, embora com certa dificuldade em virtude da repulsão eletromagnética; os nêutrons, sem carga, atravessam-nos facilmente.

O mesmo se passa com os espíritos. A matéria mais ou menos sutil do perispírito vara o mais

denso corpo terrestre. De idêntica maneira, podem enxergar com quaisquer barreiras interpostas entre eles e o objeto visado. Vemos o ectoplasma fazer coisa semelhante; ele é matéria no sentido de que é formado de átomos, porém elaborados por meio de modificações na forma das órbitas (ao invés de circulares, são turbilhonares; é interessante que Delanne tenha ligado o movimento vorticoso dos rolos de fumaça às propriedades da matéria que nos ocupa). Esta inapreciável, porém profunda mudança no movimento e, também, no elemento fundamental (fósforo, não carbono como matéria viva comum) confere-lhe propriedades não conhecidas na matéria constitutiva dos seres animados (veja Ubaldi, "A Grande Síntese"). Em conexão com isto, o ectoplasma pouco impressiona o tato e à visão; parece algo muito sutil mesmo; por outro lado, tem peso. Vemo-lo escapar do corpo dos médiuns através das cavidades naturais, mas, para aí chegar, transpassa diversos tecidos orgânicos.

Vemos, igualmente, o pouco valor do dinheiro; uma quantidade invisível de "matéria" iludindo os nossos sentidos graças ao aumento aparente de volume conferido pelo movimento das partículas constituintes. Compreende-se que todos os bens ou haveres materiais são ainda menos valiosos porque, na realidade, possuem a mesma

composição. Eles nos são entregues durante certo tempo como meio para progredir espiritualmente e não como fim; grave erro é transformar o dinheiro, de meio para conseguir coisas, em finalidade de uma existência, imobilizando-o quando ele próprio é movimento em seus fundamentos.

N. B. — Os dados e fenômenos acima exarados são suficientes para uma compreensão acerca da constituição da matéria em primeira aproximação, com vistas às necessidades na orientação da vida frente às coisas materiais. Convém esclarecer, todavia, que recentemente as órbitas fixas de Bohr foram substituídas pela noção menos definida fisicamente de orbital. Vejamos como, porque isto terá importância na questão do livre arbítrio.

Segundo a mecânica clássica, que trata do movimento dos corpos visíveis, enunciada por Newton há mais de dois séculos, para calcular o movimento de um corpo é necessário determinar simultaneamente a posição e a velocidade. Verificou-se que as partículas atômicas não se sujeitam a semelhante princípio. W. Heisenberg (1927) demonstrou-o matematicamente; a determinação exata da posição de um corpúsculo impede haja precisão na da velocidade e vice-versa. Daí derivou o chamado princípio de incerteza, assim enunciado por Heisenberg: duas variáveis que descrevem uma ação não podem ser conhecidas com precisão ao mesmo tempo. Segue-se que

não é possível determinar com exatidão a posição de um elétron. Outro físico germânico, E. Schrödinger, na mesma ocasião e independentemente (1926), estabeleceu fórmulas que permitem calcular as posições mais prováveis do elétron, as quais coincidem em geral com as órbitas de Bohr (que começaram a tornar-se menos significativas como entidades físicas). Ainda nessa época (1925), L. de Broglie sugeriu que as partículas em movimento podem apresentar propriedades ondulatórias (como se fossem acompanhadas por uma onda associada) e calculou o comprimento de onda ligado ao movimento de um corpúsculo intra-atômico. Em seguida, isto recebeu confirmação experimental por outros físicos.

Então, o elétron passou a ser encarado como um conjunto de ondas que vibram ao redor do núcleo. As equações de Schrödinger indicam que os elétrons se dispõem de acordo com níveis energéticos, não contínuos, definíveis como a região do átomo onde ocorre a maior probabilidade de existir uma carga elétrica negativa. Orbital vem a ser a região em torno do núcleo na qual existe a máxima probabilidade de encontrar o elétron. Posto isto, este não estará numa órbita delimitada, mas, dentro de uma área relativamente ampla, num ponto apenas provável. Um orbital só poderá ter um ou dois elétrons. Podemos

compará-lo a uma rota de navios, ou seja, um lugar no oceano onde navios podem ser encontrados; se não há navios na rota, só veremos o espaço vazio que não se distingue do resto. Apesar destas novas concepções, a teoria de Rutherford & Bohr continua sendo a fundamental e as elaborações acima explanadas dela derivaram como aspectos subsidiários; estas vieram apenas completá-la em certos pontos onde ela era insuficiente.

Concluimos, do supra exposto, que a solidez se evaporou e que "a matéria se tornou tão fantástica como qualquer coisa que se manifeste numa sessão espírita". Assim se expressa, muito a nosso gosto, Bertrand Russel, matemático e físico, além de "filósofo" (embora querendo fazer graça).

## MAGNETISMO E CONCEITOS CONEXOS

**O**s vocábulos magnetismo e fluido são de amplíssimo emprego na linguagem espírita. A todo momento deparamos com eles. Todavia, parece haver certa imprecisão em tal uso, embora estabelecido e dignificado pela tradição. Vejamos alguns paradigmas para suscitar e equacionar a questão, tomando trechos de autores terrenos e espirituais ao acaso na literatura pertinente.

"O fluido vital ou, como queirais, o magnetismo humano, é forma de energia derivada da energia universal". Pode curar se for dirigido pela mente aos pontos desejados. Se a "provisão de fluidos" diminuir, o indivíduo enfraquece-se. Nesta citação, o autor espiritual identifica três entidades: fluido vital, magnetismo humano e energia universal, isto é, considera fluido, magnetismo e energia como um único e mesmo elemento.

"O passe magnético é dado pelo próprio magnetizador, enquanto o passe espírita é dado pelo Espírito através do médium, embora haja

combinação de fluidos do médium e do Espírito". Aqui, magnetismo e fluido são igualmente identificados. Também neste lanço, de outro espírito escrevente: "... existe um fluido invisível para os nossos olhos, que se denomina de força magnética". Ainda nos seguintes excertos ocorre a mesma sinonímia: "Dr. Mesmer descobriu um fluido... Lá se estuda e pratica o magnetismo, que é o nome do fluido..." E: "Atraiu para si um tipo de fluido em completa obediência à sua vontade; esse magnetismo dança em sua aura e mistura-se com certa massa leitosa que se desprendia de seu corpo, circundando novamente a atmosfera espiritual do Prof. Pantaleão". Em suma, fluido e magnetismo, no pensamento dos espíritas em geral, são tidos como sinônimos, sendo usados indiferentemente um pelo outro.

André Luiz não se afasta do rumo acima consignado. Usa expressões como: "irradiações magnéticas", "passes magnéticos", "fluido magnético", "recursos fluídicos", "energia magnética" e "magnetizador espiritual". Mas existe quem declare que o fluido tem ação magnética, distinguindo causa e efeito.

Consultemos, em definitivo, a conceituação de um conhecido especialista kardeciano, W. de Toledo ("Passes e Curas Espirituais", Ed. Pensamento, SP, 1953), cuja obra é prefaciada por Emmanuel e S. Valle. Toledo faz notar que



todos os corpos naturais, incluindo minerais e vegetais, possuem em torno de si um halo fluídico (ou aura), luminoso e diversamente colorido à visão de certos videntes, que é uma emanção da matéria rarefeita peculiar do perispírito dos seres vivos; de início, mencionamos este fato ao tratar do efeito Kirlian. Assim, por exemplo, o ímã também emite aura fluídica. Vimos que a máquina de Kirlian permite obter fotos coloridas da irradiação áurica de plantas e animais. Divide, com Kardec, os passes em: 1) magnéticos, dados "pelo médium, fornecendo somente os seus próprios fluidos"; 2) espirituais, dados "pelos espíritos passistas com elementos do médium, dos seus próprios fluidos ou de seus auxiliares e também de plantas medicinais"; 3) mediúnicos dados "por incorporação do médium". Toledo, portanto, consagra a identificação de magnetismo e fluido.

Convém acentuar que semelhante identificação vem de longe e sustenta-se em razões históricas. Franz A. Mesmer descobriu e desenvolveu, no curso do século 18, a força operante nas curas promovidas pela imposição das mãos, denominando-a "magnetismo animal" e declarando que se desprende das mãos um fluido dotado do poder de curar. Sob o nome de magnetismo (ou magnetismo curativo), essa prática terapêutica progrediu enormemente depois

de Mesmer, antecipando-se ao Espiritismo, que a englobou como um dos aspectos da ação do espírito humano e a ultrapassou de muito. O mesmerismo é, de fato, um dos vários grupos de fenômenos que a doutrina espírita explica e ensina a empregar de maneira mais produtiva em benefício do atarantado ser humano. Kardec e Delanne parecem distinguir as duas coisas. O primeiro chama a ação magnética produzida "pelo próprio fluido do magnetizador" de "magnetismo propriamente dito ou magnetismo humano" ("A Gênese"); o segundo diz: "os fatos do sonambulismo provocado pelas práticas magnéticas são devidos à ação do fluido nervoso do magnetizador, dirigido por sua vontade..."

#### Magnetismo

O magnetismo não é uma forma de energia, na acepção usual desta palavra. É uma condição especial gerada no espaço que circunda o ímã ou a corrente elétrica, traduzindo-se por diversos efeitos característicos, entre os quais o de atrair certos metais, como o ferro, o cobalto e o níquel, e a magnetita (um mineral composto de oxigênio e ferro). As substâncias atraídas são chamadas corpos magnéticos ou ferromagnéticos. Ele não pode ser conduzido, como a eletricidade e o calor, por exemplo, mas é possível transmitir a

propriedade de um corpo magnético para outro: é a imantação ou magnetização; assim, se um pedaço de ferro ou aço for friccionado várias vezes com um ímã, tornar-se-á um ímã também (ou seja, adquirirá propriedades magnéticas).

Ímã ou magneto é um corpo que goza da propriedade de atrair as substâncias magnéticas. A magnetita é um ímã natural, pois se trata de rocha, ou melhor, minério de ferro; os demais são artificiais. Quebrado em mil pedaços que seja um ímã, cada um deles funcionará sempre como um magneto completo, o que demonstra que o magnetismo não depende de nenhuma parte especial. Dá-se o nome de campo magnético ao espaço situado em torno do ímã, no qual se verifica a ação atrativa.

Esse magnetismo, próprio de corpos inorgânicos, denomina-se mineral ou ferromagnetismo. O globo terrestre atua como um grande ímã e daí deriva o geomagnetismo. Sabemos que a agulha da bússola, que é um magneto, orienta-se segundo os pólos geográficos, norte e sul, da Terra.

Um fio percorrido por uma corrente elétrica produz, em torno, um típico campo magnético, cujas propriedades são as mesmas do anterior. É o eletromagnetismo. O solenóide é um aparelho simples que consiste de um fio enrolado em hélice, cujas voltas ficam separadas umas das outras, e cuja extremidade final regressa ao

ponto de partida pelo centro do cilindro. Quando se liga a corrente, o espaço confinado em cada espira passa a ser um campo magnético, mas este é anulado, sucessivamente, pela espira subsequente, de modo que só há ação magnética na última volta de cada extremidade. Assim, como nos ímãs, temos dois pólos, norte e sul. O solenóide — simples fio elétrico enrolado de certa maneira — atua como um verdadeiro magneto quando atravessado pela eletricidade; atrai e repele os ímãs conforme o pólo aproximado; uma barra de ferro colocada no seu interior passa logo a funcionar como ímã enquanto a corrente circula, etc.

A magnetita é o ímã natural; ela imanta o ferro, aço, níquel, etc., e gera outros ímãs; a corrente elétrica, nos solenóides, origina os eletro-ímãs. Tudo é a mesma coisa, diferindo somente o processo de obtenção.

O que já há bastante tempo a Física demonstrou é que o magnetismo é uma propriedade ou condição do espaço existente em torno dos ímãs, naturais (magnetita) ou artificiais (ferro, aço, etc.), como vimos acima, e da corrente elétrica, tal se acha dito pouco atrás. Nesse espaço, os chamados corpos magnéticos têm um comportamento que os demais não exibem com evidência: são atraídos. Verificou-se recentemente, no entanto, que todas as substâncias possuem propriedades magnéticas, apenas pouco ou nada aparentes.

Sabemos que a corrente elétrica é constituída de cargas elétricas em movimento. Já em 1820, o célebre físico Ampère sugerira que os fenômenos magnéticos se devem a ações entre correntes elétricas. As pesquisas modernas confirmaram tal ponto de vista. Tem-se como certo que o magnetismo se origina da ação de forças entre cargas em movimento, isto é, as cargas elétricas que se deslocam exercem, umas sobre as outras, forças magnéticas. Uma carga elétrica em movimento (solenóide) gera, no espaço circundante um campo magnético; por sua vez, o deslocamento de um ímã pode produzir eletricidade. Ficam, assim, patentes as estreitas relações de origem entre a eletricidade (energia) e o magnetismo (modificação da natureza do espaço em torno dos corpos).

Os corpos ferromagnéticos e os eletrizados apresentam campos magnéticos potentes, de ação visível — mas qualquer espécie de matéria revela a mesma propriedade ainda que inaparentemente. E a teoria, que acentua a constituição elétrica da matéria, permite compreender logo por quê.

Todos os corpos existentes na Terra compõem-se de átomos, os quais encerram sempre prótons, nêutrons e elétrons, os dois primeiros formando os núcleos. Sabemos que os elétrons, além do movimento de rotação sobre o próprio eixo,

giram velocissimamente ao redor dos núcleos, dispondo-se em camadas concêntricas; estamos ainda certos de que se acham carregados de eletricidade negativa. Os elétrons, por conseqüência, são cargas elétricas em movimento, conforme exposição feita anteriormente. Aprendemos, ao demais, que toda carga elétrica em movimento gera um campo magnético em torno. Conseqüentemente, cada átomo — com seus elétrons eletrizados e móveis — representa pequenino eletro-ímã com um campo magnético minúsculo. A matéria, constituída de miríades de átomos, é, portanto, uma reunião de minutíssimos campos magnéticos. Em estado normal, as correntes eletrônicas da matéria anulam mutuamente os efeitos magnéticos e ela parece inerte perante um ímã ou um solenóide. A prova de que o magnetismo é uma propriedade da matéria em geral encontramos nas ligas de Heusler e outras. Estas são misturas de diversos elementos metálicos não-magnéticos — mas que, reunidos em um corpo em proporções determinadas, adquirem aquela característica e passam a ser movidos pelos magnetos, podendo ser imantados e tornar-se genuínos ímãs.

Se insistimos — e com isso enfeiamos a exposição, dando mais valor à essência do que à forma, ao espírito do que à letra — é que se faz absolutamente necessário acentuar que a

Ciência atual dominou perfeitamente estes dois conhecimentos fundamentais à compreensão dos aspectos espirituais do magnetismo:

1. Que o magnetismo é uma condição espacial oriunda da proximidade da energia em movimento.

2. Que toda e qualquer classe de matéria possui propriedades magnéticas, pois estas residem no próprio átomo.

De semelhantes conclusões deriva uma terceira, verdadeiro corolário:

3. O corpo humano, composto de átomos e encerrando energia, e o perispírito, irradiando os fluidos, constituem campos magnéticos, evidentemente. Significativamente, dizia Kardec, guiado pelo seu profundo discernimento, que o perispírito participa, ao mesmo tempo, da eletricidade e da matéria.

Podemos, desde logo, adiantar que o chamado "magnetismo animal" (ou mesmerismo) é um conceito inadequado, embora razoável outrora; aquela denominação aplica-se a uma transfusão de energia de um homem para outro e, notou-o o arguto Crookes, nada tem a ver com o magnetismo, compreende-se agora. Mas, acabamos de afirmar que o corpo humano é um campo magnético e, conseqüentemente, urge distinguir as duas propriedades. O magnetismo animal, no sentido usual, consiste na transferência de fluidos humanos — tanto que os sonâmbulos clarividentes vêm as

radiações escapando das mãos do "magnetizador"; tal expressão deve ser substituída por transfusão ou infusão energética, fluídica, passe, ou melhor, *mesmerismo*. O verdadeiro magnetismo animal, que chamaremos de *biomagnetismo*, é uma condição da aura (irradiação perispirítica para fora dos limites do corpo), gerada pela proximidade de um corpo carregado de energia e de fluidos, análogo ao magnetismo mineral. O outro é forma de energia, é fluido oriundo do perispírito.

Se o magnetizador despende energia e se o magnetismo é uma modificação do espaço compreendido nas imediações de um circuito elétrico — então não há analogia entre o magnetismo animal (forma de energia) e o magnetismo mineral ou comum. Simples questão de palavras que convém repor nos seus devidos lugares.

#### Fluidos

É mister fixar o que deve entender-se por semelhante vocábulo no sentido espírita, a fim de clarear o importante assunto; lembremos que, na linguagem usual, fluido é a designação genérica de qualquer líquido ou gás. Para tanto, vamos buscar novamente apoio na Física, verificando os efeitos da descarga elétrica no interior dos gases rarefeitos.

Quando aproximamos as pontas de dois fios, vemos saltar entre elas a centelha ou faísca



elétrica. É acidente vulgar nos lares. Se fizermos isso mesmo dentro de um frasco de vidro hermeticamente fechado e no qual o ar é cada vez mais rarefeito, observaremos variados fenômenos luminosos. Tais frascos recebem dois fios elétricos, negativo e positivo, um de cada lado. À medida que o ar for extraído, com auxílio da máquina pneumática, a centelha muda de aspecto e torna-se mais brilhante; se levarmos o vácuo até o extremo possível, desaparece toda luminosidade, pois a descarga elétrica não se processa em tal condição, mas surgem os raios catódicos (feixes de elétrons livres, que apenas geram uma luz esverdeada na parede de vidro sobre a qual incidem). O frasco utilizado na experiência chamou-se de ampola de Crookes, seu descobridor, e hoje constitui o tubo de imagem da televisão e a ampola dos aparelhos de raios X. O que desejamos ressaltar é a mudança das propriedades da matéria (ar) segundo o grau de rarefação ou utilização e em contacto com uma forma de energia.

Damos o nome de fluido aos "estados da matéria em que ela é mais rarefeita do que no estado conhecido sob o nome de gás" (Delanne). Segue-se daí que a matéria que promana do perispírito, submetida à vontade, é um fluido. Nota-se haver grande analogia com a matéria rarefeita, permitindo mentalizar a ação fluídica.

Os fluidos são matéria de constituição diferente da nossa, participando, em elevado grau, da natureza energética; assim, são como radiações, orientadas pela vontade. A matéria, passando do estado sólido ao líquido e deste ao gasoso, perde grande número de suas propriedades sensíveis, a ponto de tornar-se amorfa, invisível, etc.. Do estado gasoso ao rarefeito, muda o comportamento frente à eletricidade, fato indicativo de que o grau de agregação é importante. Os fluidos são uma condição mais avançada, correspondendo verdadeiramente ao quarto estado da matéria ou estado radiante (verificado nos citados tubos de Crookes), formado pelo fluido universal ou matéria cósmica primitiva, origem de todos os corpos.

Tal analogia não é aparente, forçada. O princípio de unidade constitucional da matéria e da energia, de que já tratamos antes, revela que existe uma primitiva matéria dando origem às demais por evolução, isto é, progressiva complicação das órbitas eletrônicas; e que matéria e energia guardam recíprocas relações de origem (veja "Evolução Física e Química"). Isto é fundamental. Com efeito, todos os átomos (92 espécies naturais) têm a mesma composição íntima, formados que são sempre das mesmas partículas elementares; a matéria gera a energia e vice-versa.

Os fluidos, portanto, no fundo, têm a mesma constituição que a matéria e a energia, variando

a disposição, forma e quantidade da substância fundamental e vibrando noutra frequência, donde, no futuro, virem a ser individualizados pelo seu comprimento de onda, sem dúvida. À substância de Haeckel, ao elemento primitivo dos cientistas, ao perfil de Crookes, etc., os espíritos chamaram de fluido universal, matéria cósmica primitiva, etc.

De 1960 em diante, a existência dos fluidos tornou-se materialmente manifesta, sobretudo após o intenso labor experimental levado a cabo na Rússia e na Tchecoslováquia — embora desde há muito eles tivessem sido apontados e descritos por alguns pesquisadores e numerosos videntes. Agora, prova-se sua existência cientificamente, seja mediante a citada fotografia kirliana, seja através dos efeitos que determinam. Confirmam-se as antigas descobertas de Mesmer sobre o magnetismo animal e de Reichenbach sobre a força ódica — numa palavra: acerca dos fluidos ou emanações energéticas do corpo espiritual.

Em 1920, o engenheiro G. Lakhovsky afirmava que "todos os seres vivos emitem radiações" e que as células são algo como "radiadores eletromagnéticos", capazes de emitir e receber ondas de alta frequência vibratória. O Prof. Otto Rhan, bacteriologista da Universidade de Cornell, publicou um livro intitulado "A Radiação Invisível dos Organismos". Por volta de 1930, o Prof. A.

G. Gurvitch, fisiólogo russo, tornou-se conhecido pelo que chamou de "radiação mitogenética". Dizia: "todas as células vivas produzem uma radiação invisível". A experiência fundamental de Gurvitch consistiu em tomar uma raiz nova de cebola, colocá-la dentro de um tubo de vidro e apontá-la para um ponto de outra raiz, também situada no interior de um tubo de vidro. Três horas depois, ao microscópio, contou o número de células da área exposta à ponta de raiz e verificou haver aí 25% a mais de células do que no restante: logo, alguma coisa deslocou-se de uma raiz para a outra e estimulou a divisão celular — donde a expressão "raios mitogenéticos". A levedura, assim tratada, revelou uma brotação 30% ampliada em suas células. A raiz irradia alguma sorte de energia que influencia os tecidos vivos, o que se observou suceder igualmente com tecidos animais (sangue, músculos, olhos, etc).

"Os seres humanos e todos os seres vivos estão cheios de uma espécie de energia até recentemente desconhecida da ciência ocidental", esclarecem Ostrander & Schroeder (1974). A semelhante bioenergia os cientistas tchecos denominam "energia psicotrônica", que, afinal, vem corresponder ao velho prana dos hindus, força ódica de Reichenbach, magnetismo animal de Mesmer e, naturalmente, ao modesto fluido dos espíritas. Os cientistas soviéticos, que

em número apreciável atacam experimentalmente o seu conhecimento, designam-na mediante a expressão "energia bioplasmática", tendo-a como emanção do que classificam de corpo bioplasmático (ou perispírito, para nós). A expressão "energia vital" é inadequada para ela.

Dizem Tompkins & Bird (1974): "Posto que os trabalhos de Gurvitch, Rhan, Crile e os proponentes da eletrocultura sustentavam unanimemente as convicções anteriores de Galvani e Mesmer, de que todas as coisas vivas possuem propriedades elétricas ou magnéticas, era estranho ninguém tivesse ainda sugerido que também à volta deles houvesse os mesmos campos eletromagnéticos já aceites pelo mundo da Física. Pois tal foi, exatamente, a audaciosa teoria proposta por dois professores da Universidade de Yale, um deles filósofo, F. S. C. Northrop, e o outro, como Galvani, médico e anatomista, H. Saxton Burr". De fato, as concepções de Mesmer e do supracitado Lakhovsky, a respeito do biomagnetismo, revitalizam-se por meio dessa doutrina, que considera a existência de um campo magnético em torno dos seres vivos.

Avancemos um pouco mais, já agora no campo espiritual. Referindo-se a finíssimas fibras do perispírito, intensamente luminosas, as quais funcionam como modelos da forma física, Y. Pereira ("Recordações da Mediunidade")

compara-as a "baterias, acumuladores de vida intensa". Declara-as sede de "energias vibratórias incalculavelmente ricas", esclarecendo que essa vida "é constituída pelas várias modificações do magnetismo ultra-sensível e da eletricidade..." e que "cada uma de tais baterias, ou órgãos, armazena uma força eletromagnética de grau ou sensibilidade diferente, ativando as funções do corpo humano" e acionando os diversos órgãos do corpo carnal. Vemos, nesse lanço que descobrimos já pronto o precedente, que a energia eletromagnética se situa no âmago do organismo espiritual, na sua própria essência, e que responde pelo funcionamento da réplica física. Segundo as esclarecedoras observações dessa competente médium e instrutora, a emanção fluídica (que gera um campo magnético correspondente) promana do íntimo do perispírito, da sua natureza mesmo.

O supra-exposto explica porque o pensamento humano revela possuir influência sobre o crescimento vegetal, fato que se tem demonstrado por diversas experiências convincentes. G. de la Warr e esposa provaram que as plantas em crescimento se mostram sensíveis ao estado de espírito dos seus cultivadores; dizem que para estimular o crescimento delas, basta abençoá-las, projetando energia mental sobre elas. O Reverendo F. Loehner, em trabalhos bem conhecidos, no seu livro "O Poder da Prece sobre as Plantas",

demonstra que há 20% de aceleração do crescimento pela aplicação de forças mentais; fez 150 pessoas orarem sobre 27.000 sementes obtendo notável incremento, o que vários outros investigadores confirmaram. A influência da divisão e do crescimento celulares pela mente humana decorre das respostas do corpo fluídico dos vegetais à nossa energia psíquica ou fluidos. Que se trata de fluidos e não da vontade, sentimentos e emoções (que a seu turno agem sobre aqueles), prova-se pelas experiências de Bernard Grad, psiquiatra da Universidade McGill, de Montreal (Canadá). Mediante água fluidificada, obtida pelo contacto de certas pessoas com garrafas cheias, Grad verificou acentuação da germinação e do crescimento; bastava aplicar tal água às sementes para que elas crescessem melhor do que as que recebiam água comum, sem influência humana. Mais importante ainda: se doentes mentais segurassem as garrafas, a água gerava efeito retardador sobre o crescimento vegetal. A propósito, a decantada influência tranqüilizante de São Francisco de Assis sobre as aves e o famoso lobo de Gúbio, sempre encarada como lenda, assume, diante dos fatos assinalados, nova feição no que respeita à veracidade. É possível que um espírito tão elevado emitisse fluidos que, conformados pelo seu sublime amor, fossem capazes de acalmar e atrair seres inferiores;

se as plantas respondem conforme vimos acima, por que os animais seriam insensíveis se também levam um corpo fluídico e denotam as mesmas características vitais básicas? E o que pensar da figueira que Jesus fez secar por força do seu pensamento? Ao ordenar-lhe tal, Ele lançou sobre ela poderoso jato de fluidos desfavoráveis; consoante apreciamos anteriormente, nada mais lógico tenha a árvore obedecido — pois, a água tratada por fluidos de um psicótico não entrava o crescimento vegetal? À medida que o intelecto avança em conhecimentos, cada vez mais tudo parece encadear-se na Obra Divina...

E reforçados assim por meio das recentes informações científicas, acima exaradas, podemos prosseguir em a nossa exposição sobre magnetismo, fluidos e energia eletromagnética, sob um ponto de vista teórico unitário.

O que se considera classicamente como magnetismo animal ou mesmerismo é a transmissão fluídica de um homem (magnetizador) para outro, com a finalidade de restabelecer o equilíbrio

---

*'Nota da Editora: — Válida em si mesma a exemplificação, dentro dos propósitos do assunto desenvolvido. Fluidos desfavoráveis dariam esse efeito. É prudente acrescentar, todavia, sem prejuízo da citação acima, que em "O Evangelho segundo o Espiritismo", referindo-se especificamente ao poder da fé, Kardec, inspirado pelos seus mentores, coloca o assunto como parábola — "parábola da figueira que secou".*



orgânico ou produzir sono magnético (sonambulismo provocado). Visto ser apenas uma categoria de fisioterapia, como a radioterapia, diatermia, etc., por serem os fluidos mera forma matérieo-energética — vamos pôr de lado a palavra magnetismo em tais casos. Transmissão ou transfusão fluídica será preferível, mas usaremos mesmerismo, curto e bem conhecido, e o honesto passe clássico no Espiritismo.

O biomagnetismo, ou genuíno magnetismo animal, corresponde ao conceito físico anteriormente exposto e mostra-se muito mais importante teoricamente do que a transfusão de fluidos, de grande valor prático. Percebemos aí mais uma confirmação do encadeamento das coisas na Criação Divina: as emanações dos seres vivos e a condição do espaço que os circunda são exatamente iguais às dos corpos inanimados.

Foi amplamente demonstrado desde séculos que o espírito — encarnado ou desencarnado — irradia, em torno de si, uma atmosfera fluídica; é a aura", já citada; sendo constituída de matéria radiante, determina propriedades semelhantes às do magnetismo. Diremos, à vista disso, que o espírito, em quaisquer condições, representa um campo magnético. O apontado princípio de unidade completa-se assim: o imã (matéria), a eletricidade (energia) e os fluidos (matéria-energia ou matéria radiante) geram modificação

especial no espaço existente à sua volta — cujas manifestações denominam-se "fenômenos magnéticos". Naturalmente, não se vai pensar que o biomagnetismo desvia a agulha imantada, como o faz o ferromagnetismo e o eletromagnetismo; ele se exerce sobre os elementos de natureza espiritual, do mesmo modo que as duas outras modalidades dizem respeito a objetos de índole material e energética.

Transpondo essas noções para o terreno concreto, diremos, primeiro, que a atração espiritual depende do magnetismo; os espíritos aproximam-se em razão das características magnéticas da aura. É freqüente que um espírito inconsciente do seu estado, e por isso com a vontade desorientada, adira à aura de uma pessoa — principalmente se esta for médium pouco

---

*"Nota da Editora: O autor denomina aqui como sendo "AURA" uma atmosfera fluídica que o espírito encarnado ou desencarnado irradia; e a isso se refere já no cap. 4º de "Evolução para o Terceiro Milênio" — item 4).*

*João Teixeira de Paula ("Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo") entende de forma diferente, declara que aura é emanção fluídica do corpo humano e dos demais corpos orgânicos e inorgânicos, ainda que anote para o perispírito o termo "aura nêurica". De alguma forma, deve o autor ter-se referido àqueles que conservam características muito terreas, salvo melhor juízo. Para diversos estudiosos, trata-se de aspecto bio-energético, quase se diria algo fisiológico. Fica o registro.*

desenvolvido; é fenômeno pura e mecanicamente magnético, porquanto a atração, de ambas as partes, independe das vontades. Tudo se passa tal qual um imã atraindo um pedaço de ferro, grosseiramente comparando. É bem sabido que a matéria perispirítica é sensível ao estado moral do ser e, daí, em última análise, o biomagnetismo depender da elevação moral, no que concerne à apuração; como sucede com os magnetos, que não atuam sobre qualquer corpo, a atração da aura não se exerce cegamente sobre qualquer espírito — senão que, nos imperfeitos, acha-se na dependência da condição ética e, nos superiormente evolucionados, da vontade. Isto ficará mais claro na continuação.

A encarnação depende fundamentalmente do biomagnetismo. Para começar, se o espírito recusar a reencarnação, poderá ser compelido a tanto sem que lhe toquem: bastará o potencial magnético de um superior, posto em ação pela vontade, caso em que ele será levado sem saber como e sem nada ver do processo em si. O embrião, desde cedo, atrai o espírito em causa e ambos se ligam por um cordão fluídico, que é uma extensão do perispírito; a força atrativa cresce progressivamente com o aumento do feto — não se levando em conta o magnetismo materno, também atuante. Compreende-se que cada vez mais se aproxime e fique perturbado o espírito encarnante.

Na morte, enfraquecendo-se e degenerando os órgãos, diminui a energia vital e, conseqüentemente, perde potência o campo magnético, pelo que o espírito progressivamente se liberta do corpo — que o deixa, aos poucos, de atrair. Isto explica dois fatos da maior importância para o ser humano:

1. Que o corpo físico não morre em virtude da saída do espírito, mas este é que escapa com o falecimento daquele (Kardec), dependendo este do esgotamento da energia vital — o sustentáculo da matéria.

2. Que a morte lenta, com agonia, desagradável para os assistentes, é favorável ao espírito, que não sofre (A. J. Davis), a não ser moralmente em proporção às suas culpas e ao apego à carne, e livra-se sem grandes abalos'. Tal noção é fácil de deduzir das informações preciosas de André Luiz. O trespasse súbito é em extremo penoso porque o ser se perturba, sofre (Emmanuel) e não se liberta senão depois de conseguir superar a atração magnética ainda ativa — o que toma tempo bastante variável, segundo o grau de

---

*' Nota da Editora: — O autor se refere ao fato belamente descrito em minúcias por Andrew Jackson Davis e pode ser encontrado mais facilmente na obra "Magnetismo Espiritual", de Michaelus, edição FEB, a páginas 281 e seguintes.*

apego à matéria: quanto mais elevado o espírito, tanto menos sujeito ao magnetismo orgânico.

Delanne compara a ação do corpo espiritual à de um campo magnético ou elétrico e assevera que o perispírito representa o papel de um eletro-ímã dotado de pólos múltiplos, ao invés de dois, conforme se dá com os ímãs materiais que estudamos anteriormente. Por aí fica patente que a exposição precedente é mero desenvolvimento, permitido pelo gigantesco progresso científico moderno, de uma idéia que vem evoluindo aos poucos e que podemos agora considerar como definitivamente integrada na evidência experimental.

#### Modo de ação dos remédios

Se abrirmos um tratado de Terapêutica ou de Farmacologia, com o fito de nos cientificarmos sobre o modo de ação dos medicamentos, em relação às moléstias, veremos que a maioria ignora a questão e que alguns declaram não haver explicação do mecanismo íntimo. É que os cientistas acham-se muito ocupados na pesca de fatos, na análise dos fenômenos. Uma importante aplicação do princípio de unidade e da estrutura elétrica da matéria, essas fertilíssimas revelações físicas, temos aí. Vamos examinar, primeiro, se uma série de efeitos idênticos admitem causas semelhantes e,

depois, se é possível reduzir estas últimas a um princípio geral, assentado solidamente sobre aqueles dois conhecimentos modernos da Física.

Estamos cientes de que os raios X se originam da colisão de um feixe de elétrons (ou raios catódicos) com qualquer espécie de matéria (em geral, uma placa metálica). Desse choque resultam vibrações eletromagnéticas oriundas da matéria e destituídas de todo suporte físico: são as radiações de Roentgen. Tais vibrações existem, pelo menos em potencial, na matéria e libertam-se mediante a ação de elétrons (no caso dos raios X) ou durante a desintegração atômica (raios gama), de modo espontâneo. Repisemos: raios X (provocados) e raios gama (espontâneos) são vibrações (ou ondas) eletromagnéticas, da mesma natureza, apenas diferentes quanto ao comprimento de onda (mais curto nos segundos) e frequência vibratória (menor nos primeiros).

Agora, estudemos a ação, sobre a pele humana, de algumas radiações e de certos produtos químicos (entre os quais se incluem os remédios).

Radiações — Os raios X, quando aplicados em excesso na cútis, determinam a chamada radiodermite; começa com eritema (avermelhamento), em seguida bolhas (vesículas e flictenas), finalmente mortificação dos tecidos (necrose); produzem também pigmentação. Os raios gama, que escapam continuamente do

metal rádio, em nada se apartam desse esquema. Por isso, ambos são empregados na destruição de tecidos tumorais, benignos e malignos. A luz solar (cujos efeitos são devidos aos raios ultravioletas, de natureza idêntica aos raios X), nas mesmas condições, dá origem à actinodermite ou queimadura solar, com fenômenos iguais aos anteriores. As queimaduras, tanto originadas pelo calor quanto por radiações caloríficas, filiam-se igualmente a tal grupo de lesões. De um modo geral, temos, num primeiro grau, vermelhidão; depois, bolhas; por fim, ulcerações com perda de tecidos; conseqüências comuns são o excesso de pigmentação e a descamação epidérmica.

Isto posto, é evidente que diversas radiações eletromagnéticas deixam os mesmos sinais na pele humana.

Produtos químicos — Numerosas drogas exercem semelhante ação. São os chamados revulsivos ou vesicatórios. Se aplicarmos, por exemplo, essência de mostarda sobre qualquer parte do corpo, veremos surgir tremenda irritação, extremamente dolorosa (não o são menos as precedentes), acompanhada de eritema, bolhas e chegando à necrose; e não falta a pigmentação, mais tarde. Plantas como a favela e a urtiga conduzem pêlos glandulosos, cujo líquido, fortemente urente, determina a formação de eritema papuloso; o látex de não poucas espécies vegetais é cáustico e acarreta destruição tissular.

Essa identidade funcional entre a energia e a matéria é demonstrativa. No exemplo escolhido, compostos químicos agem da mesma maneira que as vibrações eletromagnéticas, pelo que podemos supor tenham algo em comum responsável por tão parecidos efeitos. Visto que a matéria encerra energia eletromagnética — espontaneamente libertada sob a forma de raios gama — esta deverá ser a força atuante em ambos os casos.

Atingimos, posto isto, a conclusão de que a Física moderna, esse monumento da inteligência encarnada, dá razão ao conhecido químico A. Gautier, do século passado, e mais precisamente a André Luiz, quando este afirma categoricamente: "Todo remédio está saturado de energias eletromagnéticas em seu raio de ação".

Pelo princípio de unidade, sabemos que todos os medicamentos apresentam a mesma composição íntima (partículas subatômicas); a ação sobre o organismo não pode, pois, depender da matéria em si, restando a energia conservada nos átomos sob forma elétrica e o magnetismo dela decorrente. O potencial eletromagnético, naturalmente, varia de droga para droga, consoante o número das várias partículas, o arranjo das mesmas, o estado de agregação, as diferentes combinações possíveis, a concentração, etc. Para ilustrar isso claramente, basta tomarmos o oxigênio e a água; aquele é



um gás vital que respiramos, mas se levar mais um átomo por molécula passa a ser o ozônio, gás impróprio à vida; a água é-nos essencial, porém, se incluir outro átomo de oxigênio transforma-se em água oxigenada, líquido corrosivo. Vejam isto para reforçar: o gás carbônico (CO<sub>2</sub>) é inofensivo produto da respiração de todos os seres vivos; se, contudo, lhe retirarmos um átomo de oxigênio, passa a ser monóxido de carbono (CO), gás extremamente venenoso que se desprende dos motores a explosão e causador de acidentes letais por ser incolor e inodoro. As substâncias são sempre as mesmas; contudo variam enormemente as propriedades com pequenas alterações quantitativas. Além disso, a ação sobre o organismo é variável consoante uma multidão de fatores, a começar pela natureza individual, donde dizer-se que não há propriamente doenças, mas doentes.

Compreende-se, pois, que certas drogas sejam venenosas, outras calmantes, algumas excitantes, e assim por diante, segundo o potencial eletromagnético e a suscetibilidade pessoal. A importância desse conhecimento não pára aí, veremos adiante.

A analogia poderia ser levada mais longe; por exemplo, os raios X, aplicados ao sistema simpático, atuam como analgésico; em dose

fraca, excitam a atividade celular, tal qual numerosos medicamentos. É preferível passar a outro setor do mesmo campo de considerações. Vejamos a quase absoluta identidade funcional existente entre fluidos e anestésicos, tão bem evidenciada por Delanne.

É perfeitamente conhecida, e há muito tempo, a ação dos fluidos sobre o corpo humano. O mesmerizador, transfundindo sua energia, gera o chamado "sono magnético", ou melhor, sono fluídico — igual ao sonambulismo. Em estado sonambúlico, o sujeito apresenta três categorias de fenômenos, muito próprias do estado em que se encontra:

1. *Insensibilidade* — Completa, a ponto de ser possível cortar-lhe qualquer parte do corpo ou dar-lhe amoníaco para respirar sem dano algum.

2. *Clarividência* — O sonâmbulo adquire esta faculdade em virtude da libertação do espírito durante o processo.

3. *Ausência de recordação* — Ao ser despertado, de nada se lembra de quanto foi feito, a ele ou em torno dele.

As pessoas submetidas à narcose ou anestesia geral (éter, clorofórmio e, modernamente, gases anestésicos), sempre permanecem insensíveis e não se recordam de coisa alguma; quanto à dupla vista, tem sido verificada nesse estado igualmente

em alguns casos. Pelo que aí fica, é possível afirmar que ocorre, num e noutro, o desprendimento do espírito mediante ação sobre o sistema nervoso central. Os centros nervosos ficam inibidos e a alma livre, donde a clarividência.

Podemos construir o mesmo raciocínio que é, em parte, análogo ao antecedente. Se produtos químicos e fluidos agem semelhantemente, é que possuem algo em comum. Não é a matéria, muito diversa em ambos, senão a energia que libertam, filiada à que estudamos há pouco.

Vimos que radiações físicas, radiações espirituais e substâncias químicas exercem ações idênticas sobre a matéria organizada e que tais ações repousam em cima de uma só base: a energia ou vibração eletromagnética, presente em toda a matéria.

Cada forma de aplicação tem a sua indicação peculiar e cumpre cortar cerce todo e qualquer exagero ou exclusivismo. Os médicos só querem saber dos remédios, dos raios e do bisturi; os "magnetizadores" afirmam que os seus passes curam tudo, o que é material e espiritualmente impossível. Para as moléstias cirúrgicas, bisturi; para os tumores, radiações; para as doenças curáveis ou de todo incuráveis, medicamentos. Para que o tratamento fluídico, humano ou espiritual, não seja desacreditado, urge utilizá-lo judiciosamente; moléstias psíquicas encontram

nele um excelente recurso; indivíduos espiritualizados aproveitam-no; homens grosseiros, materializados, campeões na mesa e atletas no leito, mostram-se insensíveis ou pouco sensíveis aos fluidos e precisam de remédios, cuja ação é mais possante nesse nível. Também, note-se, os passes revelam-se inúteis se o receptor não se colocou numa condição íntima adequada mediante anuência e prece.

Os espíritos tratam doenças do corpo e da alma e, se devemos louvar a boa intenção, não é lícito esquecer que o entusiasmo impede sejam examinados os fracassos. Esta questão merece muita ponderação, tanto por parte do agente, quanto por parte do sujeito. As anotações subseqüentes objetivam alcançar um esclarecimento a respeito.

A maior parte dos preparados farmacêuticos é ineficaz ou denota eficácia variável, infiel, sabem-no perfeitamente os médicos; existem porque, tendo realmente ação sobre certos estados mórbidos, ela é apenas sintomática, restrita e/ou inconstante, sujeita a fatores difíceis de precisar e avaliar. Por isso, de três doentes com a mesma afecção, um cura-se, outro melhora e o terceiro pode até piorar. A julgar pelos anúncios e bulas, não há nenhuma dificuldade no tratamento das enfermidades que afligem tão severamente a humanidade; a realidade, no entretanto, é bem outra. Os remédios a g e m

sobre o organismo, enquanto que as moléstias, se estão localizadas nele, têm sua causa no espírito — como regra geral. As doenças somente do corpo são facilmente curáveis, porquanto se devem às imperfeições da matéria e às contingências da circunstância. Por exemplo, arranca-se um dente e sobrevêm um abcesso alveolar — nada tem o espírito a ver com isso; é um acidente. Isto explica em parte os sucessos e os fracassos, igualmente comuns, da medicina.

As doenças de certa gravidade, que surgem sem causa bem definida, devem ser consideradas como reflexos de desequilíbrios perispirituais e levam como finalidade o restabelecimento da normalidade do espírito — quando suportadas com ânimo adequado. Enfim, a distinção absoluta ainda não é para nós, mas podemos, por via de regra, fazê-la; resta recorrer aos mentores espirituais, cujo conselho não falha se há sinceridade de propósito e boa intenção. Eles não poderão carregar a nossa cruz e só intervêm se o auxílio for útil espiritualmente; se o paciente não estiver em condições de aproveitá-lo, pouco ser-lhe-á permitido informar ou tratar.

Devemos procurar as prescrições médicas para os males curáveis por semelhante processo. O tratamento pronto e eficaz para amidalas cronicamente inflamadas é a extirpação. Quem tem de tratar a úlcera péptica é o gastrenterologista,

a hipertensão é o cardiologista, etc.. É inútil procurar os centros em tais casos e os espíritos devem encaminhar esses doentes ao médico. Teriam espíritos elevados como Pasteur, Jenner, Oswaldo Cruz, e outros, vindo à Terra por sua própria conta ou para legar-nos meios de caminhar com os nossos próprios pés? Amigos queridos do Espaço, espontaneamente, num caso conhecido do autor, indicaram uma operação para bem desenvolvida úlcera duodenal; em 15 dias a pessoa estava completamente curada, o que é fora do comum. Seria lógico gastasse ela meses, ou talvez anos, com pozinhos e cápsulas receitas por espíritos desconhecidos? Quando indispensável ao progresso espiritual, eles sabem abrir caminho até nossa limitada capacidade para ajudar-nos.

Confessemos que o receituário mediúnico não ultrapassa, salvo casos contados, o humano e, freqüentemente, fica aquém deste. O tratamento espiritual destina-se às enfermidades da esfera mental ou psíquica e já é muito, pois aí a medicina falha em larga escala. Isso não quer dizer que os fluidos espirituais não atuem fisicamente; vimos um passe dado por elevado espírito, especialista em terapêutica fluídica, através de excelente médium, abrir um abcesso dentário duas horas depois e, noutra ocasião, fazer cessar as fortes dores da espondilose em vinte minutos.

Perguntamos aos estimados confrades: nos

centros quantos espíritos superiores, de identidade conhecida, especialistas em terapêutica fluídica, e quantos médiuns competentes prestam serviços? Meia dúzia?

O que temos são irmãos iguais a nós, no Espaço e na Terra, dando de si com toda a boa vontade possível. Mas, não basta, temos observado, para os distúrbios da matéria — que pertencem ao campo médico, como regra geral. Além disso, não é raro o contra-senso de médiuns que, durante as sessões, receitam remédios ao público pedinte e depois vão eles próprios ao médico encarnado tratarem de suas doenças pessoais. É o caso de perguntar-se: por que não cuidam de si mesmos? Serão suas doenças diferentes das demais?

A medicina propriamente espírita possui terreno peculiar: as moléstias psíquicas ou mentais, principalmente quando envolvem perseguições espirituais, o que é vulgaríssimo. Aí aqueles espíritos iguais a nós, mas repletos de boa vontade (assistidos por entidades superiores), podem fazer o que não é possível aos esculápios terrenos, que desejam manter-se em voluntária ignorância a respeito. Daí esclarecer Inácio Ferreira, o conhecido psiquiatra espírita: "O Espiritismo só deve ser aplicado em casos especiais de psiconeuroses", afora, naturalmente, os casos de obsessão. Realmente, a "perturbação" ou neurose, forma de desequilíbrio em que o senso de

realidade está intacto e a inteligência normal, constitui excelente campo de aplicação para as práticas espíritas porque aí o tratamento básico consiste na reeducação espiritual do paciente.

Os distúrbios orgânicos pertencem à medicina, como regra geral — dissemos. "Regra geral", porque, evidentemente, os mentores espirituais sabem decidir judiciosamente quando intervir no plano material.

É comum que os espíritos receitem preparados farmacêuticos e é igualmente freqüente que o façam com menos maestria do que seria de esperar e de desejar. Explica-se por serem espíritos de homens do tipo médio, fossem, embora, médicos na Terra. Por outro lado, temos tido oportunidade de ver que espíritos superiores não o fazem, mas tratam com passes e chás, ambos veiculando fluidos curativos. A Sra. D'Espérance, famosa médium francesa, conta que o seu elevado guia agia do mesmo modo, sendo contra os remédios. I. Ferreira quase não os empregava no Sanatório de Uberaba-MG.

Teoricamente, torna-se fácil compreender o motivo de tal diferença. Notamos anteriormente que a responsável pelo efeito medicamentoso das drogas e fluidos é a energia eletromagnética; essencialmente, os fluidos do espírito agem do mesmo modo que os remédios. Os menos adiantados desconhecem tal questão, resolvida modernamente, e transvazam a sua boa vontade



como sabem: propinando drogas. Os seres superiores, tendo adquirido o Bem e a Sabedoria, o Amor e a Ciência, conhecem como manejar, por meio da vontade, os seus fluidos perispirituais (e os do médium) a fim de obter o desejado potencial eletromagnético, idêntico ao do medicamento indicado no caso em que estiver atuando. Compreende-se que seja conhecimento científico acima das nossas possibilidades atuais, mas já em início de entendimento por intermédio da Física e da Biologia. Não esquecer que Jesus, Pedro e Paulo jamais usaram algo além dos fluidos emanados de suas mãos e poderosa cerebração, em suas curas instantâneas e completas.

Para usar remédio é preferível buscar o médico terrícola, que dispõe de amplos recursos técnicos e medicamentosos, embora seja fácil apontar lacunas na sua atividade. O receituário envolve responsabilidade graças às complicações sempre possíveis e será indispensável haver um responsável, que possa extemporaneamente socorrer o doente de súbito presa de novos males. Quem o fará, senão o médico? O espírito, o médium e outros não poderão e nem terão capacidade para tanto. Ficaria o paciente entregue a si próprio e um profissional chamado às pressas viria trazer fatal descrédito a uma doutrina científico-religiosa realmente capaz de muitas curas magníficas — quando devidamente indicada

e sensatamente aplicada.

Creemos que nossas palavras serão tomadas ao pé da letra, mas, por medida precautória, afiançamos que tudo quanto julgamos deva ser dito aí fica claramente exarado, não havendo nenhum sentido oculto ou conceitos subentendidos. Tomem-se as letras e vocábulos na sua acepção vulgar.

NOTA FINAL — É fácil comprovar que espíritos e confrades se orientam pela tese supra defendida. Emmanuel (F. C. Xavier, "Entrevistas", Araras, SP, 1972) declara "muito natural" recorrer à assistência médica e que "o nosso corpo precisa de assistência médica em todos os distúrbios que apresente". Agrega que não se pode desprezar "a cooperação da Ciência através do socorro medicamentoso. Se há tal socorro, é porque Deus permite". Porque, esclareceu, "uma casa de saúde, um sanatório, um hospício, é uma casa de Deus". Por outro lado, Emmanuel (sessão de 5-VI-50, Pedro Leopoldo) aconselha, a quem desejar o auxílio dos mentores espirituais na "solução de tuas necessidades fisiológicas ou nos problemas de saúde" — colocar um frasco contendo água a sua frente enquanto ora. Assevera: "o orvalho do plano divino magnetizará o líquido, com raios de amor..." André Luiz ("Obreiros da Vida Eterna") conta-nos que o Assistente Jerônimo, querendo prolongar a vida da velha Sra. Albina, prestes a

desencarnar, por ordem superior opera mediante os seus próprios fluidos sobre as coronárias, sustando o processo patológico durante vários meses. E relata também como o feto de uma mãe desnutrida recebe um suprimento de fluidos nutritivos das mãos de um médico espiritual.

T. Rossini ("A Nova Era", Franca, SP, 31-III-75) defende a doutrina de que as moléstias do corpo físico devem ser tratadas pelos discípulos de Hipócrates, salvo situações especiais. Explana: "O Espiritismo Cristão Kardecista não tem como uma de suas finalidades a preocupação de curar enfermidades, por serem estas da competência da medicina terrena." Acentua que o objetivo dele "é contribuir para a transformação dos povos". Alega que Jesus prometeu enviar um Consolador e não um "curador", que prometeu alívio e não "cura" (Mt. 11:28). A Kardec, os espíritos, várias vezes, advertem que cuide da sua saúde ou não concluiria a missão em curso. E o nosso querido Chico Xavier mesmo tem sido aconselhado pelos instrutores espirituais a tratar os seus vários males físicos com médicos de carne e osso; uma vez, teve de internar pessoalmente uma parenta chegada num sanatório psiquiátrico... Consultado por parente meu, sobre uma dolorosa espondilose, o Chico respondeu que apenas poderia orar por ele. Reconhece Rossini haver curas por via mediúnica nos casos

em que a moléstia resiste à terapêutica humana ou o doente possui méritos.

André Luiz ("Obreiros") conta que, diante de um médium que psicografava mensagens em resposta a consulentes encarnados (operação usual nos centros), o mentor declarou que se tratava simplesmente de "respostas reconfortantes", derivadas "do impositivo da cooperação". E acentua que não "traduzem equação definitiva para os problemas que expõem". É exatamente o que se percebe nas respostas dadas a pedidos de orientação e receitas. A cada um compete o esforço, comumente estrênuo, de auto-regeneração, caso em que a doença é fator importante de reajustamento. E como promana de passados deslizes e culpas, nem sempre pode ser eliminada prontamente — fazendo-se mister primeiramente a modificação das condições íntimas que originaram a perturbação.

A falibilidade do receituário é bem conhecida dos estudiosos do assunto. Confrontem-se as opiniões de Osty e de Emboaba, em dois campos algo diversos. Esses, e os demais autores, por outro lado, reconhecem que, pelo geral, ele seria digno de confiança não fora extremamente sujeito à mistificação, comumente humana e, às vezes, espiritual. Isto devemos levar em conta. É mais prático e seguro recorrer ao médico quando este se acha qualificado para o caso, o que muitas vezes

recomendam os espíritos superiores quando instados a opinar sobre doentes. A mediunidade curadora é bem conhecida quanto aos resultados possíveis, porém, mal no concernente à oportunidade; enfim, é meio para o futuro, quando pudermos contar com melhor material de ambos os lados — a não ser nos distúrbios psíquicos.

Outro aspecto da questão, pouco comum, reside nas operações transcendentais, para as quais é preciso um médium de efeitos físicos. São indiscutíveis, porém, raras. Isto demonstra que os mentores do Espaço não desejam que ponhamos de lado a medicina; evidentemente, tais seres elevados não pretendem sejam abolidos os meios de progresso anímico, representados pelo sofrimento redentor, donde concluirmos que os inconvenientes da medicina mediúnica desaparecerão com a elevação geral do nível moral. Daí tomarmos como base o caso geral e não as exceções, isto é, as curas prodigiosas.

O Artigo 284 do Código Penal (314 em o novo código, ainda a vigorar) ao mesmo tempo que proíbe a prescrição de remédios, vai ao exagero de proscrever passes e preces e até simples gestos e palavras que denotem a intenção de curar! Puseram, assim, de lado a recomendação do Mestre aos discípulos: "... curai os enfermos...", operação que realizavam com a imposição das mãos; pouco mais fazem os médiuns com os passes.

passe, nos centros, é dado, via de regra, sem qualquer intenção de curar, mas sim de descarregar cargas fluídicas inferiores — capazes de alterar a saúde. De resto, é prática benéfica e inócua, pura expressão do intenso desejo de fazer o Bem e cumprir, portanto, os desígnios divinos.

Podemos, criteriosamente, estabelecer os seguintes princípios concernentes à atitude atual do Espiritismo em face da doença e do tratamento:

1. Os medicamentos e os fluidos agem em virtude da energia eletromagnética que veiculam.

2. Os primeiros são adequados às moléstias de fundo material e aos indivíduos excessivamente materializados. A maior parte dos remédios é ineficiente e, por isso, devemos usá-los parcamente e só quando bem indicados. Ponhamos de lado, terminantemente, todos os remédios "que me fizeram muito bem uma vez quando..." ou "que deram ótimo resultado para fulano e a avó de beltrano..." Não há, propriamente, doenças; o que há são doentes e cada caso difere de outro, por mais parecido seja. As aparências enganam.

3. Os fluidos (passes) constituem excelente terapêutica para as moléstias mentais, aliados à doutrinação tanto do encarnado quanto dos desencarnados, se os houver. Também para males físicos de origem espiritual imediata.

4. Convém, sempre que possível, ouvir os guias, lembrando que nem todos os espíritos são guias.

5. Se tivermos a felicidade de reunir o difícil conjunto de condições que permita a presença ativa de um espírito reconhecidamente superior, então não há restrições a fazer, porquanto grande é o seu poder. É uma exceção e não se pode tomá-la como base de raciocínio.

6. O ideal para os centros espíritas, cujo senso caritativo é notório, é a colaboração de um médico — que julgará das receitas e assumirá a responsabilidade, já que os seus conhecimentos especializados permitirão o socorro, rápido e eficiente, quando houver complicações ulteriores.

7. Os passes habitualmente dados nos centros são sempre úteis para aliviar as cargas fluídicas deletérias. Nada curam, senão pequenos males delas decorrentes (dor de cabeça, mal estar, angústia, etc). Os passes curativos são especiais e estão na dependência da elevação da fonte de origem, do médium e do ambiente; quantas vezes teremos realizado tal associação de condições favoráveis? Não, certamente, nas sessões públicas vulgares, onde não há — nem poder haver, que a isso não se destinam — seleção moral.

8. Em última análise: discernimento nas atividades beneficentes, atenção nos conselhos dos espíritos, prudência nas promessas. É essencial formar-se em grupo moralmente homogêneo de pessoas estudiosas e boas.

9. Estes princípios são plásticos e devem adaptar-se às condições particulares de cada assembléia.

10. Nota adicional. As moléstias que acozzam a humanidade desempenham papel relevante na redenção do espírito imortal, na qualidade de fatores de reajustamento em face das quedas e desvios. Inúmeras resistem a quaisquer tipos de terapia, melhorando e piorando sucessivamente. Segue-se que, em muitos casos, teremos de conviver com elas, buscando um inteligente regime de adaptação. Logo, urge não voar atrás do primeiro aceno ilusório de libertação total e imediata. Lembremos: não poucos estados mórbidos são solicitados pelo próprio reencarnante com o fito de impedir excessos e desvios de funções, os abusos tão comuns das sensações físicas (inibições pedidas, de A. Luiz).

#### Mutações

Verificamos anteriormente que radiações e produtos químicos, em muitas instâncias com a maior evidência, atuam de modo semelhante sobre a matéria organizada. Em seguida, notamos que os fluidos espirituais e as drogas anestésicas demonstram completa identidade funcional. Por fim, concluímos que as ações das radiações, fluidos e compostos químicos repousam sobre



uma única base: a energia ou vibração eletromagnética, universalmente difundida.

Sabemos que as mutações são variações descontínuas, que aparecem bruscamente num descendente de pais normais; assim é, por exemplo, quando nasce uma criança com seis dedos em cada mão, apresentando cinco os seus progenitores. E crianças albinas de pais normais, fato que se passa também com animais e plantas. As mutações espontâneas são relativamente raras, embora possam surgir em quaisquer animais ou vegetais; insetos sem asa, descolorados, carneiros negros, flores e folhas dotadas de formas e cores diferentes das usuais, etc. O importante é que elas se mostram desde logo transmissíveis à descendência, conquanto aconteça permanecerem durante várias gerações ocultas, sem manifestar-se no organismo.

As células sexuais (gâmetas), femininas e masculinas, fundem-se para formar o ovo, no qual existem potencialmente as características maternas (trazidas pelo óvulo) e paternas (levadas pelo espermatozóide), veiculadas pelos genes ou partículas da hereditariedade, os quais se encontram no interior dos cromossomos. Se os genes ou os cromossomos sofrerem qualquer alteração — seja quanto à posição, à integridade ou ao arranjo interno das moléculas — ela refletir-se-á no corpo futuro do descendente e aparecerá a mutação, imediata ou posteriormente. Não há determinação

no aparecimento da mesma, parecendo dar-se ao acaso e, posto isto, sendo imprevisível (conforme se explicará no capítulo subsequente).

Descobriu-se que certas radiações são capazes de produzir mutações em animais e plantas. Raios X, gama e ultravioleta são os principais. Também algumas substâncias químicas, como o gás-mostarda. Exemplo famoso e recente de droga mutagênica, embora malfadado, é o tranqüilizante talidomida; número apreciável de futuras mães, às quais o fármaco foi propinado no curso da gravidez, deu à luz filhos com um dos membros deformado: ora sem mão, ora sem antebraço, às vezes com uma perna atrofiada, e assim por diante. Mais ainda, nenhuma das muitas mutações induzidas pelos raios ou pelas drogas é específica; todas elas foram também encontradas na natureza.

Este conhecimento casa-se perfeitamente com os acima explanados. De fato, continuamos defrontando-nos com um fator único, responsável pela atuação mutagênica das radiações, dos compostos químicos e da natureza.

Em o nível evolutivo animal e humano inferior, reina o determinismo aparente e, aí, cremos que as mutações (isto é, na esfera submicroscópica) estão sujeitas à indeterminação essencial dos genes e, aos nossos olhos, eclodem como manifestações do acaso. Seria totalmente ilógico e inadequado considerar o mesmo mecanismo

em o nível humano habitual, mais adiantado intelectual e moralmente. Aqui, as mutações, raríssimas, mostram-se intencionais.

Visto que as radiações e as substâncias químicas podem originar mutações e sabido que agem do mesmo modo que os fluidos espirituais (os três tendo como elemento comum ondas eletromagnéticas) — logo, os fluidos também poderão induzi-las. É o que permite se conclua a teoria e certas informações de André Luiz, o muito estimado instrutor. Entidades elevadas têm capacidade para alterar a estrutura cromossômica ou a ordenação dos genes, dirigindo a energia fluídica por meio da sua poderosa vontade, sobre as células da reprodução; e isto com a nobre finalidade de obter corpos adequados a espíritos que necessitam resgatar faltas pretéritas. Não é por acaso que nasce um ser humano defeituoso, a partir de pais normais; tal mutação é intencional, gerada por meio da energia eletromagnética veiculada nos fluidos, sob ação da vontade de seres superiores. No caso da talidomida, a ação mutagênica foi aproveitada para a corrigenda de espíritos necessitados de mutilação em decorrência de graves débitos a acertar perante a lei de causalidade.

Não há outra explicação para a grande evolução do passado remoto, quando imensas alterações orgânicas eram freqüentes. Tais mutações foram concebidas pelo eminente geneticista Goldschmidt,

que as denominou sistêmicas, sem agregar qualquer explicação. Admitimos terem sido obra da vontade de Entidades Angélicas, sob a orientação do Cristo; do contrário, não é admissível tivesse a Terra sido povoada pelos frágeis seres atuais, cujo desenvolvimento psíquico é incomparavelmente maior do que no passado, quando os corpos eram muitíssimo volumosos. Por incrível que possa parecer, esta é a opinião explanada pelo famoso paleontólogo Robert Broom na reunião anual da Associação de Cientistas da África do Sul (3-VIII-33), trabalho depois publicado sob o título de "Evolução — há inteligência por trás dela?"

Consoante se sabe, Broom teve importante participação na descoberta de antigo ancestral simiesco do homem atual, o australopiteco, em estado fóssil. A opinião em tela já era a de Alfred R. Wallace, descobridor, com Darwin, da evolução por seleção natural e profundo estudioso dos fenômenos mediúnicos e anímicos. Afirmam ambos os sábios: "Uma inteligência superior dirigiu o desenvolvimento do homem numa direção definida e para um objetivo especial". Não estamos, portanto, desamparados da Ciência, conforme muitos lamentam na seara espírita.

O supra exposto não é obscuro misticismo, mas uma explicação lógica e que provê um fim à evolução — porquanto, ao mesmo tempo em

que a inteligência e o seu órgão, o cérebro, cresçam, o corpo diminua.

Tais questões pertencem ao futuro. A Genética, ciência nova, acha-se ainda na fase analítica, de arquivamento de minúcias, e não pode cogitar de uma síntese satisfatória e clara. Atualmente, os seus cultores descem ao nível molecular e acabarão na referida síntese, mais tarde; procuram entender o comportamento dos agregados de partículas materiais. Quanto a nós, se esse comportamento é absolutamente governado por leis férreas ou se admite certa liberdade de ação é o que examinaremos no próximo capítulo, após a noção de onda.

#### Noção de onda eletromagnética

Falamos bastante de energia, radiação, onda e vibração; não poucas vezes mencionamos a palavra *eletromagnético*. É hora de adquirirmos uma idéia do que tais vozes significam, mesmo porque são altamente relevantes no campo doutrinário espírita, sendo empregadas a todo momento, inclusive pelos escritores espirituais.

Onda é a forma pela qual a energia se propaga no espaço. O movimento do mar dá-nos uma representação do que é onda, bem como os círculos concêntricos formados na superfície de um lago quando pedras caem sobre a água. A

parte saliente (ou crista da onda) que sobe e corre indica o movimento gerado pela aplicação de energia (o impacto das pedras). O que vemos é uma sucessão de abalos ou oscilações, isto é, sucessivas cristas propagando-se na água a partir do ponto onde a pedra caiu, tal como no mar (por outras razões). Se houver um tonel ou rolha em cima da superfície, veremos ambos oscilarem (subir e descer alternadamente) à medida que as ondas passam. A distância entre duas cristas vizinhas chama-se comprimento de onda. E o número de oscilações observadas na unidade de tempo (usa-se o segundo) denomina-se frequência. Quanto maior aquele, tanto menor esta e vice-versa. Por exemplo, quanto mais espaçadamente caem as pedras na água, tanto maiores e menos numerosas serão as ondas; se caírem muito depressa, as ondas serão numerosas, muito próximas e, portanto, dotadas de alta frequência e curto comprimento de onda.

Suponhamos, agora, que não existam as águas do mar e do lago ou poça d'água. Veríamos o barril e a rolha flutuando no ar e não numa superfície visível; se houvesse propagação de alguma onda, eles passariam a oscilar. É o que sucede com as formas de energia que percorrem o espaço sob a forma de ondas invisíveis. Tanto as cargas elétricas quanto os campos magnéticos produzem ondas desse tipo; e, mais, um campo

elétrico é sempre acompanhado de um campo magnético. Em virtude desse relacionamento manifesto, as diversas formas de energia que se propagam ondulatoriamente no espaço receberam a designação de ondas ou radiações eletromagnéticas (também podem ser chamadas de vibrações). Podemos defini-las assim: as ondas eletromagnéticas são formas de energia constituídas de campos elétricos e campos magnéticos (situados em planos perpendiculares entre si) que se deslocam velozmente no espaço. No vácuo, sua velocidade é a da luz (300.000 km por segundo). O comprimento de onda é uma característica que permite classificar comodamente tais vibrações; dos mais curtos aos mais longos, temos as seguintes modalidades:

1. Raios cósmicos - Até 0,000.000.000.1 mm. São os mais curtos e penetrantes. Contêm partículas atômicas e radiação eletromagnética, às quais estamos fazendo referência. Cruzam o espaço universal em todas as direções.

2. Raios gama - De 0,000.000.000.1 a 0.000.000.001 mm. Originam-se do núcleo atômico quando este sofre alterações.

3. Raios X - De 0,000.000.001 a 0.000.01 mm. Formam-se quando os elétrons chocam-se com chapas metálicas.

4. Ultravioleta - De 0,000.01 a 0,000.4 mm. Libertam-se quando os elétrons saltam de um nível externo para outro mais interno. A luz solar

é rica em raios ultravioletas, que queimam a pele.

5. Luz visível — De 0,000.4 a 0,000.7 mm. Escapa do átomo pela mesma razão precedente.

6. Infra-vermelho — De 0,000.7 a 0,1 mm. Ainda como o anterior e como calor de irradiação dos corpos aquecidos.

7. Ondas de radar e micro-ondas — De 0,1 a 100 cm. Provêm dos impulsos sofridos pelos elétrons num condutor.

8. Ondas hertzianas — De 1m a 1 km. São semelhantes às antecedentes, porém, usadas nos transmissores de rádio e de televisão (nesta, as mais curtas).

OBS. — As ondas eletromagnéticas supra relacionadas são lançadas no espaço de maneira descontínua (não como a corrente d'água caindo numa torneira); em forma de "pacotes" de energia ou unidades denominadas fótons. A energia de um fóton chama-se quantum (plural: quanta).

### Vibração e sintonia

As noções precedentes levar-nos-ão ao discernimento destas questões de tamanha importância no Espiritismo. A presente exposição completa a anterior e acrescenta-lhe aspectos ligados aos problemas do espírito.

Vimos antes que matéria e energia, por mais diferentes possam parecer aos nossos sentidos,



no que respeita às suas manifestações, são muito afins na intimidade. Daí as transformações recíprocas. E notamos que vivemos num universo de ondas; até as partículas elementares da matéria acompanham-se de ondas ao deslocarem-se no espaço. Uma multidão incalculável de raios atravessam a atmosfera em todas as direções, sem parar. Neste contexto físico, o cérebro aparece como um aparelho receptor e emissor de ondas mentais e o pensamento como fluxo energético; este ainda é considerado matéria, mas, segundo os padrões terrenos, matéria rarefeita que se comporta antes Como energia.

A palavra *vibração* e seus derivados têm amplíssimo emprego no linguajar espírita, tanto quanto *sintonia*. Para alcançar-lhes a significação convém buscar primeiro os aspectos físicos desses conceitos.

Observemos o pêndulo de um relógio em movimento. Vemo-lo executar uma série de vaivéns até terminar a corda (que corresponde à energia aplicada ao mecanismo). Trata-se de um movimento ritmado, periódico, cuja intensidade não diminuiria se a energia não acabasse (a corda dura alguns dias). Dá-se o nome de *vibração* (ou *oscilação*) a um movimento desse tipo — no qual um objeto executa numerosos vaivéns antes de parar na posição anterior à excitação — quando anima as mínimas partículas da matéria e da

energia. Pode ser comparado também às pulsações do coração; os seus dois movimentos (sístole e diástole) equivaleriam à ida e à volta do pêndulo, o que constitui uma vibração completa.

Agora atentemos para o som. Golpeando a mesa ou soltando subitamente a lâmina de uma faca flexível (fazendo-a vibrar), ouviremos, em ambos os casos, um ruído. O que terá acontecido na intimidade da matéria? As moléculas (agregados de átomos), embora dotadas de movimento perpétuo, ocupam certa posição de equilíbrio quando a mesa e a faca estão em repouso. Com a batida, as moléculas agitam-se e antes de regressarem ao estado de repouso realizam uma série de movimentos parecidos com os do pêndulo há pouco mencionado. Dizemos que elas estão vibrando ou animadas de um movimento vibratório. Este propaga-se através de todas as moléculas da mesa e da faca sob a forma de ondas, alcança as moléculas do ar e, sempre como ondas, chegamos aos ouvidos. As ondas, quando se deslocam no espaço, executam movimento semelhante. A luz, por exemplo, não caminha como fluxo contínuo, dissemos acima, comparável à água jorrando de uma torneira, mas propaga-se executando movimentos internos de vaivém.

O movimento vibratório costuma ser caracterizado por meio de duas medidas, que vamos redefinir: 1) comprimento de onda, que é o espaço percorrido durante uma vibração (um

vaivém); 2) frequência, que é o número de vibrações por segundo. Assim, uma radiação ou onda pode ser curta ou longa, rápida ou lenta, etc. O que se denomina padrão vibratório é o tipo de vibração de uma pessoa ou espírito: baixo, inferior, elevado, etc. E sintonia designa, na Física, a condição de um circuito cuja frequência de vibração é igual à de outro. Posto isto, sintonia significa identidade ou harmonia vibratória — ou seja, no campo espiritual, o grau de semelhança das emissões ou radiações mentais de dois ou mais espíritos, encarnados ou desencarnados. Estão em sintonia pessoas e espíritos que têm pensamentos, sentimentos e ideais idênticos. Por outras palavras, a sintonia vibratória é uma expressão física de uma realidade mais profunda, que é a afinidade moral. Se o perispírito emite certo tipo de onda e esta caracteriza-se por uma vibração específica, ele é sensível ao estado moral do espírito e é tanto mais apurado quanto mais este é elevado. Portanto, o padrão vibratório é uma maneira de definir o padrão moral do espírito. Em suma, a posição do espírito e suas relações com os outros decorrem de suas características morais: maneira de encarar a vida, o mundo, o próximo, Deus, modo de agir, o a que aspira, impulsos, sentimentos, etc.

Neste sentido, mediunidade é a capacidade de sintonia, caso em que todos são médiuns ou

sensitivos. Todos entram em relação com determinados espíritos, que se afinam com suas inclinações, e recebem deles influência. Mas, é um sentido muito geral; é como dizer que "todo mundo é médico". Isto é verdade até certo ponto, visto ser excessivamente generalizada a mania de indicar remédios para doenças que se conhecem apenas de nome "porque o irmão de minha avó teve uma amiga cujo pai se curou com isso..." Ora, médico é o indivíduo que se preparou numa faculdade para o exercício da medicina. E médium, propriamente dito, é o sujeito que se preparou para o exercício da mediunidade e, assim, recebe comunicações ostensivas e de interesse geral — ou seja, que tem a mediunidade como tarefa específica, como dever a cumprir.

Das noções expostas decorre uma conseqüência fundamental. Atraímos as mentes que possuem o mesmo padrão vibratório, que estão em idêntico nível moral. A comunicação inter-espiritual é controlada pelo grau de sintonia, a qual, a seu turno, promana da afinidade moral. Temos, por isso, a companhia espiritual que desejamos mediante o nosso comportamento, sentimentos, aspirações e pensamentos. Não que tenhamos escolhido intencionalmente pessoas e espíritos do nosso séquito habitual. Mas fazemos tal escolha automaticamente de acordo com o nosso modo de ser: estão ao nosso redor aqueles que

sintonizam conosco (ou que têm contas a ajustar)..  
E o caso de perguntar: como podemos elevar  
cada vez mais as nossas vibrações e, assim,  
aprimorar a capacidade de sintonia?

Só há um meio: enriquecendo o pensamento  
por meio do desenvolvimento da inteligência  
(estudo, conhecimento, compreensão) e do  
sentimento (prática do bem, serviço prestado,  
moralidade). Tais são as duas vias do progresso  
espiritual; em suma, auto-aperfeiçoamento pelo  
esforço próprio no caminho do Bem. Isto é  
uma norma geral, com particular aplicação à  
mediunidade, que não progride sem o  
aprimoramento do médium.

Em virtude do princípio de sintonia, estabelece-  
se uma dependência entre encarnados e  
desencarnados quando ambos estão perturbados  
e emitindo vibrações viciadas. Estas retêm os  
menos vigorosos ou mais transtornados. A  
identidade vibratória inferior, no caso de ódio,  
mágoa, ressentimento, tristeza, desânimo, etc,  
prende os desencarnados mais ou menos  
inconscientes do seu estado na aura magnética  
dos encarnados. Ocorre, assim, influência  
recíproca, troca de pensamentos e sentimentos,  
e, portanto, obsessão bidirecional.\Comumente,  
por esse mecanismo, parentes e amigos mortos  
há anos continuam a conviver com os antigos  
companheiros, como se ainda fossem vivos:

sentam-se à mesa, choram com os amigos, lamentam-se com os parentes, deitam-se com eles à cama... E haja desequilíbrio no ambiente doméstico.

N. B. — "Nossos apontamentos sintéticos objetivam apenas destacar a analogia do que se passa no mundo íntimo das forças corpusculares que entretecem a matéria física e daquelas que estruturam a matéria mental". Subscrevendo estas linhas de André Luiz ("Mecanismos da Mediunidade"), acreditamos pôr um fecho adequado ao presente capítulo.

**O DESENVOLVIMENTO  
CIENTÍFICO E TÉCNICO**  
— *Para onde nos levará?*

**Epílogo**

**H**oje, pessoas inteligentes questionam a relevância da Ciência e põem em dúvida o valor do progresso material. Perguntam se tem havido real progresso em face de vários inconvenientes apontáveis.

Quando se fala da relevância ou validade da Ciência, as respostas trazem sempre um caráter tecnológico, referindo-se a benefícios materiais: boas coisas e mais comodidades para o ser humano. Cumpre distinguir entre Ciência e Técnica. Ciência é o conhecimento metódico e organizado do nosso mundo, da natureza e do homem, e a busca deste conhecimento; o que se exige dele é que se sujeite a investigações ulteriores e à crítica por outros pesquisadores, pois sua aquisição é gradual e sua natureza progressiva, devendo aprimorar-se mediante contribuições sucessivas e parciais. Técnica é a parte do método experimental aplicada à

investigação de um problema específico; em sentido amplo, é o conjunto de processos e recursos de execução de que se serve uma ciência particular, razão de expressões como "técnica histológica", "técnica bacteriológica", "técnica usada foi a microtomia de congelação", etc. Tecnologia, palavra de cunhagem recente, exprime o conjunto dos processos (ou técnicas) que o homem emprega para transformar seres e corpos da natureza em objetos úteis; diz respeito, portanto, a instrumentos e técnicas industriais, donde unir Ciência e engenho. A tecnologia é a Técnica aplicada à indústria humana para tornar a vida mais fácil e cômoda. O principal fator do seu enorme desenvolvimento foram os modernos recursos energéticos, antes inexistentes. A diferença esclarece-se quando se pergunta por que um homem realiza uma investigação. O cientista estuda um problema tão-somente para ampliar o nosso conhecimento básico da natureza. Ele sabe que isso ajuda a fazer objetos úteis, mas o técnico é quem aplica o conhecimento a finalidades práticas. Poucos são, ao mesmo tempo, cientistas e tecnólogos, porquanto as duas atividades envolvem mentalidades diferentes. Matemáticos e físicos investigam os fenômenos relativos ao comportamento e constituição dos corpos, e os químicos as transformações da matéria — mas é



o engenheiro quem concebe máquinas, monta fábricas, planeja prédios e pontes. Os fisiólogos estudam as funções do corpo e a ação das drogas, mas é o médico quem usa isso no tratamento dos doentes. Uns querem saber o que as coisas são, outros para que servem.

Voltando ao problema acima enunciado, muitos duvidam da validade do progresso tecnológico, antes aceito sem reservas, com entusiasmo. Em face do ruído ensurdecedor dos grandes aviões, declaram que o transporte aéreo não é tão importante. Considerando os efeitos colaterais nocivos das drogas medicamentosas, acham que a natureza é mais sábia. E os efeitos prejudiciais dos inseticidas, que não vale a pena interferir no meio ambiente. Até as viagens à Lua são contestadas mediante o argumento de que, havendo tanta miséria na Terra, não se admite fortunas tão vastas sejam gastas sem benefício imediato. O que eles pretenderiam seria reduzir o ritmo das aplicações técnicas ou mesmo paralisá-las.

É verdade palmar que o desenvolvimento tecnológico trouxe uma série de inconvenientes — e dos mais graves, que foram minuciosamente analisados, em computadores, por um grupo formado de técnicos, cientistas e economistas, conforme exposição feita por Meadows et al (1973). Aproveitaremos os seus dados precisos e concisos.

Podemos verificar que a "problemática mundial" (os problemas que afligem povos e países) consta de: pobreza em meio à abundância, perda de confiança nas instituições, expansão urbana descontrolada, insegurança nos empregos, alienação da juventude, rejeição de valores tradicionais (por exemplo, autoridade, moralidade, religião, disciplina, respeito humano), inflação e outros transtornos econômicos, aos quais cumpre acrescentar: ruptura da integridade moral, delinquência, toxicomania, sexolatria e agressividade. É claro que tais problemas são inter-relacionados e será inútil examiná-los como elementos isolados do todo.

Cinco fatores básicos foram destacados para a análise, como responsáveis pelos citados problemas: 1) aumento da população; 2) produção agrícola; 3) produção industrial; 4) utilização de recursos naturais; 5) contaminação do meio ambiente ou poluição. A par do rápido crescimento demográfico e do acelerado ritmo de industrialização, temos: desnutrição generalizada por escassez de alimentos, esgotamento dos recursos naturais não-renováveis (minerais, metais, hulha e petróleo), destruição em massa dos recursos florestais e deterioração ambiental. Ao que convém adicionar: desagregação moral, também veloz. A análise cobre o período de um século e intende demonstrar as conseqüências do atual modo de

viver e de explorar a natureza, e ainda o que poderá acontecer se não houver medidas corretivas e controladoras a curto prazo. Continuando conforme vamos, dentro de cem anos alcançaremos os limites do crescimento e iniciar-se-á o declínio da população e da produção agrícola e industrial; haverá, então, um retrocesso na civilização. Isto, só levando em conta os fatores físicos; se considerássemos os fatores sociais, dotados de grande força de expressão, as coisas complicar-se-iam ainda mais: greves, depredações, sequestros, revoluções, guerras, desemprego... Donde se conclui que a operosa atividade humana, conducente ao progresso, acabará, por fim, levando ao caos, à ruína. Por quê?

É que semelhante atividade, sempre crescente, por um lado esgota o solo arável e as fontes de matéria prima — terminando por conduzir a agricultura e a indústria à falência — e, por outro lado, acumula montanhas de detritos na superfície terrestre e envenena a atmosfera, os rios e o oceano — tornando o ambiente impróprio à vida, inclusive humana. É, conseqüentemente, um suicídio lento, que poucas pessoas compreendem, já pela vastidão do problema, já pelos complexos aspectos técnico-científicos. A imensa maioria, movida pela idéia do lucro, monta fábricas à vontade, derruba matas e explora minas sem restrição — e não avalia as conseqüências para

o futuro próximo. Exemplifiquemos com uns poucos dados específicos para instrução do leitor impulsionado pelo desejo de saber o que deve esperar.

1. População. A população mundial cresce vertiginosamente. Em 1650, havia cerca de 500 milhões de habitantes e a proporção de aumento era de aproximadamente 0,3% ao ano; a população dobraria em 250 anos. Em 1970, existiam 3.600 milhões de pessoas aumentando à taxa de 2,1% ao ano; a duplicação seria alcançada em 33 anos. Segue-se daí que, por volta de 2000, teremos perto de 7 bilhões de terráqueos. Qual a razão desse incremento? Antes da bem estudada Revolução Industrial (princípio do século 19), a fertilidade e a mortalidade humanas eram relativamente altas e irregulares, de modo que a taxa de natalidade (número de pessoas nascidas, por ano, em cada mil) superava de pouco a taxa de mortalidade (número de pessoas falecidas, por ano, em mil). Além disso, em 1650, a duração média da vida era somente de 30 anos. Ao entrar o progresso tecnológico, as condições de vida melhoraram, com o avanço da medicina e da agricultura, havendo melhores alimentos, remédios, moradias, transportes, condições de trabalho, etc. Nasceram mais crianças e os seres humanos vivem mais (cerca de 60 anos e até 70 anos em certos países).

O famoso explorador dos oceanos, Jacques Cousteau (*Paris Match*, maio de 1991) dá como garantida que a explosão demográfica é o fator que, pouco depois de 2000, acabará com a vida na Terra; não haverá água potável, nem alimento e nem moradia para tanta gente, afiança.

2. Indústria. Mais depressa do que a população, vem crescendo a produção industrial. No período entre 1963 e 1968, a taxa de crescimento da produção chegou a 7% — além do triplo em relação à população. A produção crescente gera mais capital e este, ampliado, conduz a maiores investimentos, que, a seu turno, aumentam a produção e, portanto, o capital. Como o desgaste ou depreciação é reduzido, o capital industrial cresce vertiginosamente. A situação parece favorável: a produção industrial aumenta de 7% ao ano e a população de 2,1%; logo, deveria haver mais bens para maior número de pessoas. Mas, não é o que acontece! A distribuição é desigual entre os cidadãos do mundo. Dá-se que o crescimento industrial é notavelmente maior nos países já industrializados, nos quais a taxa de crescimento do povo é relativamente baixa. Ao contrário, nos países mais atrasados nasce bem mais gente. Resultado: mais indivíduos, menos produção. Os quatro países mais industrializados (Rússia, Estados Unidos, Japão e Alemanha) têm muito mais dinheiro por pessoa

e a proporção do aumento desse capital é manifestamente maior do que o aumento da população. Nos países menos desenvolvidos, o dinheiro é mais escasso e o povo aumenta mais depressa do que os recursos. Daí dizer-se: "o rico torna-se mais rico e o pobre ganha filhos" e "o dinheiro chama dinheiro". Quanto ao Brasil, nota-se, nos últimos tempos, acentuada melhoria na situação econômica e suas perspectivas são excelentes em face do futuro próximo com as recentes e variadas descobertas de lençóis petrolíferos e a aceleração da indústria pesada. O que é de perguntar-se é o que acontecerá à base física desse progresso econômico e populacional: haverá recursos para que ele prossiga na forma atual?

3 Alimentos. Provavelmente 50-60% da população terrena recebe alimentação inadequada. A produção agrícola também sobe, porém, somente nos países mais adiantados. Nos demais, é estacionária e não superior ao crescimento da população. Disso decorrem fatos como este: em Zâmbia (África) 26%, no Paquistão (Ásia) 14% e na Bolívia (América do Sul) 8,2% das crianças morrem antes de completar 1 ano e muito mais antes da idade escolar. É bem de ver que a produção de alimentos exige, antes de qualquer medida, solo cultivável. E parece haver, no máximo, uns 3,2

bilhões de hectares disponíveis na Terra — e a melhor metade está sob cultivo. A outra metade acarretará despesas enormes se tiver de ser aproveitada. É de supor-se haja carência dentro de 30 anos, continuando a incrementar-se a população como agora. Chegará, portanto, o dia em que os alimentos começarão a subir de preço a ponto de muitos morrerem de fome e outros comerem mal. Ora, isto já está acontecendo, de fato, em várias partes do mundo: ocorrem 10 a 20 milhões de mortes anuais atribuíveis direta ou indiretamente à desnutrição. Em seguida ao solo, vem a água doce como fator importante na produção alimentar, a qual, em diversas porções do planeta, falta ou é difícil de obter.

4. Recursos naturais. Os grandes processos industriais demandam numerosas matérias primas que a natureza tem de fornecer, cujo consumo igualmente ascende velozmente. Por exemplo, minerais, petróleo, hulha, metais e gás natural, incapazes de renovação. Mesmo a madeira, passível de reposição pelo esforço humano, sobe continuamente de preço porque as madeiras de lei não são plantadas e, quando o são, crescem com apreciável lentidão. Avalia-se que daqui a cem anos será extremamente custosa a obtenção de vários metais úteis à indústria; basta ver que, nos últimos trinta anos, os preços do chumbo e do mercúrio subiram 300% e 500%! A tais

dificuldades soma-se o constante aumento do consumo de energia. Pode duvidar-se de que os 7 bilhões de indivíduos do ano 2000 venham a dispor de suficientes matérias primas para o desenvolvimento econômico e um razoável padrão de vida, caso prossiga o atual ritmo de produção. Mas, as produções agrícola e industrial, e o estilo de vida associado a elas, dão origem ao terrível problema subsequente, do qual toda gente se queixa hoje em dia; a pesada ameaça que ele representa vai-se tornando cada vez mais palpável, servindo de exemplo São Paulo.

5. Poluição. Os refugos do engenho e da existência dos seres humanos vão-se acumulando crescentemente na superfície planetária e invadindo os ares e as águas, tornando-se visíveis, incômodos, irritantes e, por último, nocivos à saúde e à vida das plantas e animais. Óleo e excremento nas praias de banho, mercúrio nos peixes do mar, chumbo e gases tóxicos no ar das cidades, montes de lixo, latas vazias em toda parte, valas com água suja, etc, são produtos usuais do trabalho industrial e da simples presença do homem em grandes concentrações. Com isso, o meio ambiente torna-se perturbado e, aos poucos, inadequado à vida. Em conclusão, avoluma-se a poluição.

Muitas são as fontes de poluição: indústria química, usinas elétricas, usinas atômicas, chaminés



de fábricas, veículos motorizados e o lixo estão entre as maiores. Vejam o que se joga fora nos Estados Unidos anualmente: 48 bilhões de latas, 26 bilhões de garrafas, 65 bilhões de tampinhas e 7 milhões de automóveis como sucata, não contando móveis, utensílios, etc, imprestáveis (uma família produz, em média, 3 Kg diários de detritos). Até o calor, derivado do uso intensivo de energia, e o gás carbônico, oriundo dos carros, inofensivos em si mesmos, pioram o meio; o calor, por exemplo, afeta o clima local e perturba a vida aquática (poluição térmica). O ruído demasiado perturba o sono e o equilíbrio mental de muitas pessoas (poluição sonora). Quanto às substâncias químicas, inúmeras mostram-se patentemente venenosas. E o oxigênio, o gás vital? Sabe-se que 3/4 do oxigênio são devolvidos à atmosfera pelas plantas e 1/4 pelo fitoplâncton que flutua nos oceanos (formado de plantas verdes unicelulares). Derrubando as árvores e lançando resíduos tóxicos nos mares, reduz-se aquele gás pouco a pouco.

Embora muitos cientistas tenham dado brados de alarme e escrito obras esclarecedoras, poucos avaliam a magnitude e a significação do problema da destruição do ambiente em que vivemos. Os poluentes podem espalhar-se muito longe e perdurar longamente. Não poucos afetam a saúde humana, originando enfisema, asma, bronquite, câncer

pulmonar e conjutivite, por exemplo. Interrogase: a crosta e a atmosfera terrestres poderão suportar e manejar tamanha cópia de materiais perniciosos à vida? Quanto mais industrioso é o homem, tanto mais se degrada o meio no qual tem de viver. O combate à poluição exigirá quantias gigantescas de dinheiro e vastíssimos recursos técnicos, ainda não elaborados.

Círculos viciosos. Prevê-se que antes de 2100 as referidas atividades terão chegado ao limite do seu crescimento. Sem medidas corretivas, ficar-se-á envolvido nos seguintes círculos viciosos, promanados das informações resumidas acima:

1. O aumento da população determina maior quota de alimentos.
  2. A produção de alimentos cresce com o acréscimo de capital.
  3. Mais capital leva a consumir maior cópia de recursos naturais.
  4. O uso deles na indústria e na agricultura gera poluição.
  5. E, finalmente, a diminuição das reservas de matéria prima e a poluição conduzem à redução tanto da população quanto dos alimentos!
- É um ciclo fechado difícil de romper. Esperase que, entre 2000 e 2050, haja somente ampliação da população e da poluição. E que, até 2100, tudo esteja em decréscimo, vindo o colapso logo a seguir: terão sido ultrapassados os limites

naturais do crescimento por falta de matéria prima, ruína da agricultura e hipertrofia da poluição. Tal é a perspectiva da humanidade se o ritmo de atividade continuar como é agora — não se levando em conta fatores agravantes, como guerras e epidemias, que apressariam a decadência do nosso mundo: o progresso sozinho acabará com a civilização...

Esperanças. Talvez se dobrássemos a quantidade de recursos naturais (supondo novas descobertas de minerais, petróleo, etc), a coisa se equilibrasse. Não — cresceria tanto a industrialização que a poluição, o eterno fantasma, se tornaria mortífera e, afinal, os recursos acabariam com mais alguns anos. E um aumento das áreas verdes? A grande esperança seria a própria tecnologia, mediante a descoberta de novos materiais e novas técnicas. Por exemplo, a inesgotável energia atômica traria magnas facilidades na mineração e na indústria; mas, far-se-ia acompanhar de vasto incremento da poluição (e da pior espécie), além do altíssimo preço. Parece que o X do problema é a poluição. O caso é que o seu controle é tecnicamente muito difícil e economicamente pouco viável em face do custo excessivo. Ainda que se conseguisse controlar a poluição e reduzir o consumo de matéria prima natural, cresceriam a produção industrial e a população, acarretando deficiência

de alimentos. Se a agricultura progredisse muito, por meio de novas técnicas, decorreria grande aumento de alimentos a par da industrialização; seria ótimo para a população, que poderia reproduzir-se à vontade — mas, a poluição tornar-se-ia letal... Não há saída, conforme as coisas passam-se agora!

O que se pode dizer é que a aplicação de soluções tecnológicas poderia prolongar o período de crescimento, mas não eliminar as condições desfavoráveis; adiar, mas não impedir o desastre. Isto só quanto aos aspectos materiais, volte a reafirmar-se.

É bom acentuar que a tecnologia, junto com os amplíssimos benefícios que introduziu na vida humana, permitindo criar utilidades e prolongar a vida humana, trouxe também uma série não pequena de problemas ou efeitos deletérios. Acabamos de examinar a explosão populacional, a depleção dos recursos naturais (sobretudo minerais) e a contaminação do meio (poluição e resíduos sólidos). Favorece ainda a migração de gente do campo para as cidades, atraídas pelas aparentes facilidades; a formação de impérios industriais e comerciais, concentrando a riqueza nas mãos de poucos; a violência e a guerra. Mas, de fato, só o esgotamento das reservas naturais de matéria prima e a poluição são obra exclusiva da tecnologia.

Agora, cumpre atentar para o outro lado da estória: não podemos, se somos racionais e lógicos, considerar a tecnologia como perniciosa ou inútil — a despeito dos seus reconhecidos inconvenientes. Todo o nosso estilo de vida depende das suas realizações. Que dizer dos veículos motorizados, das geladeiras, do cinema, dos aparelhos médicos, dos medicamentos essenciais, das máquinas impressoras, dos computadores?... Muitos dos desenvolvimentos técnicos são indispensáveis ao futuro da espécie humana. Afirma o fotoquímico inglês G. Porter (1973): "O nosso progresso tecnológico é parte da evolução do homem". Poucos hão de querer voltar à áspera luta pela existência e à escravidão do árduo trabalho braçal. Muitos desejam a redução das aplicações técnicas ou mesmo suspendê-las — mas a população continuaria a crescer... Vimos antes que a comunicação de Vaucanson prova que o caminho da evolução terrena tinha de ser tal é.\*

---

*\* Nota da Editora: A comunicação em referência está publicada na Revista Espírita de março de 1864 (ano VII). Aliás, inicialmente, pelo médium Leymarie, Jacquard se manifesta referindo-se ao desejo de que fora possuído de melhorar as condições penosas de trabalho do velho tear de Vaucanson, fazendo célebre advertência: "— Pobre humanidade! És estúpida quando estacas, cruel quando avanças..." Isto porque os melhoramentos foram eficientes, aumentando a automatização*

Soluções não-técnicas. Não podemos, assim, eliminar a tecnologia e se ela continuar, seremos nós os eliminados. Urge, portanto, introduzir um novo fator na questão — controles deliberados do crescimento da população e da produção industrial, os dois fatores que aumentam desordenada e verticalmente, sugerem Meadows e Cols. Como a Terra é limitada em suas dimensões e capacidade, restrições serão necessárias ao seu povoamento e utilização, dizem-nos. É preciso romper os círculos viciosos apontados para evitar o colapso material no próximo século.

Que medidas levariam a tal resultado?

A imposição de controles da natalidade e da produtividade, desviando o capital da fabricação de utilidades materiais, é praticamente impossível, pois o homem de negócios não está preparado para renunciar a suas ambições e inclinações. Mas, essas medidas corretivas e estabilizadoras terão de ser tomadas já; não é possível esperar até o ano 2000: seria tarde demais, prevê-se. Ora, o que o ser humano indisciplinado da era presente mais detesta é controle, restrição, limitação. Contudo, o fato irrecusável é que



*e diminuiram a mão de obra, determinando o desemprego, cujas queixas tanto o abalaram. Dá ainda nova mensagem, vindo a seguir a de Vaucanson, reconhecendo que ninguém pode insurgir-se contra o progresso. Prevê que o homem substituirá sucessivamente as operações manuais pela força da inteligência.*

mudanças fundamentais se revelam indispensáveis, antes que a natureza imponha uma limitação definitiva por esgotamento.

O estado de equilíbrio (em que a população e o capital se encontrem estabilizados e proporcionais), não tendo em conta os desajustes sociais, exigirá forçosamente restrições a certas liberdades humanas e ao egoísmo individual. Já agora se invoca o lado moral da questão — "uma mudança básica de valores e objetivos em níveis individuais, nacionais e mundiais". Acentuam Dubos & Ward: "a situação é grave se permanecer como está e no ritmo em que as coisas se processam, sem nenhuma intervenção do homem para conter este estado de coisas". Por outras palavras: "caminhos inteiramente novos são necessários... a iniciação de novas maneiras de pensar... liberar forças morais, intelectuais e criativas necessárias para iniciar-se tal empreendimento..."

Todavia, pergunta-se, por que ele faria isso, de súbito, sem mais nem menos, se ama comer, beber, divertir-se, ganhar o máximo sem considerar os meios e estar bem acima dos seus semelhantes? Que tipo de educação recebe desde a infância, senão a que objetiva ensiná-lo a competir e a "vencer na vida" a qualquer preço?

O que lhe falta é respeito e amor ao próximo, é solidariedade e cooperação, é sentimento de

fraternidade, tudo isso aliado à ignorância dos valores do espírito. O que realmente se faz mister, acima de tudo, é uma revolução moral, uma transformação interior, conforme dizem A. Toynbee e o Espiritismo, trocando os valores de compra e venda por valores humanos (Wiesner) ou, ainda, os valores da Revolução Industrial pelos valores de São Francisco de Assis (Toynbee). Semelhante auto-reforma teria de acompanhar-se de objetivos espirituais em lugar de aspirações materiais vulgares e exclusivas, isto é, competir no interesse próprio, lutar pelo poder, etc. Mudar a sociedade nesse sentido, buscando o equilíbrio social, econômico e ecológico, é tão difícil "a ponto de exigir uma revolução copernicana da mente", esclarecem Meadows e Cols. É a supra dita revolução moral: o que tem de mudar, primeiro, é o homem interior, o pensamento e o sentimento, as maneiras de avaliar, julgar e sentir; depois, a orientação e a conduta.

Epílogo: a intervenção do Alto

Ficamos cientes de que o tempo é escasso para que sobreviva a espécie humana em estado útil de existência. O esforço terá de ser empreendido nesta geração, já, sem demora. Uma nova orientação da atividade humana no planeta deverá ser estabelecida até o final do



século XX. Isto coincide com informações que muitos espiritualistas possuem a respeito do chamado Terceiro Milênio, no qual se esperam fundas modificações no panorama moral do ser humano e, conseqüentemente, na crosta terrena. Prevê-se, desde a época de Allan Kardec, e têm-se recebido variadas informações pertinentes, um expurgo espiritual em torno do ano 2000, mediante o qual a Terra se livraria de seus habitantes mais persistentes na prática do mal. Tal operação (de que já falamos anteriormente) seria efetuada aproveitando situações calamitosas desencadeadas pelo próprio homem. Deus, que é amor, não condena ninguém; utiliza sua Lei os desmandos em favor da recuperação dos que entraram num fundo de saco evolutivo, levando-os a mudar de rumo através do sofrimento gerado pela própria culpa. Inúmeros espíritos fixados no egoísmo feroz e no orgulho, que os conduzem constantemente ao abuso contra o próximo e torna-os antifraternos e endurecidos nas ações maléficas, seriam atraídos para outro planeta, no qual vigoram árduas condições de existência. Para esse mundo primitivo seriam automaticamente encaminhados em virtude da sintonia magnética; suas vibrações inferiores estariam harmonizadas com o baixo padrão vibratório do novo ambiente, onde poderão exercer suas atividades costumeiras na satisfação

de ambições e impulsos menos dignos. Aí ficarão até que, exaustos pela dor proveniente de suas ações culposas em face da lei de amor, justiça e fraternidade, mudem interiormente e mostrem-se aptos a regressar ao ambiente então espiritualizado da Terra. Será uma reedição da estória da Capela, que relatamos anteriormente; agora é a vez da Terra exportar seus filhos rebelados contra o bem geral e adeptos do bem pessoal apenas.

Haverá, portanto, magna redução da população terráquea, que, além disso, terá uma natureza moral bastante superior à atual. Decorre dessa circunstância que os recursos naturais passarão a ser utilizados com a devida parcimônia e as produções industrial e agrícola permanecerão dentro de limites justos — pois são de prever-se, nessa época que se avizinha, equitativa distribuição de bens (sem acumulação em certas mãos) e acentuada simplicidade (já que as pessoas estarão empenhadas em valorizar as coisas referentes ao aspecto espiritual da vida).

Em conclusão, se o ser humano, por si só, é incapaz de controlar a ambição e o egoísmo, não podendo coibir o excesso de produção, a distribuição egocêntrica dos bens, a devastação da natureza e a degradação do ambiente — e os decorrentes desajustes sociais — Deus, pelas misericordiosas mãos de Jesus, secundado por

espíritos superiores, tem a solução ideal que conduzirá o planeta e seus habitantes ao porto de salvação. Que o homem comum por si mesmo não consegue governar seus impulsos destrutivos é mais do que manifesto. Não é só porque tal afirmem livros e mais livros de Psicologia. Todos sabem dos perigos generalizados da radioatividade e inúmeras são as advertências a respeito. E, no entanto, as bombas atômicas foram utilizadas, têm sido aperfeiçoadas e estão sendo fabricadas e armazenadas. Logo, poderão ser usadas um dia destes novamente.

Abandonemos as cogitações puramente materiais (sem desprezar a matéria). O homem é um espírito imortal revestido de um corpo material como instrumento de progresso. A vida não é para se perder tempo e saúde com prazeres embrutecedores (sem repudiar o prazer). Como a revisão dos valores é inevitável — mostra-o a ciência terrena e afirma-o o Mundo Espiritual — cuidemos agora da transformação moral com vistas ao progresso do Espírito imortal de que não podemos escapar.

Tal é o epílogo deste livro e adeus...

## LITERATURA PRINCIPAL

Adler, A. 1949 — Understanding Human Nature. Permabooks, New York, 242 p.

Aguarod, A. 1945 — Grandes e Pequenos Problemas. Feb, 2ª ed., RJ, 264 p.

Alves Garcia, J. 1948 — Compêndio de Psiquiatria. A Casa do Livro, 2ª ed., RJ, 547 p.

Amadou, R. 1956 — La Parapasilogia. Trad. Argentina. Ed. Pards, Buenos Aires, 409 p.

André Luiz — Livros citados no texto.

Bhabha, H. 1956 — Conferência sobre a utilização da energia atômica para fins pacíficos. Ciência e Cultura, 8 (2): 86-92.

Bezerra de Menezes, A. 1946 — A Loucura sob Novo Prisma. Feb, 2ª ed., RJ, 186 p.

Boutroux, E. 1924 — Sciencia e Religião na Filosofia Contemporânea. Liv. Garnier, RJ, 371 p.

Brenner, C. 1969 — Noções Básicas de Psicanálise. Imago Ed., Rj, 198 p.

Comte, A. 1907 — Cours de Philosophie Positive, vol. 1. Schleicher Frères ed., Paris, 410 p.

- Cuenót, L. 1951 — L'Evolution Biologique. Masson et Cie., Paris, 592 p.
- Delanne, G. 1952 — O Espiritismo Perante a Ciência, Feb, RJ, 352 p.
- Delanne, G. 1952 — A Evolução Anímica. Feb, RJ, 285. p.
- Delanne, G. 1948 — Investigaciones sobre la Mediunidade. Ed. Constancia, Buenos Aires, 502 p.
- Denis, L. 1952 — Cristianismo e Espiritismo. Feb, RJ, 5ª ed., 330 p.
- Emmanuel — Livros citados no texto.
- Ferreira, I. 1947-49 — Novos Rumos à Medicina, 2 vols. A Flama, Uberaba, 270 e 295 p.
- Ferreira, I. 1956 — A Psiquiatria em Face da Reencarnação. A Flama, Uberaba, 182 p.
- Fromm, E. 1968 — Análise do Homem. Zahar Ed., RJ, 6ª ed., 211 p.
- Fromm, E. 1968 — Medo à Liberdade. Zahar Ed., RJ, 6ª ed., 235 p.
- Fromm, E. 1967 — Psicanálise da Sociedade Contemporânea. Zahar Ed., RJ, 5ª ed., 347 p.
- Guntrip, H. 1967 — A Cura da Mente Enferma. Zahar Ed., RJ, 286 p.
- Geley, G. 1958 — Resumo da Doutrina Espírita. Ed. Lake, SP, 2ª ed., 194 p.
- Hall, C. S. 1955 - A Primer of Freudian Psychology. The New American Library, New York, 127 p.

Hingston, E. W. G. 1931 - Problèmes de l'instinct et de l'intelligence chez les insectes. Trad, francesa.

Horney, K. 1969 — A Personalidade Neurótica de Nosso Tempo. Ed. Civilização Brasileira, RJ, 211 p.

Horney, K. 1966 — Novos Rumos na Psicanálise. Ed. Civil. Brasil., RJ, 260 p.

Horney, K. 1966 — Neurose e Desenvolvimento Humano. Ed. Civ. Bras., 245 p.

Horney, K. 1969 — Conheça-se a si mesmo. Ed. Civ. Bras., 234 p.

Huxley, J. 1957 — Religion without Revelation. Max Parrish, Londres, 2- ed. 252 p.

Ingenieros, J. 1928 — O Homem Medíocre. Montevideo, 198 p.

Kardec, A. — Livros citados no texto.

Miller, G. A. 1967 — Some Psychological Perspectives on the Year 2000. Daedalus, p. 883-896.

Mira y Lopes, E. 1949 — Quatro Gigantes da Alma. J. Olympio, RJ, 259 p.

Mira y Lopes, E. 1960 — Problemas Atuais de Psicologia. Ed. Científica, RJ, 230 p.

Mullahy, P. 1969 — Édipo: Mito e complexo. Ed. Zahar, RJ, 2ª ed., 357 p.

Muraro, R. M. 1968 — Automação e o Futuro do Homem. Ed. Vozes, Petrópolis, 154 p.

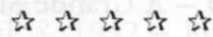
- Murphy, J. 1963 — O Poder do Subconsciente. Distr. Record, RJ, 6ª ed., 243 p.
- Müssen, P. II. 1968 — O Desenvolvimento Psicológico da Criança. Zahar Ed., RJ, 3ª ed., 153 p.
- Perrier, E. 1888 — Anatomie et Physiologie Animales. Hachette et Cie., Paris, 501 p.
- Pires, II. J. s/d — Parapsicologia e suas Perspectivas. Edicel, SP, 238 p.
- Ralph, J. 1934 — Conheça-te pela Psicanálise. J. Olympio, RJ, 279 p.
- Ramon y Cajal, S. 1942 — Regras e Conselhos sobre a Investigação Científica. Ed. Científica, RJ, 218 p.
- Rhine, J. B. 1947 - The Reach of the Mind. W. Sloane, New York, 235 p.
- Rhine, J. B. 1953 - New World of the Mind. W. Sloane, New York, 339 p.
- Rhine, L. 1966 — Canais Ocultos do Espírito. Bestseller, SP, 259 p.
- Richet, C. 1923 — Traité de Métapsychique, Paris.
- Richet, C. 1937 — O Homem de Ciência. Trad, portuguesa, A. Amado, Coimbra, 188 p.
- Rizzini, C. T. 1957 — Determinismo e livre arbítrio. Ilustração Espírita, SP, 2 (4): 1-6 e 2 (5): 11-14.
- Rizzini, C. T. 1972-73 — Delanne e o Inconsciente. Revista André Luiz, 3 (7-8): 8-9; 3 (9-10): 4-5; 3 (11-12): 16-17.

- Rizzini, C. T. 1990 — Evolução para o Terceiro Milênio. Edicel, Brasília, 8ª ed., 352 p.
- Thompson, C. 1969 — Evolução da Psicanálise. Zahar, Ed., RJ, 223 p.
- Trevisan, L. 1982 — O Poder Infinito da sua Mente. Liv. Ed. e Distrib. da Mente, Santa Maria, RS, 143ª ed., 80 p.
- Tromp, S. W. 1947 - The Religion of the Modern Scientist. A. W. Sylhoff, Leiden, 480 p.
- Ubaldi, P. 1950 - A Grande Síntese. Ed. Lake, SP, 441 p.
- Vianna de Carvalho, 1968 — À Luz do Espiritismo. Livraria Alvorada, Salvador, 156 p.
- Way, L. 1956 - Alfred Adler. A Introduction to his Psychology. Penguin Books, Londres, 252 p.
- Willis, J. C. 1949 - The Birth and Spread of Plants. Boissiera, Genebra, vol. 8, 561 p.

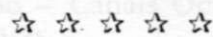


## CARO LEITOR

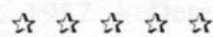
Mancira simples de você ficar bem informado sobre as conquistas do Espiritismo no Brasil e fora dele. Assine o jornal O Clarim e a Revista Internacional de Espiritismo. O que mais você tira destas duas publicações é o conteúdo doutrinário.



Se não encontrar nas livrarias o livro espírita de sua preferência, peça-o diretamente através do Serviço de Reembolso Postal, pelo Fax (016) 282-1647 ou através do e-mail [clarim.mto@netsite.com.br](mailto:clarim.mto@netsite.com.br)



Também fornecemos gratuitamente, desde que solicitado, o catálogo dos livros por nós editados.



CASA EDITORA O CLARIM  
Rua Rui Barbosa, 1070 – CEP 15990-000  
– MATÃO - SP

Fique bem informado sobre o Espiritismo no Brasil e no Exterior.



Torne-se assinante destes dois periódicos mensais.

## ENTRE A MATÉRIA E O ESPÍRITO



*Autores: A. C. Perri de Carvalho  
Oswaldo Magro Filho*

Trata-se de uma obra que oferece enorme contribuição ao leitor interessado em conhecer a vasta pesquisa sobre as faculdades e peculiaridades do espírito e o seu relacionamento com a matéria.

224 páginas • Cód. 05071



## PENSAMENTOS SOBRE O SER

*Autores: Albert Carnus (Espírito)/  
Nora T. Al. N. Sakamoto*

"Para que criarmos a ilusão de vivermos numa desarmonia quando somos harmonia? Então por que não procurarmos enxergar o que está em nosso interior e projetarmos para o exterior?"



Cód. 05096 - 176 páginas

**Pedidos: Casa Editora O Clarim - Cx. Postal 9  
15990000 - Matão-SP - Fax: (016) 282-1647**

# PSICOLOGIA & ESPIRITISMO

Depois de "Evolução para o Terceiro Milênio" Carlos Toledo Rizzini oferece-nos postumamente um livro de vulto que todo leitor espírita (ou simpatizante da Doutrina) não se deve furtar de conhecer, abrangendo a psicologia e a psicanálise, o comportamento humano, a razão e a fé, a matéria e o espírito, a energia e a vontade, numa visão em que o Espiritismo triunfa com seus consistentes arrazoados à luz do que há de mais novo na Ciência contemporânea.



CASA EDITORA  
**O CLARIM**

Lançamentos oportunos  
culturais-doutrinários.

ISBN 85-7357-802-4



9 788573 570021